

REVISTA ALPL

Nº4

Londrina, Dezembro de 2022

LIVRE
11. Jornada
Psicopatologias:
Sujeito e Estrutura
21 e 22 de novembro
2019

LIVRE
VIII JORNADA DA ASSOCIAÇÃO LIVRE - PSICANÁLISE EM LONDINA
ANGÚSTIA
JORNADA ON-LINE
Google Meet
17 e 24.04.21
DAS 09H AS 12H
INSCRIÇÕES EM:
WWW.ASSOCIACAO LIVRE.PSICANALISE.COM.BR/EVENTOS/
VOTA A JORNADA QUE ENVIARDO APÓS A CONFIRMAÇÃO DA INSCRIÇÃO.

O ATO ANALÍTICO
COM DURVAL CHECHINATO
Um dos pioneiros do psicanálise brasileiro no Brasil
Ex-membro do Comitê Provisório de Férias e do fundador
da primeira sociedade de psicanálise brasileira do
Brasil: Grupo de Estudos Freudianos (GEF).
23 e 24 DE NOVEMBRO NO AUDITÓRIO DA ACIL
Associação Comercial e Industrial de Londrina
Endereço: Edifício Fátima de Souza, 8, Fátima Souza, 357 - Centro, Londrina - PR

LIVRE
PSICANÁLISE EM LONDINA
MAIOR, DES...
I Jornada da
LIVRE
O analista: sua função e
formação
23 DE NOVEMBRO
2013
Londrina/PR
www.associacaoativrepsicanalise.com.br

LIVRE
VII JORNADA DA ASSOCIAÇÃO LIVRE - PSICANÁLISE EM LONDINA
SINTOMA
AS IMPROPRIEDADES DO CORPO
LEONARDO DANZIANO
PSICANALISTA ASSOCIADO FUNDADOR DO INSTITUTO PSICANALÍTICO
MARCUS FALCÃO - FUNDADOR DA PSICANÁLISE

LIVRE
IX JORNADA
OBJETOS DA PSICANÁLISE
PARTICIPAÇÕES ESPECIAIS
Aurelio Souza, Sandra Pedreira
e Clara Crugliak.
COMEMORAÇÃO
DOS 100 ANOS
DE 22 A 23 DE NOVEMBRO, DAS 8H30 AS 19H00
V JORNADA PSICANALÍTICA
O FAN...
23 e 24 DE NO...
ASSOCIAÇÃO
LIVRE
PSICANÁLISE EM LONDINA

LIVRE
TV JORNADA PSICANÁLISE EM LONDINA
A Repetição
MACHO DE LINDA PEREIRA

Apresentação da Revista ALPL

Lançamos hoje nossa quarta edição da revista ALPL que teve seu primeiro lançamento em 2018. Nossa revista vem abrindo espaço para o que pode ser escrito sobre um percurso de nossa práxis em intensão e em extensão. Escrever é uma prática fundamental para a **Psicanálise freudo-lacaniana**. Escrita é o que o analisante pode fazer em sua análise, escrita é o que o psicanalista faz em sua formação. Consideramos essa edição especial por estarmos comemorando este ano 10 anos da fundação de nossa Associação e contamos com a contribuição de psicanalistas muito queridos que acompanharam nossa trajetória desde do início do percurso de nossa trajetória. Conhecemos um pouco de como se deu seus encontros e percursos com a psicanálise, fomos agraciados com entrevistas, ensaios e artigos sobre atualidades e criamos uma nova seção convidando jovens analistas a participarem desta escrita que nos é tão necessária.

A revista está aberta à submissão de artigos que tenham como mote a **Psicanálise** em intensão e/ou em extensão, em seus mais variados recortes, além de seções para a publicação de ensaios, resenhas ou entrevistas.

Espero que façam uma proveitosa leitura e recebam com muito carinho as letras de psicanalistas que nos são tão caros!

Ana Cláudia Raymundi Spigai
Coordenação Editorial.

Revista ALPL N.4
Ano 2022

Projeto Gráfico
Gabriel Xavier Felipe

Corpo Editorial
Coordenação: Ana Cláudia Raymundi Spigai e Ana Márcia F. T. de Carvalho
Edinei Suzuki
Josani Campos da Silva
Marina de Paula
Mônica Maria Silva

Associação Livre - Psicanálise em Londrina
Rua João Wyclif 111, sala 302
86055-710 - Londrina Pr - Brasil
E-mail: revistaalpl@gmail.com
www.associacaolivrepsicanalise.com.br

Índice

Editorial	4
Ensaio	5
Artigos	16
Desejo e Fantasma no percurso de uma análise	18
O que se pede no acting out	24
A angústia e a cessão do objeto	30
A Angústia e o ato	36
Nossos Tempos	42
Um pouco de História	44
El Deseo del Analista	45
Era uma Vez	52
Um Pouco de História	57
O Objeto da Psicanálise e seus efeitos na Prática Analítica	59
Entrevista	70
Jovens Analistas	72
A psicanálise e os tempos	74
Normas de submissão e publicação	80

Links

[Apresentação](#)

[Corpo Editorial](#)

[Normas para Publicação](#)

[Endereço de Contato](#)

[Edição Atual](#)

[Edições Anteriores](#)

Edito rial

Com alegria apresentamos esta 4ª. edição da Revista ALPL que também pretende marcar a comemoração dos 10 anos da Associação Livre Psicanálise em Londrina. Nossos convidados estiveram ao longo dos últimos anos nos prestigiando de diversas formas e aqui, mais uma vez, apresentam textos que nos instigam com o rigor da teoria e a desenvoltura da escrita.

Reafirmamos, assim, nosso compromisso com a circulação e transmissão da psicanálise, bem como com os preceitos éticos que a permeiam.

Iniciamos essa edição com o ensaio “O analista: sua função e formação”, da psicanalista Valéria Codato, membro da Associação de Psicanálise de Maringá, Ato Analítico. Valéria discorrerá da formação e a função do analista, propondo que a tríade análise pessoal, análise de controle (supervisão de casos) e estudos teóricos sejam considerados de um ponto de vista topológico, tal qual um nó borromeano, para considerar que a partir do lugar central da falta e da posição de não saber, um analista se posiciona e se movimenta para produzir seu tripé. Valéria ainda nos indicará a função de uma associação analítica, como o dispositivo necessário para que o analista aconteça, mesmo que consideremos que sua formação é interminável.

Na sequência, apresentamos um conjunto de quatro artigos, produções de membros da ALPL. “Fantasma e Desejo”, por Ana Cláudia Raymundi Spigai, vai nos apresentar uma relação entre desejo e fantasma e suas inscrições no grafo do desejo e a partir disso, apresentar o manejo clínico e o que se visa em um percurso de análise em relação ao fantasma.

Edinei Suzuki apresenta o texto “O que se pede no acting out”, onde trará o conceito de acting out atrelado à experiência clínica atual, com o pano de fundo da pandemia da Covid-19.

Ainda compondo nossos artigos, o leitor encontrará “Dente Canino”, por Marina de Paula. Neste trabalho, Marina articula a problemática da angústia, proposta por Lacan no seminário X com a questão do objeto a e do desejo, valendo de uma análise do filme grego Dente Canino, de Giorgos Lanthimos. O argumento que Marina defenderá, valendo-se de uma cena que permite analogia de um dente caído em uma pia, é o de que somente na função da perda o objeto assume a função de causa do desejo.

O último artigo dessa seção é de Maria Gabriela Calegari, “A angústia e o Ato”,

apresentando uma correlação entre esses dois conceitos lacanianos e a clínica laciana ou, nos dizeres da autora: “Quais são as possíveis respostas do sujeito frente a esse afeto que não engana e o que são os atos em uma análise?”

Em seguida, apresentamos a Entrevista com Lígia Gomes Víctora, atualíssima. Ela nos contará de sua história, sua relação com a Psicanálise e o envolvimento com a topologia laciana e também irá comentar como a pandemia da Covid-19 afetou a prática clínica, com a necessidade do atendimento on-line.

Na seção “Nossos tempos” encontramos Leonardo Danziato. Psicanalista de Fortaleza, professor de pós-graduação na Unifor. Leonardo também participou da nossa VII Jornada, em 2019, Corpo e Sintoma. Para essa edição da Revista ALPL, Leonardo nos falará da “Reinvenção da Psicanálise”, convocando os psicanalistas a, mais uma vez, ocuparem uma posição de escuta frente aos novos laços sociais que se estabelecem, via linguagem, nesses tempos pós pandemia.

Em Um pouco de História fomos agraciados com a colaboração dos psicanalistas Aurélio de Souza, Zeila Torezan e Clara Cruglak. Aurélio participou da II, III e IV Jornadas da Associação Livre, em 2014, 2015 e 2016, respectivamente. Clara, foi a conferencista na IV Jornada de Psicanálise da ALPL. Zeila é um membro fundador da ALPL, participante ativa de várias de nossas atividades, conduz inúmeras delas. Os textos apresentados por esses psicanalistas nos instigam e mostram, de maneira simultânea, rigor teórico e interlocução clínica.

Para finalizar essa edição comemorativa, apresentamos a seção Jovens Analistas, com Leonardo Piva que nos apresenta um artigo que percorre brevemente alguns caminhos existentes entre psicanálise e tempo.

Ana Márcia F. T. de Carvalho

Ensaio

O analista: sua função e formação

Valéria M. Codato¹

Pois, se pudermos definir ironicamente a psicanálise como o tratamento que se espera de um psicanalista, é justamente a primeira, no entanto, que decide sobre a qualidade do segundo. (Lacan, 1998/1956, p. 462).



Diferentemente da posição de Lacan ao fundar a Escola Francesa de Psicanálise em 1964 , declaro que *“não estou sozinho em minha relação com a causa psicanalítica”*. Compartilhar minhas ideias aqui legítima não somente a interlocução necessária em nosso campo, como também o pressuposto de que *“cada analista se faz sozinho e entre pares”*. E se faz sozinho na medida em que é a investigação de seu próprio inconsciente que lhe dará condições para escutar o inconsciente e dirigir a cura de outros; se faz entre pares, pois não há autoanálise que sustente esse processo. A análise pessoal se dá sob os trilhos da transferência, ou seja, sustentada na relação com o Outro, bem como a supervisão de casos clínicos (análise de controle) e os estudos teóricos, que edificam um percurso de formação do analista.

Podemos falar da função e formação **do** analista ou da função e formação de um analista? **O Analista** não existe, assim como dizemos que **A Mulher** não existe. Fazem-se um-a-um, em torno de um lugar de falta: falta-em-saber, falta-em-ter, falta-em-ser. Lugar do não-todo (ou não-toda) assegurado pela operação da castração.

Lacan afirma ter falado sobre as formações do inconsciente e não da formação do analista. Evidenciava suas preocupações em não instituir uma padronização na formação de analistas, tal qual encontrada na IPA desde sua fundação – definição do número de sessões, duração da análise, escolha do analista e do supervisor feitas pela instituição – o que contraria os conceitos fundamentais da psicanálise.

Para argumentar que as formações do inconsciente são o guia da formação de um analista, recorremos a Freud, no texto *“Recomendações ao médico para o tratamento psicanalítico”*:

Há anos, quando perguntado sobre como nos transformamos em analistas, respondi: através da análise dos próprios sonhos. Certamente, essa preparação é suficiente para muitas pessoas, mas não para todas que querem aprender a análise. Também não são todas as que conseguem interpretar os próprios sonhos sem ajuda de terceiros. (Freud, 2021/2012, p.100).

Fazer-se analista analisando os próprios sonhos implica dizer, em primeiro lugar, que a subjetividade do analista é o objeto principal de sua formação. Sua capacidade de operar analiticamente decorrerá, principalmente, de seu desejo decidido de se escutar e se fazer escutar, a partir do reconhecimento de seus próprios desejos e fantasias inconscientes, sendo o sonho a via régia para tal. E, para além dos sonhos, outras formações do inconsciente devem participar dessa série – atos falhos, lapsos de linguagem, chiste, sintoma.

No texto “A questão da análise leiga”, ao defender que a psicanálise não deveria se restringir à classe médica, Freud (2021/1926, p.262) advertimos de que “A preparação para a atividade analítica não é tão fácil e simples como se pensa, o trabalho é difícil, a responsabilidade é grande”.

Acrescenta que, na formação de um analista, devem constar estudos sobre literatura, antropologia, história das religiões e das civilizações, filologia ou ciência da linguagem e, ao indagar quem estaria qualificado para a prática psicanalítica, deixa claro que a psicanálise não estaria protegida por diplomas (médicos), mas por analistas analisados.

Ideia que também encontramos, anos depois, nos artigos freudianos reunidos como “Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise” (2013/1933, p.150): “ninguém tem o direito de intervir numa discussão da psicanálise se não adquiriu determinadas experiências, que apenas mediante a própria análise podem ser adquiridas”.

O texto freudiano sobre a análise leiga tem sido revisitado insistentemente num tempo em que cursos livres de psicanálise proliferam tal qual “uma febre que faz pipocar escolas como cogumelos depois da chuva”, conforme expressão do psicanalista Ricardo Goldenberg (1992, p.13). Ali onde Freud (2021/1926) fala em defesa de seu discípulo Dr. Theodor Reik, acusado de charlatanismo por exercer a prática da psicanálise sem possuir o título de médico, encontramos fortes argumentos contrários à regulamentação estatal de nosso ofício.

Contudo, sustentar a psicanálise como uma atividade leiga e ao mesmo tempo mantê-la protegida do charlatanismo não tem sido tarefa fácil desde sua origem. E, para que a psicanálise possa perdurar, recuar desse nosso legado é inadmissível!

Como afirma Roberto Harari em seu livro *O psicanalista, o que é isso?*: “a psicanálise é marginal,

Acrescenta que, na formação de um analista, devem constar estudos sobre literatura, antropologia, história das religiões e das civilizações, filologia ou ciência da linguagem e, ao indagar quem estaria qualificado para a prática psicanalítica, deixa claro que a psicanálise não estaria protegida por diplomas (médicos), mas por analistas analisados

deve ser marginal, com todo o incômodo que isso, por certo, causa a todos que queremos chamar psicanalistas. Deve ser marginal porque na medida em que o deixa de ser, o preço que paga é deixar de ser psicanalista” (Harari, 2008, p.76)

Suas indagações sobre o que são os psicanalistas, como se formam e o que fazem, evidenciam a existência de uma dobradiça entre a função e a formação, pois o que fazemos é a mesma operação da qual somos feito. O enlace entre formação e função se produz porque só poderá sustentar a função analista aquele que se submeteu ao processo de análise e se dispôs a um percurso de estudos teóricos e clínicos.

Aqui encontramos o famoso tripé da formação destacado por Freud – análise pessoal, análise de controle (supervisão de casos) e estudos teóricos – que certamente não deve ser seguido burocraticamente tal qual um protocolo padronizado para uma produção de analistas em série. Proponho que essa tríade seja tomada topologicamente ao modo borromeano, ou seja, seguindo o modelo do nó ou cadeia borromeana, conforme foi utilizado por Lacan, a partir dos anos 70, para mostrar a estrutura psíquica num enodamento de três anéis – Real, Simbólico e Imaginário – que são igualmente importantes e estabelecem uma solidariedade de vizinhança entre si de tal forma que, se um deles se soltar, os demais se desenlaçam. Há que se considerar ainda a importância do furo central – lugar do objeto a – que garante o lugar da falta em torno da qual os outros três anéis se organizam. Nessa aproximação topológica ingênua, minha proposta é considerar que, a partir do lugar central da falta e da posição de não saber, um analista se posiciona e se movimenta para produzir seu tripé – estudar, se analisar e supervisionar os casos atendidos. Dessa maneira, um percurso de formação dependerá de um investimento que só pode dar-se pela via de um desejo, que Lacan designou como “desejo do analista”.

Estejamos advertidos de que o “desejo do analista” não é o desejo da pessoa do analista, de um sujeito desejante. Embora não descarte que um analista tenha seus desejos pessoais e que não esteja fora do alcance das paixões, a proposição lacaniana é a de que haja um desejo especial que sustente a função do analista. Como salientei em outro texto (Codato, 2022), não se trata aqui do desejo de curar, tampouco de querer o bem do outro, o

que na maioria das vezes acompanha o “desejo de ser analista”, alicerçado em recompensas narcísicas e demanda de reconhecimento, o que pode levar ao pior, pois se revela aqui uma captura imaginária que facilmente o conduzirá a uma prática sugestiva que se opõe radicalmente à ética da psicanálise.

Apassagem de um desejo de reconhecimento – resultante da condição imaginária narcísica que tende a eludir a falta em busca de uma imagem de perfeição – ao reconhecimento de desejo – resultado da operação da castração, que admite a falta, o furo que o Real produz no tecido simbólico-imaginário – se dá pelo trilhamento da experiência da própria análise.

Para apresentar o lugar topológico do “desejo do analista”, Lacan, no *Seminário 8*, parte da concepção de contratransferência, tão cara aos psicanalistas da IPA. Ao tecer suas críticas, é enfático em afirmar que “[...] não existe em ninguém qualquer elucidação exaustiva do inconsciente, por mais longe que seja levada uma análise” (Lacan, 2010/1959-60, p.229). Esse modelo de analista ideal, onde não haveria mais nada de inconsciente, mas que, ao mesmo tempo, o utilizaria para acessar o inconsciente do analisando, afirma ser uma ideia incabível. Afinal, o inconsciente não se esgota, permanece vivo, produzindo seus efeitos em nossas relações com os outros, mesmo para aqueles que tenham chegado ao final de sua análise.

No *Seminário 11*, encontramos:

A formação do psicanalista exige que ele saiba, no processo em que conduz seu paciente, em torno do que o movimento gira. Ele deve saber, a ele deve ser transmitido, e numa experiência, aquilo de que ele retorna. Esse ponto-pivô é o que eu designo – de um modo que, penso, lhes parece já suficientemente motivado, mas que, espero, à medida do nosso progresso, lhes parecerá cada vez mais claro, cada vez mais necessário – é o que designo pelo nome de desejo do psicanalista. (Grifos do autor). (Lacan, 2010/1963-64, p.224-225).

Trata-se, portanto, de um desejo inédito, um desejo que leve em conta o saber sobre o Real. Mais do que definir o que ele pode ser, Lacan, no *Seminário 7*, nos diz o que ele não pode ser: “O que pode ser um tal desejo, propriamente falando, o desejo do analista? Desde já, podemos no entanto dizer o que ele não pode ser. Ele não pode desejar o impossível!” (Lacan, 2016/1964-65, p.352).

Depurado do desejo de curar e despido de preceitos morais, o desejo do analista é, portanto, o ponto eixo que irá fazer girar o dispositivo

analítico. Cabe-nos, então, a pergunta: se não é por amor ao analisando, pela busca de sua cura ou de seu bem, ou ainda pelo ganho financeiro, o que sustenta o ofício do psicanalista?

Ricardo Goldenberg (2022), num artigo recente sobre a regulamentação da psicanálise, menciona, por sua vez, um escrito da psicanalista Vera Iaconelli sobre o tema, que assim o diz:

“Lacan faz a pergunta que não quer calar: por que raios alguém quereria ser psicanalista? Ouvir horas a fio o sofrimento alheio sem responder às demandas do sujeito, sem aconselhar, palpitar, elogiar, criticar e ser objeto de amor e ódio imerecidos ou de queixas de excesso ou falta de compaixão, afetos transferidos das relações originais. Quando se tornou tão atraente assim ocupar esse lugar? Ofício que leva décadas para ser bem remunerado e não tem horário para acabar, pois o inconsciente não dorme”. (Apud Goldenberg, 2022).

A resposta encontramos no *Seminário 7*, em que Lacan assevera que o psicanalista segue uma ética que se desvia do bem comum e da reflexão moral. Guiado pelo “desejo do analista”, diferentemente de uma posição terapêutica ou sacerdotal que visa o bem do outro, encontramos na figura de Antígona (da tragédia de Sófocles) a posição ética do analista de “não ceder de seu desejo”, ou seja, de seguir a “lei do desejo” até as últimas consequências de seu ato. E a lei do desejo exige que se pague com o preço da castração, da perda do gozo, como irei sublinhar mais adiante.

Se, para Freud, toda análise é terapêutica, tanto para aquele que quer se curar de algo quanto para aquele que se propõe à função de analista, para Lacan, entretanto, toda análise é didática quando levada a seu término, pois ela produzirá um analista ao promover uma mutação na economia de seu desejo, “conversão ética radical” (Lacan, 2016/1964-65, p.325) que o autorizará em sua posição de analista.

Harari (2008, p.80) nos lembra a afirmação de Lacan de que a cura vem por acréscimo, “e se vem por acréscimo, é porque nossa meta não é curar, mas investigar o inconsciente”. E, para exercer essa função investigativa, não poderá fazê-lo orientado por suas fantasias (conscientes ou inconscientes), mas a partir de um lugar des-subjetivado, lugar do des-ser ou do morto, conforme encontramos nos escritos de Lacan (1998/1958, p.595): “Mas o que há de certo é que os sentimentos do analista só têm um lugar possível nesse jogo: o do morto; e que ao ressuscitá-lo, o jogo prossigue sem que se saiba quem o conduz.” O lugar do “des-ser”, do “não-saber”, “Sujeito suposto Saber” ou “semblante de objeto a”, como

Lacan em diferentes momentos definiu a posição do analista, advém de uma travessia da paixão da ignorância que todo neurótico carrega e com o qual se confronta no percurso de uma análise. A ignorância situa-se do lado do recalque – horror ao saber – e comanda as formações sintomáticas e fantasmáticas das quais o sujeito padece. Na experiência de uma análise, a paixão pela ignorância inicial será perdida, dando lugar àquele que, ao final desse percurso, poderá “fingir esquecer” o que se passou em sua própria análise para que possa, então, conduzir a análise de outros.

“Fingir esquecer”, como argumenta Diana Rabinovitch (2000), contém uma certa ironia, na medida em que difere do esquecimento próprio do recalque, mas diz respeito ao que é preciso esquecer para que um psicanalista possa se oferecer como Sujeito suposto ao Saber e, assim, deixar livre o espaço do desejo do analista. A ignorância está no início da análise assim como o “fingir esquecer” está no seu final, na passagem de analisante a analista. Tais ideias já estão presentes no texto “Variantes do tratamento padrão”, no qual Lacan (1998/1955, p.351) lança a pergunta: “que deve saber, na análise, o analista?”; e a que responde de imediato: “O que o psicanalista deve saber: ignorar o que ele sabe”.

Contudo, a formação de um analista não se sustenta apenas na análise pessoal. Embora seja repetida aos quatro cantos a toada de que “um analista se forma no divã”, os estudos teóricos ganham importância para que a prática clínica não seja uma fraude. Também devemos considerar que a transferência o conduz a buscar uma análise de controle ou supervisão de casos clínicos, que não diz respeito à ideia de um controle disciplinar por parte de um Outro consistente. Mas é da condição de uma “superaudição” que um outro psicanalista pode despertar o “desejo do analista” que, por vezes, se encontra adormecido e impede os avanços de um tratamento. Se seguirmos a premissa lacaniana de que “não há outra resistência à análise senão a do próprio analista” (Lacan, 1998/1958, p.601), a análise de controle permitirá romper com esse ponto de estagnação do processo.

De uma análise não resulta um analista, mas um psicanalisado, como enfatiza Ricardo Goldenberg (2018, p.71), em seu livro *Desler Lacan*, onde se utiliza de um chiste para falar dessa questão: “Você cumpriu com a missão, mas ainda não é um Jedi”, fazendo alusão à produção cinematográfica *Star Wars*. Enfatiza, desse modo, que o exercício clínico por parte de um psicanalisado não garante que ali haja uma análise. É preciso algo mais!

Ao ocupar a posição de Sujeito suposto Saber endereçada ao analista na transferência, responder do lugar do “não saber” ou da “ignorância douda”,

como também é muitas vezes mencionada a função do analista em sua escuta, não lhe retira a responsabilidade de saber como conduzir o tratamento. Lacan tece críticas aos que conduzem o tratamento sem saber como isso funciona e, ao fundar uma nova Escola de formação de psicanalistas, retoma a ideia freudiana de que devemos abordar cada novo caso clínico como se fosse o primeiro e afirma: “Isto não autoriza o psicanalista, de modo algum, a se dar por satisfeito com saber que nada sabe, pois o que se trata é do que ele tem que saber” (Lacan, 1998/1967, p.154).

Para exercer sua função, portanto, um analista deve estar bem posicionado quanto ao seu saber. Afinal, segundo as palavras de Lacan (1998/1958, p.592): “O psicanalista certamente dirige o tratamento [...] não deve de modo algum dirigir o paciente”. É nesta balança saber/não saber que nossa ética se sustenta, numa amarração entre o desejo do analista e o saber do analista.

Ressaltamos a importância do tripé – análise pessoal, análise de controle e estudos teóricos – para que uma análise não seja conduzida de forma intuitiva. A função do analista exige que sua escuta e suas intervenções sejam fundamentadas em pressupostos teóricos. Cito Lacan (1998/1958, p.225-226): “O que deve predispor um membro da Escola a tais estudos é a prevalência [...] manifesta onde quer que seja – tanto na psicanálise em extensão quanto na psicanálise em intensão – daquilo que chamarei de saber textual”. Prossegue: “A psicanálise tem consistência pelos textos de Freud, esse é um fato irrefutável”.

A afirmação lacaniana “A psicanálise é o tratamento que se espera de um psicanalista” que encontrei ao menos em três momentos diferentes – “Variantes do tratamento padrão” (1998/1955, p.331), Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956 (1998/1956) e no Seminário 15: O Ato analítico (1967-68) –, mais do que uma pirueta retórica, aponta para uma provocação lacaniana com a intenção de despertar os analistas quanto às consequências de sua operação clínica, pois uma análise deve ser conduzida por uma lógica, buscada por Lacan na linguística, na antropologia estrutural, na matemática e na topologia. Ele afasta, portanto, desse campo qualquer referência à magia ou prática intuitiva.

Temos de considerar que, para além de formar seus operadores, a psicanálise é um método terapêutico, um tratamento para o

sofrimento. Mas a psicanálise não é uma terapêutica como as outras. As interpretações e construções em análise apresentadas por Freud foram revigoradas pela clínica de Lacan, que, ao introduzir outras formas de intervenção como o corte, a escansão e a pontuação, destaca as palavras ditas, as não ditas e as mal-ditas por parte daquele que sofre em razão de um saber não sabido que o habita. É no campo da linguagem que a fala alcança a dimensão de um discurso que, como tal, se dirige a um outro não para comunicar, mas para evocar questões e buscar respostas, como salienta Lacan no texto “Função e Campo da fala e da linguagem” no qual seu posicionamento é enfático em resgatar o simbólico e a clínica do significante por ele instrumentalizada:

Seus meios são os da fala, na medida em que ela confere um sentido às funções do indivíduo; seu campo é o do discurso concreto, como campo da realidade transindividual do sujeito; suas operações são as da história, no que ela constitui a emergência da verdade no real. (Lacan, 1998/1953, p.259).

É na sutileza que escutamos o dizer para além do dito, que lemos a letra que se repete na rede de significantes ou no silêncio e toda filigrana que contém o discurso do analisante. O ato analítico é sutil na medida em que a intervenção de um analista – uma pontuação, uma escansão, um corte – atinge como um golpe o ponto de gozo que sustenta um sintoma, uma inibição ou uma manifestação de angústia.

Afinal, entramos em análise para perder. E o que se perde nessa experiência? Ilusões, expectativas, idealizações, o peso do sintoma que toda neurose carrega e, acima de tudo, perde-se gozo. Gozo aqui tomado como uma noção psicanalítica, que aponta para uma satisfação cuja morada está para além do princípio do prazer. Ou seja, uma satisfação pulsional que pode gerar desprazer e sofrimento ao transbordar, ao avançar os limites de bordejamento que o simbólico traça como lei para o desejo. Contudo, nossas intervenções nem sempre têm o efeito de reviramento do discurso entre o dito e o dizer, pois há resistência ali onde o sujeito não quer abrir mão do seu “pacotinho de gozo” incluído em seu sintoma, nas palavras de Izidoro Vegh (1997).

Gosto de quando Lacan (2009/1953-54) menciona que um psicanalista, tal como um bom cozinheiro, deve saber realizar um corte nas articulações evitando as resistências! Freud também se refere a uma semelhança entre o fazer do analista e a de um cirurgião, que opera com bisturis. Sobre o quê, então, nosso corte deve incidir?

Por ser falante, ter entrado no mundo da linguagem, todo parlêtre sofre por um gozo perdido desde sempre. Se a palavra mata a coisa, jamais teremos

a harmonia do reino animal, onde o objeto apazigua o instinto. Sofremos pela condição de sermos humanos, e isso é irremediável. No entanto, passamos a vida buscando esse gozo pleno, mítico, ficcional que é da ordem do impossível, num movimento repetitivo, trilhado por toda formação sintomática ou fantasmática.

No seu encontro com um psicanalista, o ser falante lhe endereça esse suposto saber sobre o gozo, de quem espera recebê-lo. No entanto, as intervenções do analista incidem sobre essa alienação, abrindo ao sujeito a possibilidade de que, ao se reconhecer desejante, se aproprie do gozo da vida, rompendo com o movimento mortífero da pulsão de morte, que sempre o leva a fracassar na busca de um gozo para sempre e desde sempre perdido. Por isso, dizemos que nossa prática busca transformar os modos de gozo do sujeito: de um gozo parasitário e mortífero ao gozo da vida, do movimento e da criação.

Resumidamente, podemos dizer que a função do analista conduz a experiência analítica a esse ponto sensível entre a verdade inconsciente e um saber sobre o Real, sob os trilhos da transferência, do início ao fim desse percurso. Promove a separação cujo efeito subjetivo é deixar cair a idealização, deixar-se cair como objeto de gozo para o Outro, e poder sustentar-se minimamente como sujeito de desejo. É o que dará esse “pouco de liberdade” ao sujeito em reconhecer seu desejo e se decidir, ou o exercício da psicanálise será “mera fraude” nas palavras de Rabinovitch (2000, p.7).

Argumentos que também encontramos em Harari (2008, p.181): “A análise tem que conseguir minimamente, como alvo de cura, como sucesso, um pouco mais de liberdade para o sujeito sofredor; se não conseguir isso, é efetivamente um fracasso. Só isso.”

É fundamental que um psicanalista direcione a cura de modo que o sujeito possa produzir novos sentidos, de uma forma criativa de “saber fazer” com o que resta de seu sintoma. É preciso criar, inventar e costurar uma nova história com novos significantes. Um trabalho artesanal, posto que é único e singular, de corte e costura.

Em “Nota Italiana”, encontramos a tese lacaniana de que não há analista sem a conversão do horror ao saber, que terá de atravessar em sua própria análise, ao entusiasmo: “Se ele não é levado ao

entusiasmo, é bem possível que tenha havido análise, mas analista, nenhuma chance.” (Lacan, 1973, p.313).

Mas o que a psicanálise ensina e como ensiná-lo? Aprender do próprio inconsciente e transmitir o que se aprendeu são, porém, duas ações diferentes.

Se Freud ensinava como um professor que buscava, com clareza, expor e descrever detalhadamente suas descobertas clínicas e elaborações teóricas, Lacan se propunha a transmitir seu pensamento e sua experiência analítica seguindo seu estilo enigmático e, por vezes, incompreensível, que ele anunciava como sendo da posição de analisante.

Ao fundar a Escola Freudiana de Paris em 1964, Lacan pretendia instituir um espaço onde a psicanálise, em intensão e em extensão, cumpriria com o duplo objetivo de formar novos analistas e assegurar a presentificação da psicanálise no mundo.

O significante “Escola” remete ao seu sentido antigo, lugar de abertura ao fundamento da experiência que, distinta de uma “Sociedade de Psicanalistas”, seria um caminho encontrado por Lacan para evitar os processos de identificação tão bem esclarecidos por Freud (2011/1921) em “Psicologia da Massas e Análise do Eu”. A Escola de Lacan pretendia privilegiar a relação com o saber numa transferência de trabalho entre pares, espaço em que o Real em jogo teria seu lugar assegurado na transmissão, diferentemente de um agrupamento que privilegiaria os laços entre os membros e também com o líder do grupo, cujo encobrimento imaginário fatalmente levaria aos impasses narcísicos.

Lembremos as palavras de Lacan (2003/1980, p.320): “Sabemos o que custou o fato de Freud haver permitido que o grupo psicanalítico prevalecesse sobre o discurso, tornando-se Igreja”.

Podemos, então, interrogar: há formação de analistas fora da Escola? Os estudos independentes não formariam um psicanalista? Qual a importância de pertencimento a uma instituição psicanalítica?

A célebre frase de Lacan, na “Proposição de 9 de outubro de 1967” (1998/1967, p.248), “o analista só se autoriza de si mesmo” não deve ser entendida como se qualquer um pudesse autorizar-se a esse lugar. Mas que um analista só se autoriza pelo analista que se tornou!

E, ao acrescentar “e de alguns outros”, anos depois, no Seminário 21 (2016/1973-1974), Lacan

busca dissolver os equívocos que a ideia do autointitular-se poderia produzir. É aqui que uma instituição tem seu lugar legitimado, onde cada analista deve dar testemunho de seu percurso, no um-a-um, em que cada um comparece como sujeito dividido, com sua falta e sem a garantia do Outro do Outro. Nas palavras de Hoffman (2019, p.45): “É a contingência do encontro com alguns outros que contribui para a possibilidade de se autorizar do ato do psicanalista”.

Harari (2008) nos adverte de que aqueles que pretendem uma “formação independente” acabam por depender em demasia de seus analisantes, numa espécie de júbilo especular, já que a única fonte de reconhecimento de sua posição de analista é o seu próprio consultório. Não querer participar de uma instituição inclui certa dose de onipotência, de recusa da castração, pois a instituição é onde a diferença se evidencia, ao colocar simbolicamente cada um no seu lugar. Segundo suas palavras:

Para que um analista se sustente em seu lugar, é necessário trabalhar com outros analistas, para não cair no defeito ou deformação profissional de nosso trabalho: a solidão autocomplacente. [...] Trata-se de um fantasma de autogeração, complementado pelo de uma autossustentação, pois é muito gratificante não render contas a ninguém do que cada um faz na solidão de seu consultório (Harari, 2008, p.140).

Mais ainda, esse autor se refere à importância do “discurso do mestre” nas instituições, enfatizando que a palavra francesa maître tem duas origens: dominus (amo), magister (mestre). Ao se pretender liquidar o discurso do mestre, crendo atacar dominus, atinge-se também magister. Esta é uma questão muito relevante nos dias atuais, em que o lugar da autoridade vem sendo atacada, degradada, vilipendiada no discurso social. Então, essa horizontalidade pretendida busca uma reunião entre semelhantes, iguais, irmãos sem pais, cujos efeitos imaginários, como sabemos, tendem a se sobrepor à ordem simbólica que, como

Depurado do desejo de curar e despido de preceitos morais, o desejo do analista é, portanto, o ponto eixo que irá fazer girar o dispositivo analítico. Cabe-nos, então, a pergunta: se não é por amor ao analisando, pela busca de sua cura ou de seu bem, ou ainda pelo ganho financeiro, o que sustenta o ofício do psicanalista?

tal, dá lugar ao Real da falta. Nesta inclinação de buscar o UM unificante da igualdade, perde-se o UM do traço que nos diferencia. Do contrário, as rivalidades imaginárias reinam.

Destaco também a preocupação de Charles Melman na entrevista concedida a Jean-Pierre Lebrun e publicada no livro *O homem sem gravidade* (2003). Ao apontar que o “céu está vazio”, já que vivemos num mundo que carece de ideologias ou de referências, sejam religiosas ou políticas, mas que promete “gozar a qualquer preço”, assistimos a uma “liquidação coletiva da transferência” (Melman, 2003, p.17). Afinal, num mundo onde não há mais nem autoridade, nem referência terceira, não há saber suposto num Outro. A própria noção de transferência que, desde Freud, é definida por esse laço particular que promove uma experiência de análise, corre o risco de desaparecer.

Retomando o modelo ingênuo que propus anteriormente, sustento que a instituição psicanalítica pode se configurar como o quarto nó na cadeia borromeana, aquele que teria a função de manter o enodamento sem, contudo, fechar o furo central. Suplência do Nome-do-Pai que fundaria uma instituição ou sociedade psicanalítica capaz de prescindir do pai com a condição dele se servir. Uma associação psicanalítica, sabemos, não garante a formação de analistas, mas cria as condições necessárias para que o analista aconteça. Ainda devemos considerar que o inconsciente é inesgotável, portanto, a formação é interminável. Quem se aventura por esse caminho, deve estar advertido de que cada um faz sua rota sem, contudo, haver um ponto de chegada. Mas, para percorrer esse caminho, é necessário que o aprendiz ponha algo de si - seu esforço, sua vontade, seu desejo, sua perseverança.

Considerando ainda que a experiência de cada um na sua formação como analista é completamente singular, Harari (2008, p.116) questiona: “um analista não deveria revalidar continuamente sua posição?”. Assevera que a cada analisante, a cada sessão, um psicanalista deve se interrogar sobre sua prática e sobre a direção daquele tratamento. Por isso, Harari propõe nomeá-lo como “psicanalisando” aquele que se faz analista fazendo. Não há psicanalista pronto e acabado e ninguém é psicanalista. Não se trata aqui de um lugar ôntico, mas ético, já nos alertava Lacan (2008/1963-64).

Considero que uma formação fora da Escola ou da Instituição seguiria o modelo *self made man* ou *self-service*, em que cabe a cada um a escolha de fazer seu próprio percurso de estudos, de análise pessoal e de análise de controle (supervisão de casos clínicos), construindo seu tripé ao modo

autônomo e livre. Sabemos que a autonomia do Eu é tão enganosa quanto a ideia de que o homem nasceu para ser livre, como pensava Sartre.

Acrescente-se a isso, o imperativo contemporâneo do imediatismo que apela para respostas rápidas, em que não se valoriza o tempo de preparo e de elaboração. Tudo deve chegar pronto e rapidamente. A psicanálise vai na contramão desse discurso, pois é preciso tempo para “per-laborar”. Reservar um ou mais horários semanais para falar de si e enfrentar o encontro com sua própria verdade, durante anos a fio, pode parecer um desperdício de tempo para aqueles que visam resultados rápidos, soluções imediatistas e seguem o lema *time is money*. Todavia quem adentra esse universo deve estar advertido de que não apenas um processo de análise mas também o de formação seguem a produção artesanal, aquela que demanda tempo, investimento, perseverança para que a invenção e a criação de algo novo aconteçam. É o tempo subjetivo e não o cronológico que regula essa travessia: instante de ver, tempo de compreender e momento de concluir. Aqui não há *fast-food*! Eu me utilizei de expressões americanas – *self made man*, *self service*, *time is money* e *fast food* – para apontar a tendência de pasteurização da psicanálise que devemos recusar com afinco. Sabemos do que foi feito dessa velha senhora ao se adaptar à *American way of life* no século passado.

É de responsabilidade de todo psicanalista fazer a psicanálise perdurar, e estejamos advertidos por Lacan (2002/1974) de que é preciso que a psicanálise fracasse para que ela perdure. Pois, se a psicanálise atendesse à imperiosa demanda social de suprimir o sintoma, de anular no sujeito qualquer forma de sofrimento, nada mais teria sido que um movimento autofágico, pois ela estaria a serviço de uma economia do gozo na qual o objeto reinaria e comandaria uma cultura sem sujeito.

É neste ponto que se aloja o lugar da psicanálise na cultura: lugar de exceção no qual todo analista deve se sustentar para que, ao se posicionar na contramão dos imperativos do discurso social de nossa época, a psicanálise possa sempre ser relançada como a ética do sujeito desejante.

Na lição de 23 de junho de 1965 do Seminário 12: *Problemas Cruciais da Psicanálise*, encontramos um comentário de Jacques-Alain Miller que já nos advertia a esse respeito:

Jacques Lacan tinha razão: antes nada de psicanálise do que aquela psicanálise, aquela psicanálise pestificada. Mas, vocês, os lacanianos, os analistas lacanianos, vocês deveriam saber, e sem dúvida sabem, que vocês são os guardiões da verdade restituída de Freud, guardiões tão mais preciosos quanto pouco numerosos são. (Miller [comentário], 2006, p. 451-452).

Governar, educar e psicanalisar são chamados por Freud (2021/1937) de missões impossíveis, na medida em que há uma impossibilidade para serem concluídas ou atingidas em sua totalidade. Há sempre um resto não assimilável, “que não tem governo, nem nunca terá”, na voz do poeta Chico Buarque (1976).

Ressaltamos que há um Real em jogo na formação de um analista e na transmissão da psicanálise que a distingue de qualquer outra proposta terapêutica que possa ser ensinada ou treinada nos bancos acadêmicos.

Por isso se justifica a nossa militância pela não regulamentação, por não transformar nosso ofício artesanal em uma profissão liberal. Se a psicanálise é da ordem de uma experiência singular e sua transmissão se dá pela via do Real – daquilo que está além dos ensinamentos e dos textos, intraduzível em palavras, inefável – mas que reina soberanamente em nossas vidas e nos governa, como discipliná-la pelo Estado?

Não há grade curricular que dê conta disso!

Devemos também levar em conta a tentativa de regulamentação que nasce dentro das próprias instituições psicanalíticas, em um processo de autorregulação. Assim, fundá-las com esse propósito leva, muitas vezes, à sua própria dissolução. A história da psicanálise atesta cisões, diásporas, dissidências desde as reuniões de quartas-feiras na Berggasse, 19 (endereço de Freud). E temos de admitir que o próprio Lacan dissolveu sua Escola, reconhecendo ali seu fracasso:

Resolvo-me a isso pelo fato de que ela funcionaria, se eu não me colocasse de través, na contramão daquilo pelo qual a fundei. Por um trabalho, como disse – que, no campo aberto por Freud, restaure a sega cortante de sua verdade; que reconduza a práxis original que ele instituiu sob o nome de psicanálise ao dever que lhe compete em nosso mundo; que, por uma crítica assídua, denuncie os desvios e concessões que amortecem seu progresso, degradando seu emprego. (Lacan, 1998/1980, p.319).

Esse escrito de Lacan, já no fim de sua vida e que estabelece também sua saída da cena psicanalítica, emociona. Seu ato de dissolução (1980) expressa o mesmo desejo decidido de seu ato de fundação (1964): manter o legado de Freud, sem desvios ou concessões.

Estejamos advertidos: os principais inimigos da psicanálise são os próprios analistas. Estar à altura do horizonte de nossa época não é adaptar-se ou ajustar-se às demandas de nosso tempo, mas insistir em nossa práxis numa posição de radical diferença.

Para concluir, cito Harari (2008, p.125): “Com efeito, os psicanalistas passam, porém a questão relativa à sua formação perdura”.

Refiro-me às palavras de Lacan: “Fundo – tão sozinho quanto sempre estive em minha relação com a causa psicanalítica – a Escola Francesa de Psicanálise.” (Lacan, Jaques (2003/1964). Ato de fundação. In: Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 235).



Referências

1. Amigo, S. (2013). *Clínicas del cuerpo: lo incorporal, el cuerpo, el objeto a*. Buenos Aires, Letra Viva, 252 pp.
2. Harari, R. (2002). *Como se chama James Joyce? A partir do seminário Le Sinthome de J. Lacan*. Salvador, Ágalma.
3. Lacan, J. (1985/1875). Conferência em Genebra sobre o sintoma. In. *Campo Psicanalítico*, n. 5, pp. 5-23, Disponível em: <http://www.campopsicanalitico.com.br/media/1065/conferencia-em-genebra-sobre-o-sintoma.pdf>
4. Lacan, J. (1988/1959-60). *O Seminário, livro 7: a ética da Psicanálise*. Seminários dos anos de 1959-60) Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
5. Lacan, J. (1992/1969-70). *O Seminário, livro 17: O Averso da Psicanálise*. Seminário dos anos de 1969-70. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
6. Lacan, J. (1998). *A significação do falo*. In. *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
7. Lacan, J. (1998b). *O estádio do espelho como formador da função do Eu*. In. *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, pp. 96-103.
8. Lacan, J. (1998c). *Observações sobre o relatório de Daniel Lagache: “Psicanálise e estrutura da personalidade”*. In. *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, pp. 96-103.
9. Lacan, J. (2002/1974-75). *RSI (Versión Crítica) Publicación para Circulación interna de la Escuela Freudiana de Buenos Aires*. Mimeografada, (Seminário, 22 [1974/75]).
10. Lacan, J. (2002/1974). *A terceira*. In. Ferreto, A. et al. (2002). *Caderno Lacan. Volume 2*. Porto Alegre, Associação Psicanalítica de Porto Alegre.
11. Lacan, J. (2003). *Radiofonia*. in. *Outro Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
12. Lacan, J. (2003/1975). *Joyce, o sintoma*. in. *Outro Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
13. Lacan, J. (2007/1975-76). *O Seminário, livro 23: o sinthoma, 1975-76*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
14. Lacan, J. (2008/1966-67). *A lógica do fantasma – Seminário de 1966-67*. Recife, Centro de Estudos Freudianos do Recife. Publicação não comercial exclusiva para os membros do CEF do Recife.
15. Lacan, J. (2008/1968-69). *O Seminário, livro 16: De um Outro ao outro*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
16. Lacan, J. (2010/ 1972-73). *Encore*. Rio de Janeiro, Escola Letra Freudiana, Edição não comercial. Tradução Analúcia Teixeira Ribeiro, 277p.
17. Lacan, J. (1976-77). *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*. Seminário dos anos de 1976-77. Inédito. Disponível em:
18. Laurent, E. (2016). *El reverso de la biopolítica*. Olivos, Grama Ediciones.
19. Miller, J-A. (2005). *Silet. Os paradoxos da pulsão de Freud à Lacan*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.
20. Souza, A. (2002). *Prefácio à edição brasileira*. In Harari, R.(2002). *Como se chama James Joyce? A partir do seminário Le Sinthome de J. Lacan*. Salvador, Ágalma.

**Arti
gos**

Desejo e Fantasma no percurso de uma análise

O que se pede no *acting out*

A angústia e a cessão do objeto

A Angústia e o ato



Desejo e Fantasma no percurso de uma análise

Desire and Fantasy in the course of an analysis / Désir et Fantôme au cours d'une Analyse

Ana Cláudia Raymundi Spigai¹

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar uma relação entre desejo e fantasma e suas inscrições no grafo do desejo e a partir disso, apresentar o manejo clínico e o que se visa em um percurso de análise em relação ao fantasma. Quando um analisante inicia sua análise, apresenta e escreve seu mito particular, a partir de um discurso que lhe é próprio, portador de suas verdades constituídas pelos significantes a partir de uma alienação ao Outro. A análise deve ser conduzida considerando esses significantes trazidos pelo analisante, a sua maneira de lidar, de ser no mundo e que nomeamos como "Fantasma". Fantasma e desejo se estruturam em relação a uma verdade que não pode ser revelada ao sujeito e que se refere à falta estrutural, ao real, ao fato de que o Outro é barrado. Um trabalho de análise é sustentado pela função do analista que faz vacilar a significação atual do analisante para deixar que dela se despregue o que implica de significante na enunciação. Assim, o intuito é cindir o que é o desejo, que em princípio está alienado ao Outro como sendo a demanda do Outro, para que o desejo possa ser reconhecido como próprio. A análise deve ser conduzida com o intuito de possibilitar que o sujeito esteja advertido e implicado de seu desejo, o que implica em que o sujeito possa ter acesso ao Real, ao fato de que o não há Outro do Outro, de que não há um significante que o nomeie.

Palavras-chave: Desejo. Fantasma. Outro.

Abstract

This article aims to present a relationship between desire and Phantom and its inscriptions in the graph of desire and from this, present the clinical management and what is aimed at a path of analysis in relation to the phantom. When an analyzer begins his analysis, he presents and writes his particular myth, from a discourse that is his own, bearer of his truths constituted by the signifiers from an alienation to the Other. The analysis should be conducted considering these signifiers brought by the analyser, his way of dealing, being in the world and which we name as "Phantom". Phantom and desire are structured in relation to a truth that cannot be revealed to the subject and that refers to the structural lack, to the real, to the fact that the Other is barred. A work of analysis is supported by the function of the analyst who makes the current meaning of the analyser falter to let it be depressed what implies of significant in enunciation. Thus, the intention is to break down what is desire, which in principle is alienated from the Other as the demand of the Other, so that desire can be recognized as its own. The analysis should be conducted in order to enable the subject to be warned and implicated in his desire, which implies that the subject can have access to the Real, the fact that there is no Other of the Other, that there is no signifier that names him.

Key-words: Desire. Phantom. Other.

Résumé

Cet article vise à présenter une relation entre le désir et le fantôme et ses inscriptions dans le graphique du désir et à partir de là, présenter la prise en charge clinique et ce qui vise un chemin d'analyse en relation avec le fantôme. Quand un analyseur commence son analyse, il présente et écrit son mythe particulier, à partir d'un discours qui est le sien, porteur de ses vérités constitué par les signifiants d'une aliénation à l'Autre. L'analyse devrait être menée en tenant compte de ces signifiants apportés par l'analyseur, de sa façon de traiter, d'être dans le monde et que nous appelons fantôme. Le fantôme et le désir sont structurés en relation avec une vérité qui ne peut pas être révélée au sujet et qui se réfère au manque structurel, au réel, au fait que l'Autre est interdit. Un travail d'analyse est soutenu par la fonction de l'analyste qui fait vaciller le sens actuel de l'analyseur pour le laisser déprécier ce qui implique une énonciation significative. Ainsi, l'intention est de briser ce qui est désir, qui en principe est aliéné de l'Autre comme la demande de l'Autre, afin que ce désir puisse être reconnu comme le sien. L'analyse doit être menée afin de permettre au sujet d'être averti et impliqué dans son désir, ce qui implique que le sujet peut avoir accès au Réel, le fait qu'il n'y a pas d'Autre de l'Autre, qu'il n'y a pas de signifiant qui le nomme

Mot-clés: Désir. Fantôme. Autre.



Este artigo é uma adaptação de um texto apresentado na V Jornada da ALPL . O objetivo deste artigo é apresentar uma relação entre desejo e fantasma e suas inscrições no grafo do desejo, um manejo clínico que se visa em um percurso de análise em relação ao fantasma.

Quando um analisante inicia sua análise, sempre chega com um discurso próprio, uma história que é única, com suas verdades constituídas durante sua vida. Cada um com sua particularidade, com seus próprios significantes, inserido em uma cultura que o invade e interfere na maneira particular que ele sofre como efeito da entrada na linguagem. A análise deve ser conduzida considerando esses significantes trazidos pelo analisante, a sua maneira de lidar, de ser no mundo. E é dentro desta história que nos é trazida, que o trabalho do analista deve ser feito. Não há outra história, não há outro jeito de ser no mundo para o analisante.

Em todas as sessões de análise, o analisante vem dizer sobre si. Diz sobre sua relação com os outros, diz sobre como pensa que os outros o percebem. Vai, significante por significante, produzindo uma escrita sobre si, um mito, uma história de como ele é, como se percebe no mundo.

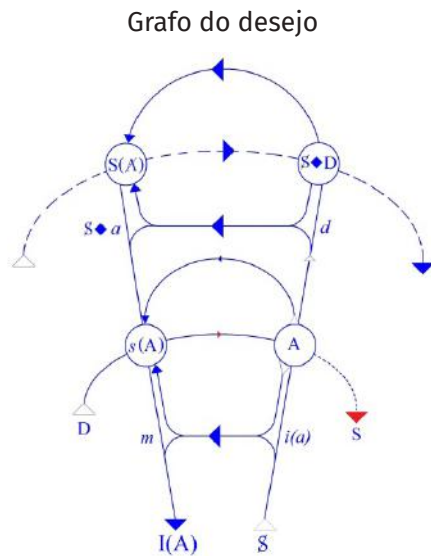
Chega carregado de verdades, verdades tão verdadeiras que parece inconcebível que outra pessoa possa pensar de outro jeito, ter uma outra verdade. Aos poucos vai se dando conta e até se surpreendendo com verdades próprias que sequer sabia que eram suas. A essa história, que cada um tem sobre si, Lacan dá o nome de Fantasma. É por essa janela, por essa via, que o sujeito lê e entende o mundo.

Tysler (2006/2014) inicia seu livro “O Fantasma na clínica Psicanalítica” dizendo que o investimento de um tratamento analítico é tentar entender, apreender quais são as escolhas, tanto eróticas, quanto de trabalhos, de relacionamentos, seu modo de ser na vida que prevalecem para o sujeito em análise.

Para falar sobre isso, vou aos poucos, introduzindo o grafo do desejo e articulando alguns conceitos.

Ao ser atravessado pela linguagem, ao mesmo tempo em que se depara com os significantes que o determinam, o sujeito se depara com uma falta, com um desespero, com um esburacamento que determina que este seja sempre condenado a viver sem algo que o complete.

Lacan apresenta o grafo do desejo no seminário 6 (LACAN, 58-59/2016) para situar a relação do sujeito com o significante, para articular tanto o processo de constituição do sujeito, como a prática da psicanálise.



(LACAN, 58-59/2016, p. 307)

Na primeira etapa da construção do grafo Lacan (58-59/2016) representa a entrada do sujeito na linguagem, sendo capturado pelos efeitos do significante. No ponto de saída, no início, ainda não há o sujeito enquanto atrelado ao significante, inserido na linguagem. Há apenas o “Isso”, o pedaço de carne, a criança mítica, apresentando-se pela via da necessidade. (O bebê, que chora, mas ainda não sabe ainda o que é fome, por exemplo). Está capturado na linguagem, mas não sabe o que é, miticamente ainda não seria sujeito constituído. Ao seguir o vetor da necessidade, há o atravessamento pela linguagem e ao terminar o percurso, tem-se $\$$, sujeito barrado, dividido. A partir do momento em que o sujeito é capturado no significante, uma rede de significantes se impõe necessariamente e essa rede continua sempre sendo fundamental.

Continuando no grafo tem-se o significante do Outro (A) e o significado do Outro $s(A)$. O lugar onde se situa o A representa o lugar do Outro, o tesouro dos significantes. É o lugar dos significantes que o sujeito tem acesso. Ao longo da estruturação do sujeito o Outro é o código, a linguagem, as leis, o inconsciente, e pensamos esse Outro encarnado fazendo a função materna.

O importante a se pensar aqui, neste ponto do grafo, é sobre o que eu estava dizendo no início de meu trabalho. De onde vêm os significantes do sujeito que está em análise? De onde é que vem a

história que ele se põe a contar?

O bebê, antes mesmo de seu nascimento, é pensado, é imaginizado e falado pelo Outro. Quando nasce, os significantes já estão aí, banhando o bebê pela linguagem, permeando as relações. Quem se ocupa da função materna, ao mesmo tempo em que oferece ao bebê os cuidados de necessidades fisiológicas, instaura um circuito pulsional entre desejo e demanda onde se articulam o Simbólico, o Real e o Imaginário que servirão de sustentação para a formação da estrutura do sujeito que há por vir.

Este Outro como função materna, a princípio, toma o bebê como objeto. Assim, o bebê, para ser sujeito, tem de ser alienado, e o é a partir da articulação significante que o Outro lhe impõe, e sendo assim, o determina, trazendo efeitos preferenciais ao sujeito em sua diacronia, ou seja ao longo de sua vida.

Ao ser atravessado pela linguagem, ao mesmo tempo em que se depara com os significantes que o determinam, o sujeito se depara com uma falta, com um desemparo, com um esburacamento que determina que esteja para sempre condenado a viver sem algo que o complete.

Diante dessa falta, o sujeito se questiona: O que o Outro quer de mim? (Che vuoi?)

É a falta que faz surgir a necessidade de significação no campo do simbólico. A essa falta não é ser, nem não ser. Designa uma falta a ser, um não realizado. O sujeito passa a se constituir a partir da articulação significante, na medida em que tenta recobrir essa falta. Há então um saber sendo construído a partir da articulação significante que permite uma elaboração simbólica que o sujeito faz para dar significação à castração, à falta.

A resposta que o sujeito se dá à pergunta ao Outro: “o que queres?”, articulei com o conceito que Lacan nomeia fantasma. Essa resposta, em princípio, é o que dá suporte ao sujeito a sustentar e se proteger desse encontro com o Real. (TYSZLER, 2006/2014)

Entre questionar o que “o Outro quer” e responder, constituindo-se em relação com o ser, há um intervalo. Neste intervalo que se produz o que se denomina “desejo”. É importante ressaltar que a pergunta

é feita ao Outro. Porém, quem responde é o próprio sujeito, ainda que a resposta seja a partir dos significantes do Outro.

A respeito da segunda linha do grafo o sujeito de que se trata é o sujeito da enunciação. Refere-se ao discurso do inconsciente em sua articulação com a demanda - $\$ \diamond D$: “O sujeito marcado pelo significante em presença de sua demanda como o que fornece o material.” (LACAN, 58-59/2016, p. 44) A demanda comporta os significantes recalçados. Lacan (58-59/2016) diz que o desejo é “aquilo mediante o que o sujeito se situa, devido à existência do discurso com relação à essa demanda.” Sendo assim, o desejo é a maneira com a qual o sujeito se situa, com relação aos significantes recalçados. A construção do desejo, então passa pelo retorno desses significantes. (p. 159)

“É o significante que vai nos colocar na via de desejo do sujeito. A posição do desejo consiste em estar excluído, ser enigmático.” (LACAN, 58-59/2016, p. 158) O Desejo é esse x do sujeito capturado na rede significante. E é importante revelá-lo, reconstruí-lo e restaurá-lo no seu discurso.

Segundo Lacan, nós, enquanto analistas, devemos fazer vacilar a significação atual para deixar que dela se despegue o que implica de significante na enunciação. Procuramos o que aconteceu de essencial neste sujeito que mantém certos significantes no recalque.

Na medida em que a demanda é recalçada, o ser do sujeito se exprime de maneira fechada na fantasia de seu desejo. (LACAN, 58-59/2016) Assim, o intuito é cindir o que é o desejo, que em princípio está alienado ao Outro como sendo a demanda do Outro, para que o desejo possa ser reconhecido como próprio. Interpretar o desejo é desvelar o que o sujeito não pode ter acesso por si só, e que se situa no nível do desejo que lhe é próprio.

Penso então que o sujeito, em análise, encontra-se de um lado entre estar alienado à demanda do Outro, demanda de amor, ao desejo de ser reconhecido; e de outro, entre poder reconhecer-se em um desejo que lhe é próprio na medida em que pode se distanciar da demanda do Outro.

O que é o desejo? Não que eu vá responder essa pergunta, mas vou falar sobre isso.

O desejo comporta uma verdade, verdade esta que não pode ser revelada ao sujeito e que

se refere à falta estrutural, ao real, ao fato de que o Outro é barrado. Frente à esta verdade, o recalque se faz necessário, fazendo com que o sujeito se apague e desapareça. Se apague como sujeito que sabe do que se trata. (LACAN, 58-59/2016)

É importante pensar que o Desejo que Lacan articula no grafo do desejo é o desejo como desejo do Outro. Segundo Rabinovich (2005), o Outro envolve meu desejo em função do que lhe falta e que ele não sabe que lhe falta e assim, me encontro envolvido da maneira mais pregnante, porque não há outro desvio que me permita encontrar o que me falta como objeto de meu desejo que não seja estar impregnado pelo desejo do Outro.

Para Rabinovich (2005), entender isso é fundamental para compreender o que Lacan traz como direção da cura na prática clínica. Nas palavras da autora:

“É por um lado, entre os avatares de sua demanda e o que esses avatares fizeram ele se tornar e, por outro, essa exigência de reconhecimento pelo Outro, que no caso podemos chamar de exigência de amor, que se situa para o sujeito um horizonte de ser, e trata-se se ele pode ou não alcançá-lo.

É nesse intervalo, nessa hiância que se situa a experiência do desejo. Ela é inicialmente apreendida como sendo a do desejo do Outro, e é dentro dela que o sujeito tem de situar seu próprio desejo, o qual não pode situar-se em outro espaço que não esse.” (LACAN, 58-59/2016, p. 26)

Ao confrontar-se com a presença da falta no Outro, o sujeito se defende. Como defesa, Lacan (58-59/2016) introduz a fórmula do fantasma ($\$ \diamond a$). Lacan diz: “A função do fantasma é dar ao desejo do sujeito seu nível de acomodação, de situação.” (LACAN, 58-59/2016, p. 28)

O fantasma está no grafo localizado na mesma linha que o desejo, remetendo ao fato de que é importante situar que o fantasma ao mesmo tempo comporta e vela o desejo. É a partir do fantasma que se tem acesso ao desejo, ao mesmo tempo em que o fantasma esconde, escamoteia, mantém o enigma do desejo.

Neste ponto, ressalto o que Lacan diz: “Implicar o sujeito no desejo sempre faz aparecer a estrutura do fantasma que lhe é legítimo.” (LACAN, 58-59/2016, p. 49) Sendo assim, afirma que é no fantasma que se deve produzir a interpretação do desejo. É no campo do desejo que Lacan articula as relações do sujeito com o objeto. Lembrando que a fórmula

do fantasma comporta a relação do $\$$ com o objeto (a).

Apresento outra citação de Lacan (58-59/2016), na qual ele fala sobre o objeto:

“O objeto é essa coisa que suporta o sujeito no momento em que este tem de enfrentar sua existência, no sentido de que ele existe na linguagem... é algo que está fora dele e que ele só pode apreender em sua natureza própria de linguagem no momento preciso em que ele, como sujeito, tem de se apagar, desvanecer, desaparecer por trás de um significante. Neste momento o sujeito tem de se aferrar a algo e ele se aferra justamente ao objeto enquanto objeto de desejo”. (p. 100)

O objeto suporta, justamente o que o sujeito não pode desvelar, nem para si mesmo.

Lacan ainda afirma que o “objeto a” se define como o suporte que o sujeito se dá quando fraqueja na sua designação de sujeito. (LACAN, 58-59/2016)

Retomando Diana Rabinovich (2005), o “a” estar na fórmula do desejo de Lacan remete ao fato que enquanto desejantes, somos objeto. Lacan diz que, o sujeito, ao desejar, deseja ser desejado pelo Outro. O que deseja então, a princípio, é se incluir no desejo do Outro. Assim, enquanto desejantes, somos objeto, no sentido que, ao desejar me incluir no desejo do Outro, coloque-me em posição de “vestir as galas narcísicas que revestem o objeto a fim de construir a armadilha para o desejo do Outro.” (RABINOVICH, 2005, p. 17)

Ao desejar ser desejado, o que deseja é um objeto. Ao ser objeto, o sujeito se posiciona como aquilo que o determina, posição inicialmente estrutural, no sentido de que ao nascer, o bebê faz-se de objeto para ser desejado. E ao desejar ser desejado, o sujeito ocupa esse lugar inicial. O desejo como desejo do Outro implica uma determinação absoluta do sujeito pelo Outro.

Continuo voltando ao grafo, pensando na resposta que o sujeito recebe do Outro que podemos ler com a fórmula da demanda. No segundo andar, no nível em que o sujeito tenta se reconhecer para além dessa demanda, há um lugar para a resposta que é o significante de A barrado $S(\bar{A})$. Segundo Lacan, este é um lembrete de que o Outro também está barrado e abolido do discurso.

No grafo, Lacan (58-59/2016) situa as diferentes respostas para a pergunta do desejo do Outro, sendo que todas elas implicam uma forma peculiar de desconhecimento da castração do Outro – $S(\bar{A})$ resposta insuportável para o

sujeito e para o Outro. O fantasma surge com o intuito de encobrir a última resposta à pergunta do desejo do Outro; tampona a divisão do Outro \bar{A} .

A resposta é de que o A é \bar{A} , de que o Outro é barrado, de que não há Outro do Outro. A resposta é de que o Outro é castrado. É sobre esta resposta, também, que o fantasma tem sua importância. Sobre esta resposta, o sujeito não pode saber. E ao tentar articular uma resposta, o sujeito desaparece. O sujeito nunca está onde se espera, escorrega de um ponto a outro. Este escamoteamento do sujeito diz respeito ao que costuma acontecer com o sujeito quando este se aproxima do complexo da castração.

Lacan diz, ao articular o conceito do fantasma:

“o que estou dizendo não faz mais que exprimir de maneira mais articulada o que é nossa experiência quando buscamos centrar aquilo que o desejo do sujeito é: Sempre tentamos definir a posição do sujeito ante um determinado objeto que é intermediário entre, por um lado, uma pura e simples significação, assumida, clara, transparente para ele, $s(A)$, e por outro, algo fechado, enigmático, que não é em absoluto uma fantasia, não é uma necessidade, que não é uma pressão, nem um feeling, mas que é sempre da ordem do significante enquanto tal, $S(\bar{A})$ ”. (LACAN, 58-59/2016, p. 200)

Para encerrar, faço algumas reflexões sobre a importância da articulação entre os conceitos “Fantasma e Desejo” em relação aos objetivos da análise.

Iniciamos uma análise ao escutar o sujeito que está ali, significante atrás de significante, e a partir disso, possibilitar a escrita de seu fantasma. Cada lapso, cada tropeço, cada letra que surge em análise não está ali por acaso. Está ali para dizer desse sujeito que é atravessado pelo significante. Aí devemos entender que tudo o que aparece está para o sujeito enquanto a verdade, referindo-se ao significado que foi produzido como efeito da entrada na linguagem, mas que escamoteia uma outra verdade, a que remete à castração.

O fantasma é uma contingência, não é possível e nem o objetivo da análise, acabar ou mudar o fantasma do sujeito. É a partir do fantasma que se tem acesso ao desejo do sujeito, e lembro o que diz Lacan: é

O fantasma está no grafo localizado na mesma linha que o desejo, remetendo ao fato de que é importante situar que o fantasma ao mesmo tempo comporta e vela o desejo. É a partir do fantasma que se tem acesso ao desejo, ao mesmo tempo em que o fantasma esconde, escamoteia, mantém o enigma do desejo.

importante revelá-lo, reconstruí-lo e restaurá-lo no seu discurso. A construção desse desejo passa pelo retorno dos significantes recalçados e é importante promover no sujeito, a implicação própria com seu desejo.

Entendo que o objetivo da análise é que, cada vez mais, no processo de alienação e separação, possa ser promovida a separação. Ao intervir, um dos objetivos do analista deve ser o de promover o corte, possibilitando um encontro com o real. A análise deve ser conduzida com o intuito de possibilitar que o sujeito esteja advertido e implicado de seu desejo, o que implica em que o sujeito possa ter acesso ao Real, ao fato de que não há Outro do Outro, de que não há um significante que o nomeie.

Que o sujeito possa se implicar nessa escolha de seu desejo e possibilitar um afastamento do que reconhece como demanda de amor, para poder se reconhecer no próprio desejo. Que possa sair de uma posição de demanda de amor e reconhecimento e se apropriar de um reconhecimento de um desejo, estando advertido de que o desejo remete à falta estrutural e portanto, à incompletude.

Referências

1. Lacan, J. (2016/58-59). **o desejo e sua interpretação**. Rio de Janeiro: Zahar.
2. Rabinovich, D. (2005). **A Angústia e o Desejo do Outro**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
3. Tyszler, J. J. (2006/2014). **O Fantasma na clínica Psicanalítica**. (L. P. Fonseca, Trad.) Recife: Association Lacanienne Internationale.



O que se pede no *acting out*?

What is asked in *acting out*?/ Qu'est-ce qui est demandé dans l'*acting out*?

Edinei Suzuki

Resumo

O propósito desse escrito é partir de um fenômeno clínico-social que constatamos em 2020-21 durante a pandemia do Covid-19 com o intuito de refletirmos sobre o conceito de *acting out* articulado com a nossa prática clínica. O *acting out* é uma mostração que indica que a cena do Outro, ou seja a tela do fantasma, está em vias de rompimento. Caso isso ocorra, a distância segura que o espelho plano (Outro do significante) estabelece entre o \$ e o objeto a desvanece e o afeto que surge é a angústia que pode, se não for obstaculizada, conduzir o sujeito a passagem ao ato. Proporcionalmente ao aumento da letalidade e contaminações da pandemia da Covid-19, observamos uma saturação de orientações das áreas da psicologia e psiquiatria que inflamavam um ideal de bem-estar. De igual modo, alguns pacientes, que inicialmente temiam morrer ou matar seus próximos, começaram a adotar condutas em que se arriscavam ao contágio. A esse movimento, tentamos sustentar ao longo do trabalho que se tratava de um *acting out* em que se veiculava um pedido de socorro ao analista em face desse ideal. No entanto, poderíamos socorrê-los somente se não caíssemos em uma tentação curativa que Rondepierre (S/d, p. 257) chamou de forma muito precisa de “incitação psicoterápica”. Somente nessa condição que conseguimos oferecer um refúgio contra essa saturação de orientações e restituir o que o *acting out* denunciava: a ruptura da tela do fantasma.

Palavras-chave: *Acting out*. Pandemia. Fantasma.

Abstract

The purpose of this writing is to start from a clinical-social phenomenon that we observed in 2020-21 during the Covid-19 pandemic in order to reflect on the concept of *acting out* articulated with our clinical practice. *Acting out* is a display that indicates that the Other's scene, that is, the screen of the phantasm, is in the process of being broken. If this occurs, the safe distance that the plane mirror (the Other of the significant) establishes between the \$ and the object fades and the affection that arises is anguish that can, if not hindered, lead the subject to the passage of the act. In proportion to the increased lethality and contaminations of the Covid-19 pandemic, we observed a saturation of orientations from the fields of psychology and psychiatry that inflamed an ideal of well-being. Likewise, some patients, who initially feared dying or killing their close ones, began to adopt conducts in which they risked contagion. To this movement, we tried to sustain throughout the work that it was an *acting out* in which a request for help to the analyst was conveyed in the face of this ideal. However, we could only help them if we did not fall into a curative temptation that Rondepierre (S/d, p. 257) very precisely called “psychotherapeutic incitement”. Only in this condition that we would be able to offer a refuge against this saturation of orientations and restore what the *acting out* denounced: the rupture of the screen of the phantasm.

Key-words: *Acting out*. Pandemic. Phantasm.

Résumé

Le propos de cet article est de partir d'un phénomène clinico-social que nous avons observé en 2020-21 lors de la pandémie de Covid-19 afin de réfléchir au concept d'*acting out* articulé avec notre pratique clinique. L'*acting out* est une démonstration qui indique que la scène de l'Autre, c'est-à-dire l'écran du fantasma, est en train de se briser. Si cela se produit, la distance de sécurité que le miroir plan (Autre du signifiant) établit entre le \$ et l'objet s'estompe et l'affect qui surgit est une angoisse qui peut, si elle n'est pas entravée, conduire le sujet au passage à l'acte. En proportion de l'augmentation de la létalité et des contaminations de la pandémie de Covid-19, nous avons observé une saturation d'orientations issues des domaines de la psychologie et de la psychiatrie qui ont enflammé un idéal de bien-être. De même, certains patients, qui craignaient initialement de mourir ou de tuer leurs proches, ont commencé à adopter des comportements dans lesquels ils risquaient la contagion. A ce mouvement, nous avons tenté de maintenir tout au long de ce travail qu'il s'agissait d'un *acting out* dans lequel une demande d'aide à l'analyste était véhiculée face à cet idéal. Cependant, nous ne pouvions les aider que si nous ne tombions pas dans une tentation curative que Rondepierre (S/d, p. 257) appelait de manière très précise “incitation psychothérapeutique”. C'est à cette condition seulement que nous pourrions offrir un refuge contre cette saturation des orientations et restaurer ce que l'*acting out* dénonçait : la rupture de l'écran du fantasma.

Mot-clés: *Acting out*. Pandémie. Fantasma.



O propósito desse escrito é partir de um fenômeno clínico-social que constatamos em 2020-21 durante a pandemia do Covid-19 com o intuito de refletirmos sobre o conceito de *acting out* articulado com a nossa prática clínica. Desde o dia em que iniciou a pandemia, no primeiro semestre de 2020, até o momento em que o número de mortes e contaminação atingiu seu auge, em 2021 um pouco antes do início da vacinação, alguns fatos clínicos chamaram nossa atenção. Nesse contexto, alguns pacientes passaram a se queixar, não sem razão, de que não estavam conseguindo “ficar bem”, seja em função do isolamento/distanciamento social ou do medo da morte de si e dos parentes e amigos próximos. Em contraste a isso, notamos também que alguns pacientes passaram a viver o período mais letal da pandemia, em 2021, de forma despreocupada e descuidada: saíam para festas e ambientes de alto risco sem os devidos cuidados, ao mesmo tempo em que sabiam que estavam arriscando a si próprios e as pessoas próximas.

Desde 2020, com o avanço da pandemia e as consequentes medidas sanitárias de prevenção, começou a ser veiculado nas áreas da psicologia, da psiquiatria, bem como nas mídias sociais, um ideal de bem-estar a ser conquistado. Utilizando descritores como saúde mental, pandemia, psicologia e psiquiatria no Google, tivemos acesso a inúmeros estudos acadêmicos e sites motivacionais que sugeriam técnicas de relaxamento e meditação (*mindfulness*), como também recomendações visando o lazer, atividade física, organização da rotina, etc. para que as pessoas ficassem bem dentro de um contexto trágico em que vivíamos. Mas o que seria essa demanda de “ficar bem” diante do que estávamos passando? No texto “O lugar da psicanálise na medicina”, Lacan faz um apontamento que talvez lance luz a essa questão:

O paciente vem, às vezes, nos demandar de autenticá-lo como doente. Em outros casos ele vem, da maneira mais manifesta, demandar que o preserve em sua doença ao trata-la da maneira como lhe convém (ao paciente). Isso lhe permitirá continuar a ser um doente bem instalado em sua doença (Lacan, 1966, p. 18).

O que o autor assevera é que o doente, que está afetado por algum sofrimento, não pede a cura de sua doença, mas que consiga “ficar bem” dentro dela. Esse texto é o registro de uma mesa redonda em que médicos, pesquisadores da área biológica e psicanalistas discutem

a importância, ou não, de a psicanálise entrar no quadro das disciplinas do INSERM (Instituto Nacional da Saúde e da Pesquisa Médica).

Esse instituto francês, de caráter científico e tecnológico, é tutelado pelo ministério da saúde e da pesquisa e foi fundado em 1964, com foco na pesquisa biológica, médica e da saúde humana. É nesse mesmo ano, em 1963-64, que o Seminário 10 – A angústia foi ditado. Período que, segundo Miller (2004), ocorreram importantes fatos que interferiram diretamente na produção do referido seminário, tais como a ruptura teórica e institucional entre Lacan e a IPA (Associação Internacional de Psicanálise). Além dessas, está presente um caráter subversivo de Lacan ao despatologizar o afeto da angústia para concebê-la como um elemento estruturante do sujeito do desejo ($\$$), do objeto (a) e, sobretudo, um importante operador clínico para se pensar a direção do tratamento. Assim contrapõe-se a essa tentativa do INSERM de reduzir o humano ao biológico e a ânsia em buscar um ideal de saúde generalizado.

É sobre esse caráter subversivo, com o qual se posiciona diante desse Instituto, que presumimos uma via possível de tratamento em face dessa demanda dos pacientes de ficarem bem dentro da pandemia. Tal via consistiria em engaja-los subjetivamente em seus sofrimentos em vez de seguir por essa abordagem orientativa que notamos nas áreas da psicologia e psiquiatria. Levantamos como hipótese que tais abordagens favoreceriam *acting out* e até mesmo passagem ao ato. Sobre o *acting out*, Lacan (1963-64) afirma que se move na direção inversa que o teatro moderno aspira, que é a quebra da quarta parede. É, portanto, a invasão do mundo, representado pela plateia, sobre o palco. Em termos lacanianos, isso teria como efeito a desmontagem da en(cena)ção. Lacan (1963-64) estabeleceu conceitualmente a diferença entre cena e mundo, em que este último consiste no lugar onde se imprime o Real, logo, o objeto a e, por sua vez, a cena é o Outro do significante, onde o humano se constitui como sujeito historicizado dentro da moldura fantasmática.

Dessa maneira, o *acting out* é definível em “algo que na conduta do sujeito, essencialmente, se mostra. O acento demonstrativo, a orientação em direção ao Outro de todo *acting out* é algo que deve ser ressaltado” (Lacan, 1963-64, p. 71). Mas o que o sujeito mostra em sua conduta, afinal?

Trata-se da mostra de que a cena do

Outro está em vias de rompimento. Isso é, que a moldura fantasmática, que consiste no limite lógico através no qual o desejo pode ser apreendido, pode quebrar. Caso isso ocorra, a distância segura que o espelho plano (Outro do significante) estabelece entre o $\$$ e o objeto a desvanece e o afeto que surge aí é a angústia em sua vertente selvagem (Soller, 2012), o que pode, se não for obstaculizada, conduzir o sujeito a passagem ao ato. Lacan (1963-64, p. 211) mostra na matriz da angústia a proximidade do *acting out* e passagem ao ato com esse afeto.



Como se nota, consistem nos últimos recursos antes de aceder a ela. Trabalhando o caso da “jovem homossexual”, Lacan (1963-64, p. 71) afirma que o *acting out* era ficar passeando pelas ruas de Viena perto do trabalho do pai mostrando-se com sua namorada. Uma observação fundamental: em nenhum momento o autor mencionou que a paciente estava afetada por um intenso sofrimento durante os passeios românticos com sua parceira. Mas se afeta somente no momento em que é olhada pelo pai com muita reprovação pouco antes de passar ao ato ao jogar-se da ponte. Nesse ponto, nos pautando no esquema matricial da angústia da pulsão escópica apresentado por Lacan (1963-64), afirmarmos que a jovem homossexual estava impedida de “sustentar seu desejo de não ver” (p. 211) que é esse objeto olhar do pai, o que a levou a passar ao ato.

Esse caso nos mostra que a angústia lacaniana não pode ser confundida com um

Segundo Le Gaufey (S/d), o *acting out* é, no que se mostra, ininterpretável

sentimento. Não é porque não se sentia mal nos momentos de mostra que a angústia estava ausente. Muito pelo contrário, já estava chegando ao limite. Nesse ponto, o Real do objeto, que é silencioso, começa a rondar, se aproximar, sorratamente. Se se trata de um *acting out*, caso nenhuma intervenção for feita, o sujeito se identificará ao objeto e a sua única saída será uma passagem ao ato, a exemplo da jovem homossexual de Freud. Para Lacan (1963-64, p. 72), o “*acting out* chama a interpretação” e define que esta última é que produz a separação, portanto o corte entre $\$$ e objeto *a*. Ao contrário do sintoma, que não pede para ser interpretado, o *acting out* é uma espécie de pedido de socorro endereçado ao Outro analista.

Partimos de um caso de Ernest Kris comentado por Lacan (1963-64) para discutirmos nossa hipótese de trabalho. Trata-se de um paciente que busca um tratamento por estar em intenso sofrimento e totalmente inibido com a escrita de sua obra, pois temia estar plagiando ideias alheias. Na ânsia de promover alívio ao sofrimento de seu paciente, o psicólogo do Ego produziu algo ainda pior. Lacan (1963-64) nos lembra que Kris tenta provar, na realidade factual, que seu paciente não estava plagiando um determinado autor. Após essa intervenção, o que se sucede nas próximas sessões é uma busca incessante, ao término delas, por restaurantes olhando cardápios que ofereciam miolos frescos. Na leitura de Lacan, o que se impõe é um *acting out* em que o paciente mostra algo nessa busca por miolos frescos, não sem a surpresa do clínico.

Rondepierre (S/d, p. 257) afirma que essa “incitação psicoterápica” de Kris indica que resistiu a se tornar o pivô da transferência e ser alvo de uma suposição de saber de onde estaria autorizado a operar com a interpretação. Ao invés de Kris engajar seu paciente a falando espaço à enunciação, o sufoca com dados da realidade cujo propósito seria comprovar a originalidade de suas ideias. Segundo Le Gaufey (S/d), o

Sobre o *acting out*, Lacan (1963-64) afirma que se move na direção inversa que o teatro moderno aspira, que é a quebra da quarta parede

acting out é, no que se mostra, ininterpretável. Isto é, não é possível, sem consequências deletérias, de operar com ele da mesma maneira que Kris e, tampouco, da maneira como Freud traduz o sintoma com um sentido sexual. O autor sugere, de maneira interessante e de valor clínico inestimável, que o *acting out* eventualmente seja um momento decisivo no tratamento: abrir vias para passagem ao ato, que pode resultar na saída de cena da transferência, ou ser ponta de lança viabilizando a análise da transferência cujo horizonte é a destituição do sujeito suposto saber pelo desvelamento do que o analista é: um semblante de *a*.

Ao reputarmos essa última via como a esperada de uma análise, pensamos que ao nos deparar com um *acting out* devemos assumir de forma radical nossa posição ética, que é a de realmente não saber sobre nosso paciente. Ocupando devidamente nossa posição na transferência, abdicamos do saber sobre o paciente e, com isso, podemos engajar o paciente a falar, isto é, produzir significantes que possam reestruturar a moldura da tela fantasmática que está ameaçada de desmoronar. Contudo, quando em nosso cotidiano clínico um *acting out* coloca em perigo a vida ou impõe prejuízos factuais para nossos pacientes, a incitação psicoterápica, bem como a tendência a querer interpretar, podem ser despertadas em nossas intenções curativas.

À guisa de conclusão, é importante ressaltarmos que o propósito aqui não foi definir uma regra geral para os atendimentos que realizamos durante o período crítico que vivemos na pandemia em que, como dissemos anteriormente, alguns pacientes tinham condutas opostas ao que diziam temer, que era de morrer ou matar as pessoas pelo contágio do vírus. A esse fato, tentamos sustentar até aqui que se tratava de um *acting out* consistindo em um pedido de socorro ao analista. Poderíamos cumprir essa função somente se não caíssemos nessa tentação curativa que Rondepierre (S/d, p. 257) chamou de forma muito precisa de “incitação psicoterápica”. Dessa maneira, oferecíamos um refúgio contra essa

[...] o *acting out* é definível em “algo que na conduta do sujeito, essencialmente, se mostra.”

saturação de orientações das áreas da psiquiatria e psicológica que inflamava um ideal de bem-estar. Tornávamos, em contrapartida, um lugar de exceção onde se podia e se acolhia o ficar mal. Ao montar uma cena transferencial cuja conjuntura permitisse encarar esse mal-estar, passava a ser possível a produção de significantes que reparassem a moldura que sustenta a tela do fantasma que serve de anteparo entre o sujeito e o Real, que o *acting out* indica a iminência de sua ruptura e o risco de o sujeito identificar seu ser com o gozo havia, inicialmente, escolhido perder.

Referências

1. LACAN, J. (SD). La place de la psychanalyse dans la médecine (1966). Disponível em : <https://ecole-lacanianne.net/wp-content/uploads/2016/04/1966-02-16.pdf>
2. LACAN, J. (SD). Séminaire 10: L'angoisse (1962-63). Disponível em: <http://staferla.free.fr/S10/S10.htm>
3. LE GAUFEY, G. (SD). L'acting out: la perte et la manque (SD). Disponível em: <http://ecole-lacanianne.net/wp-content/uploads/2016/04/Lettres-de-LEFP-19-4.pdf>
4. MILLER, J. A. Introduction à la lecture du séminaire de l'angoisse de Jacques Lacan. La Cause freudienne, v2004/3, n. 58 – p. 60 à 100, 2004.
5. RONDEPIERRE, A. (SD). L'acting out comme réplique (SD). Disponível em: <http://ecole-lacanianne.net/wp-content/uploads/2016/04/Lettres-de-LEFP-19-4.pdf>
6. SOLER, C. Seminário de leitura de texto ano 2006-2007: Seminário A angústia, de Jacques Lacan/Colette Soler. São Paulo: Escuta, 2012.



A angústia e a cessão do objeto

Anguish and the cession of the object / Angoisse et cession de l'objet

Marina de Paula

Resumo

Este trabalho visa articular a problemática da angústia, proposta por Lacan no seminário X com a questão do objeto a e do desejo. Apoiando-se em uma análise do filme grego Dente Canino de Giorgos Lanthimos, o texto percorre a construção do filme assim como a construção de Lacan sobre a formação do parlêtre, ser de fala, que do encontro com o Outro passa desse ser mítico, inaugural, a um sujeito dividido e desejante a partir da queda do objeto a, objeto denominado dessa forma por Lacan para designar aquilo que não entra na linguagem, que causa uma subtração de gozo ao ser falante e permanece a ele ligado comandando sua vida pulsional. O filme grego revela sua dimensão angustiante desde a relação que a família mantém com a linguagem até as apresentações de inibições e actings outs em suas cenas. O trabalho faz uma analogia da cena final, do dente canino caído na pia, com a operação da cessão do objeto, denominada por Lacan de separição, ou seja, uma partição do interior do próprio corpo do sujeito de objetos que o sujeito encontrará para o suporte do desejo do Outro. Somente na função da perda o objeto assume a função de causa do desejo. Não se trata de uma racionalização, pois este corte situa-se numa anterioridade lógica em relação ao sujeito, que é justamente seu efeito, um sujeito intimamente relacionado com sua objectalidade.

Palavras-chave: Angústia. Objeto a. Dente Canino.

Abstract

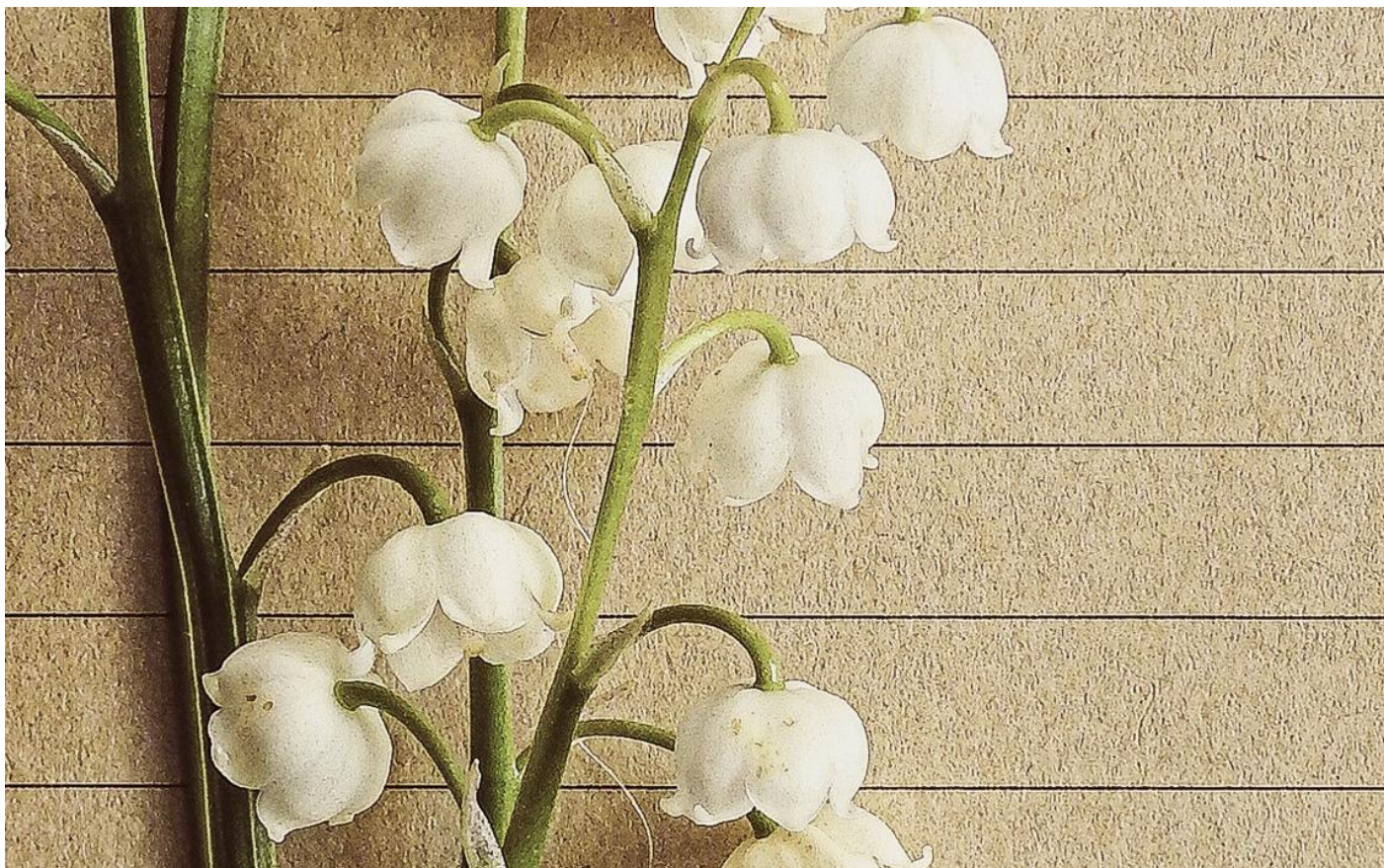
This work aims to articulate the problem of anguish, proposed by Lacan in seminar X with the question of object a and desire. Based on an analysis of the Greek film *Canine Tooth* by Giorgos Lanthimos, the text goes through the construction of the film as well as Lacan's construction on the formation of the parlêtre, being of speech, which from the encounter with the Other passes from this mythical, inaugural being, to a divided and desiring subject from the fall of object a, object named in this way by Lacan to designate what does not enter language, which causes a subtraction of jouissance to the speaking being and remains connected to him, commanding his instinctual life. The Greek film reveals its distressing dimension, from the relationship that the family maintains with language to the presentations of inhibitions and acting outs in its scenes. The work makes an analogy of the final scene, of the canine tooth fallen into the sink, with the operation of the cession of the object, called by Lacan of separation, which is, a partition of the interior of the subject's own body of objects that the subject will find for the support of the Other's desire. Only in the function of loss the object assumes the function of the cause of desire. This is not a rationalization, since this cut is situated in a logical precedence in relation to the subject, which is precisely its effect, a subject intimately related to its objectality.

Key-words: Anguish. Object a. Canine tooth..

Résumé

Ce travail vise à articuler le problème de l'angoisse, proposé par Lacan au séminaire X, avec la question de l'objet a et du désir. A partir d'une analyse du film grec *Dent de Canine* de Giorgos Lanthimos, le texte passe par la construction du film ainsi que la construction de Lacan sur la formation du parlêtre, être de parole, qui de la rencontre avec l'Autre passe de ce mythique, être inaugural, à un sujet divisé et désirant de la chute de l'objet a, objet ainsi nommé par Lacan pour désigner ce qui n'entre pas dans le langage, qui cause une soustraction de jouissance à l'être parlant et lui reste relié, commandant son vie pulsionnelle. Le film grec révèle sa dimension angoissante, du rapport que la famille entretient au langage jusqu'aux mises en scène des inhibitions et des passages à l'acte. L'œuvre fait une analogie de la scène finale, de la canine tombée dans le lavabo, avec l'opération de cession de l'objet, appelée par Lacan de séparation, c'est-à-dire une partition de l'intérieur du propre corps d'objets du sujet, que le sujet trouvera comme support du désir de l'Autre. Ce n'est que dans la fonction de perte que l'objet assume la fonction de cause du désir. Ce n'est pas une rationalisation, puisque cette coupure se situe dans une préséance logique par rapport au sujet, qui est précisément son effet, un sujet intimement lié à son objectalité.

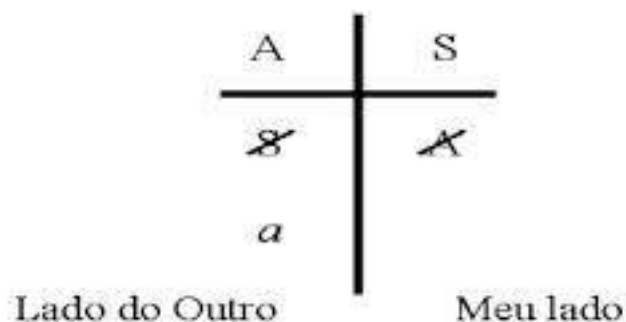
Mots clés: Angoisse. Objet a. Une canine.



A questão central no seminário X, proferido por Lacan, está em saber como a dialética sobre a angústia desloca-se para a questão do desejo, tornando-o vivo. A noção da causa é trilhada a partir do lugar do objeto *a*, objeto anterior a certa interiorização e que se relaciona tanto com o desejo quanto com a angústia. Está para o desejo enquanto função de causa e para angústia naquilo que toca o mais íntimo do meu ser, por um sinal no eu, de algo que não engana. Dente canino, filme de Giorgos Lanthimos, descreve a vida de uma família composta pelo casal de pais e seus três filhos adolescentes ou no começo da vida adulta. Praticamente o filme todo se passa na casa da família, pois o único que sai dela é o pai. A relação com a linguagem é muito peculiar, pois os pais re-significam qualquer palavra que possa ter um sentido agressivo, sexual ou que remeta a algo externo ao ambiente familiar, por exemplo, a palavra estrada significa vento muito forte, carabina pássaro branco e xoxota é uma grande luz. Eles criam para os filhos sua própria linguagem, transmitida por um gravador com a voz da mãe, substituindo não as palavras, mas o sentido das mesmas.

Isto já nos introduz a importância da linguagem para a constituição do sujeito. É assim que Lacan nos chamou: parlêtres, conjunção de falar com ser, seres de fala.

Figura 1 – Fórmula 1 da divisão subjetiva



Fonte: Lacan (1962-1963/2006).

Através da fórmula de uma divisão matemática, exposta acima, discorre sobre a divisão subjetiva, ou seja, como o ser vivente se constitui na relação com o Outro, passando de um ser natural, mítico, do gozo, a um sujeito desejante. Ao se confrontar com esse Outro, tesouro dos significantes, lhe ocorre uma subtração de gozo, aquilo que não entra na cadeia significante, que não pode ser significável, resta como um objeto perdido, pacote de gozo que ordena a vida pulsional. Esse a, objeto perdido e caído, é anterior ao próprio sujeito barrado, e ele mesmo causa para que haja um sujeito desejante.

Voltando ao filme, os filhos adolescentes nos transmitem a ideia de serem crianças, pela forma como se comportam, obedecem e pelos gestos, apesar de cronologicamente estarem situados na adolescência ou início da vida adulta, não tem nomes e são referidas no filme como, por exemplo, a irmã mais velha. Os filhos passam os dias brincando no jardim ou inventando jogos de competição onde há certos riscos de "se apagar" por meio de desmaio provocado por um afogamento ou ingestão de um anestésico. Parece que aqui surge a primeira pergunta feita ao Outro, mas colocada em ato: Podes me perder? Mas infelizmente veremos que a resposta não vai pelo bom caminho.

A sensação que temos em assisti-los é de puro estranhamento, Unheimlich freudiano, adolescentes que se parecem crianças em uma inibição corporal clara. Freud (1925/1996), em seu texto Inibição, Sintoma e Angústia, situa a inibição como uma restrição de uma função qualquer, como em relação à função sexual, a falta de ereção, vista no filho. Já nesta época marca que o sujeito se inibe para não se angustiar. Em uma mesma via Lacan (1963-64/2005) descreve a inibição como um sintoma posto no museu, ou seja, indica um vivido já antigo, paralisado, sem movimento.



Em seu quadro matricial acima, localiza a inibição no ponto de menor movimento e menor dificuldade, um não poder realizar um ato. Diferentemente do sintoma, na inibição não se trata de um conflito, mas de uma ocultação estrutural do desejo. Valere (s/d) afirma sobre o parentesco entre a inibição e o luto que não se pode realizar quando o sujeito se experimenta como puro objeto, na qual sua imagem narcísica, $i(a)$, é ameaçada em seu valor, levando ao risco de que sua imagem especular $i'(a)$ perca sua dignidade, reduzindo-se a pedaço de carne. A imagem narcísica mantém a sustentação do desejo que por sua vez depende do atravessamento do luto. Nas palavras da autora:

“De um lado o próprio sujeito tem que ser perdido como objeto de gozo do Outro. De outro lado, perde-se o Outro e é pelo lugar de causa que ocupava na relação que agora o sujeitinho tem que fazer o luto. O que depende, naturalmente, da castração no Outro. É no nível desse primeiro viés que falta pode faltar. Que pode faltar o apoio da falta do Outro”

Há uma tentativa de total isolamento com os laços sociais: são retirados os rótulos dos produtos que entram na casa, o telefone é escondido, não existe televisão aberta, apenas são mostrados vídeos caseiros, as músicas em língua estrangeira são traduzidas pelo pai a seu bel prazer e atribuídas à voz do avô. Até mesmo o gato que se introduz no jardim é transformado em uma besta feroz. Os filhos e a esposa são treinados como cachorros, literalmente, ficam de quatro e latem caso a besta feroz apareça. Há uma aproximação clara entre a ideia de se educar filhos assim como se adentra cachorros. Para reforçar essa ideia o pai rasga suas próprias roupas, se lambuza de um falso sangue e diz que foi atacado pelo gato que matou o irmão fujão, inventado pelo pai, que vivia do outro lado do muro. O filho mostra toda sua bravura em um ato heroico de matar com uma tesoura o gato invasor.

Lacan (1963-64/2005) frisa sobre a precessão do a sobre os objetos do mundo. Demarca que há os objetos que são partilháveis, presentes nas trocas sociais, e aqueles que não o são.

“Esses objetos, quando entram livremente no campo em que não tem nada a fazer, o da partilha, quando nele aparecem e se tornam reconhecíveis, tem a particularidade de seu status assinalada a nós pela

angústia. Com efeito são objetos anteriores à constituição do objeto comum, comunicável, socializado. Eis do que se trata no a.” (Lacan, 1963-64/2005, p. 103)

Um exemplo disso é a pequena torneirinha de Hans que pode vir, imaginariamente, parar na mão da mãe.

Nesse mundo idílico a pobreza da partilha está presente. Há cenas em que se faz qualquer ato (lamber o outro) em troca de ganhar alguns objetos como uma tiara ou um avião que pode cair do céu. A curiosidade das crianças é sempre driblada ou limitada por mentiras ou distorções para explicar aquilo que não pode ser controlado, como sobre os aviões que circulam no céu. Para dar conta disso sem ter que explicar o que é um avião, quando este passa, os pais jogam um avião de brinquedo no jardim e os filhos o disputam.

O sexual é entendido como uma pura necessidade. O pai traz uma moça “de fora” para satisfazer as necessidades do filho. Ato mecânico, puro ritual e com a presença de uma impotência em consumir o ato. A estruturação do desejo depende para Lacan dessa função de corte, de queda, o a em sua função de causa. “O desejo sempre continua, em última instância, a ser desejo do corpo, desejo do corpo do Outro, e nada além de desejo de seu corpo.” (LACAN, 1963-64/2005, p. 237)

Essa moça é quem introduz uma desordem na casa. Desperta um interesse sexual na filha mais velha provocado pelo pedido para que ela a lamba. Em troca a menina pede fitas de vídeo, dois filmes muito conhecidos: o Rocky e Flash Dance.

Em comemoração as bodas de casamento, presenciamos uma cena tragicômica, rimos para não chorar, em que a filha mais velha imita de forma maníaca a famosa dança da personagem de Flash Dance até que o pai ordene que pare. É um puro movimento desordenado, máximo de agitação que se traduz em uma tentativa de sair da inibição, como nos mostram os casos de hiperatividade, que foram tão comentados em certa época.

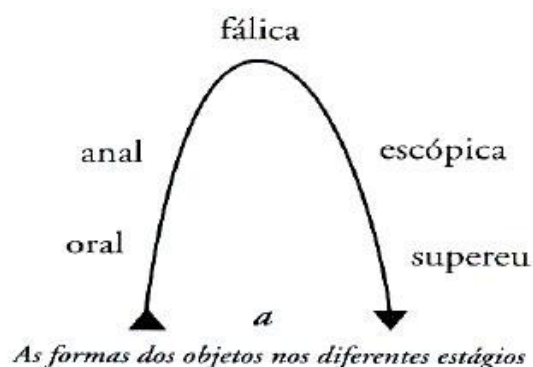
Da mesma forma encontramos alguns acting-out no filme, como na cena em que a irmã esfaqueia o irmão na tentativa de recuperar o avião caído do céu. Tentativa clara de fazer queda de a, aí onde não há, isso porque no acting-out, assim como em outros fenômenos clínicos, há algo que mostra que a cena está em vias de desabar, em sua estrutura de ficção: mostra o que resta, o que cai, esse a, contudo em sua

Faltando a falta o objeto não é recortado como impossível.

forma positivada e não em sua ausência, velado.

A cessão do objeto é uma operação que se constitui pela separação, ou seja, partição do interior do próprio corpo do sujeito de objetos que o sujeito encontrará para o suporte do desejo do Outro, por se prestarem a esta característica de separável: “trata-se de um objeto escolhido por sua qualidade de ser essencialmente cedível, por ser originalmente um objeto solto”. (LACAN, 1963-64/2005, p.357) A angústia precede o objeto cedível, ou seja, o sujeito cede o objeto que o representa em seu ser em forma de gozo ao sentir que o desejo do Outro pode sufocar: larga apenas um pedaço de si, para não ser todo devorado, como a lagartixa, que para se defender, é capaz de soltar a cauda (SOLLER, 2012). Essa partição no interior produz um corpo esvaziado de gozo e um objeto que permaneceu ligado a ele. Nas palavras de Lacan (1963-64/2005):

“Freud nos diz que a anatomia é o destino. Vocês sabem que, em certos momentos, ergui-me contra essa formulação, pelo que ela pode ter de incompleto. Mas ela se torna verdadeira se atribuirmos ao termo “anatomia” seu sentido estrito e, digamos, etimológico que valoriza a ana-tomia, a função de corte. Tudo o que sabemos de anatomia está ligado, de fato, à dissecação. O destino, isto é, a relação do homem com essa função chamada desejo, só adquire toda sua animação na medida em que é concebível o despedaçamento do próprio corpo, esse corte que é o lugar dos momentos de eleição de seu funcionamento. A separação fundamental – não separação, mas divisão por dentro -, eis o que está inscrito desde a origem, e desde o nível da pulsão oral, no que será a estruturação do desejo”. (p. 259)



O modelo do objeto oral, primeiro piso do grafo proposto por Lacan (1963-

64/2005) ao final do seminário e mostrado acima, é o seio na função do desmame. Desmame efetuado pelo próprio sujeito, já que o seio pertence a ele e não a mãe. O corte que se dará via castração acontece tanto para a criança quanto para a mãe, contudo em lugares diferentes e resultando em sobras diversas. É enquanto solta este objeto que se separa como sujeito, apesar de não poder saber que sua relação com o Outro se dá por esse a, queda que marca o campo do Outro. Interessante notar o efeito que Lacan diz produzir no infans: "É na possibilidade de agarrar ou soltar esse seio que produz o momento de surpresa mais primitivo." (LACAN, 1963-64/2005, p. 340) Esse efeito de surpresa também acontece no ato analítico, um ato que ultrapassa o sujeito e faz queda do objeto.

O segundo piso marca a fase anal que se caracteriza por uma demanda no Outro, ou seja, a solicitação da mãe, a "demanda educativa por excelência" (LACAN, 1963-64/2005 p. 317). Esse objeto ocupa uma função determinante na economia do desejo e se constitui como aquilo que resta da demanda no Outro por ser causa de desejo. É no nível do objeto anal, em sua função de a, que o sujeito é solicitado pelo Outro a se manifestar como sujeito. A demanda é uma parte importante do abandono do objeto, inclusive comanda o abandono e isso implica uma dialética na qual o abandono do objeto comporta uma relação de satisfazer o Outro.

O mito inventado pelos pais para explicar quando é que um filho pode sair de casa nos leva direto ao título do filme. Em uma cena, durante o jantar, o pai pergunta "Quando um homem está pronto para sair de casa?" Os filhos respondem: "Quando seu dente canino cair", então o pai continua: Mas um homem só pode sair de casa de carro, e quando ele pode dirigir? E a resposta: "Quando seu dente canino voltar a crescer" deixando evidente que os pais não tem a menor intenção em deixar os filhos saírem de casa.

O ponto alto do filme é quando somos levados a presenciar a cena da filha mais velha se batendo violentamente com um peso de ginástica até seu dente canino cair. Coberta de sangue dirige-se para o carro do pai, durante a noite, e entra no porta-malas.

Quando o pai percebe o sumiço da filha e o dente caído na pia, todos a procuram, mas ninguém a encontra. O filme termina com o carro partindo pela manhã.

Em outro acting faz uma tentativa desesperada de fazer uma separação, perda que a queda do objeto realiza pelo desencontro da relação do sujeito com o Outro, por seus fracassos, pela instalação da falta, para fazer surgir o desejo, pois este está ligado a função do corte, "ele deve ser posto em relação a esse objeto que sustenta e anima o desejo." (SOLER, 2012 p.120) Mesmo com o objeto caído, literalmente separado do corpo, o dente na pia, não é dessa separação que se trata, mas de fazer furo. Faltando a falta o objeto não é recortado como impossível.

Enquanto causa de desejo o objeto está velado e em todos os actings presentes no filme vemos uma mostraçãõ do a, um pedido de socorro para que alguém possa interpretar essa mostraçãõ e com esse ato fazer queda do objeto.

Estes estágios (oral, anal), a partir da castração, ganham um novo e acentuado sentido para o sujeito, completando sua incidência sobre o mesmo. A partir da intervenção retroativa do falo sobre esses pisos anteriores é que elas atingem seu ápice. Sem essa pregnância do objeto fálico, isto é, da intervenção paterna, sobre os objetos pulsionais, estas não se tornariam objeto a, ou seja, objeto causa de desejo, pois eles ainda seriam objetos possíveis de satisfazer ou fechar a falta no Outro. A partir do falo os objetos semblantes de a se situam no registro do desejo do Outro, um para além da demanda e somente dessa forma podem se situar como objeto a, deixando de operar como o objeto capaz de satisfazer o Outro. O falo está em toda parte, Lacan nos diz, ou seja, ele está sempre presente na relação de mediação

A angústia precede o objeto cedível, ou seja, o sujeito cede o objeto que o representa em seu ser em forma de gozo ao sentir que o desejo do Outro pode sufocar: larga apenas um pedaço de si, para não ser todo devorado, como a lagartixa, que para se defender, é capaz de soltar a cauda

entre o objeto a, na sua representação do sujeito em sua forma de gozo, e o Outro. O $-\varphi$ ($-\phi$), falo imaginário ausente, funciona como aquilo que detém o desejo em relação ao gozo e então permite a queda do objeto.

Somente na função da perda o objeto assume a função de causa do desejo. Não se trata de uma racionalização, pois este corte situa-se numa anterioridade lógica em relação ao sujeito, que é justamente seu efeito, um sujeito intimamente relacionado com sua objetividade. Para Lacan (1963-64/2005):

“Une-os (os estágios) uma solidariedade íntima, que se expressa na fundação do sujeito no Outro por intermédio do significante, e no advento de um resto em torno do qual gira o drama do desejo, drama este que permaneceria opaco para nós se não houvesse a angústia para nos permitir revelar seu sentido.”(p. 267)

Lacan (1963-64/2005) trabalha firmemente para mostrar que a angústia “não é sem objeto” e que ela não é produzida pela ameaça de castração, tal como encontramos inicialmente em Freud, mas ela está além da castração, não onde o objeto se faz ausente, mas justamente onde ele é deflagrado. A angústia se manifesta na incidência de um objeto, quando o vazio objetual não se sustenta, em outras palavras, quando a falta falta.

A título de hipótese podemos fazer uma leitura de que essa filha está identificada com este objeto de gozo do Outro, mesmo que imaginariamente, pois de alguma maneira a função de $-\varphi$ ($-\phi$) manca. Sua tentativa desesperada ao sair da cena (entrar no carro) pode ser lida como uma passagem ao ato, uma forma de tentar instalar a falta, de barrar o Outro.

O final nos deixa um mistério: será que a instalação da falta no Outro e o abandono identificatório ao objeto de gozo do Outro teve êxito?

Referências

1. COSTA-MOURA, F. e COSTA-MOURA, R. (2011). Objeto A: ética e estrutura. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 14 (2), 225-242. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982011000200005>
2. FREUD, S. (1996 [1926-1925]). Inibições, sintomas e ansiedade (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 20). Rio de Janeiro: Imago.
3. LACAN, J. (2005). O Seminário, livro 10: A Angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- SIRELLI, N. M. (2017). Objeto a e o Outro: cede-se uma libra de carne. *Trivium - Estudos Interdisciplinares*, 9(2), 257-267. <https://dx.doi.org/10.18379/2176-4891.2017v2p.257>
4. SOLLER, C.(2012). Seminário de leitura de texto ano 2006-2007 (Coleção Pathos). São Paulo: Escuta.
5. VALORE, A. Sobre inibições e Angústia na Adolescência. <https://letrapsicanalise.files.wordpress.com/2015/08/amsv1.pdf>



A angústia e o ato

The anguish and the act/ L'angoisse et l'acte

Maria Gabriela Calegari

Resumo

São inúmeros os atos que podem fazer parte de uma experiência analítica: ato falho, acting-out, passagem ao ato, ato analítico. O acting-out foi citado por Lacan como uma “monstração” (LACAN, 1962-63/2002, p.133) direcionada a um Outro. O acting-out clama por interpretação, ele é uma cena, uma mostra, na busca de um Outro que possa acolher sua mensagem. A passagem ao ato diz da identificação do sujeito a esse objeto podre: “É um ato de dignificação ao preço da vida. É um ato desesperado de negativização do corpo como objeto de gozo” (AMIGO, 2007, p. 67) e assim, o ato mais verdadeiro do sujeito. No seminário 10, Lacan desdobra e trabalha com intensidade esses dois conceitos, além de apresentar sua grande descoberta: o objeto a. Eles também são conhecidos como patologias do ato, e nesse artigo pretendo articulá-los com o conceito fundamental, dispositivo clínico, trabalhado em toda a sua obra e título desse seminário: a angústia. A partir disso, desdobrar o que Lacan coloca nessa proposição: O acting-out clama pela interpretação. O que seria essa interpretação e como trabalhar com esses fenômenos na transferência? Quais são as possíveis respostas do sujeito frente a esse afeto que não engana e o que são os atos em uma análise?

Palavras-chave: Ato. Angústia. Análise.

Abstract

There are countless acts that can be part of an analytic experience: slip-up, acting-out, passage to the act, analytic act. Acting-out was cited by Lacan as a “demonstration” (LACAN, 1962-63/2002, p.133) directed towards an Other. Acting-out calls for interpretation, it is a scene, a display in the search for an Other who can receive its message. The passage to the act says of the subject's identification with this rotten object: “It is an act of dignification at the price of life. It is a desperate act of negating the body as an object of enjoyment.” (AMIGO, 2007, p. 67) and thus, the most true act of the subject. In seminar 10, Lacan unpacks and works with intensity on these two concepts, in addition to presenting his great discovery: the object a. They are also known as pathologies of the act, and in this article I intend to articulate them with the fundamental concept, clinical device, worked on throughout his work and title of this seminar: anguish. From this, to unpack what Lacan puts in this proposition: “The acting-out calls for interpretation”. What would this interpretation be and how to work with these phenomena in transference? What are the possible responses of the subject in the face of this affection that does not deceive and what are the acts in an analysis?

Key-words: Act. Anguish. Analyze.

Résumé

Il y a d'innombrables actes qui peuvent faire partie d'une expérience analytique : acte manqué, acting-out, passage à l'acte, acte analytique. L'acting-out fut cité par Lacan comme une «monstration» (LACAN, 1962-63/2002, p.133) dirigée vers un Autre. L'acting-out demande interprétation, c'est une scène, une mise en scène, à la recherche d'un Autre qui puisse recevoir son message. Le passage à l'acte dit de l'identification du sujet à cet objet pourri : « C'est un acte de dignification au prix de la vie. C'est un acte désespéré de négativation du corps comme objet de jouissance » (AMIGO, 2007, p. 67) et donc, l'acte le plus vrai du sujet. Dans le séminaire 10, Lacan déploie et travaille avec intensité ces deux concepts, en plus de présenter sa grande découverte : l'objet a. On les appelle aussi pathologies de l'acte, et dans cet article j'entends les articuler avec le concept fondamental, dispositif clinique, travaillé tout au long de son ouvrage et titre de ce séminaire : l'angoisse. A partir de là, pour dérouler ce que Lacan met dans cette proposition : L'acting-out demande interprétation. Quelle serait cette interprétation et comment travailler ces phénomènes dans le transfert ? Quelles sont les réponses possibles du sujet face à cet affect qui ne trompe pas et quels sont les actes dans une analyse?

Mot-clés: Acte. Angoisse. Analyse.



No trabalho com os membros da Associação Livre de Londrina, tivemos como eixo de 2020 o tema: A angústia. Em um grupo de estudos, me deparei, no capítulo em que a apresentação era de minha responsabilidade, com um fenômeno que me chama a atenção e já me convoca há tempos: o acting-out. 'A angústia e o ato' é o título da minha escrita, ou seria melhor, 'A angústia e os atos'? São muitos os atos que podemos encontrar em uma experiência analítica: Acting-out, passagem ao ato, ato falho, ato analítico...

O Seminário 10, que tem como título, a angústia, nele Lacan (1962-63/2002) fala de um 'lembrar sem palavras', que chama de monstração, ao situar o Acting-out. Colette Soler (2012) sublinha que diferente da passagem ao ato que não se endereça a ninguém, diferente do sintoma que se interpreta, se decifra e não é direcionado a alguém, o acting-out mostra alguma coisa e é endereçado a um Outro. Lacan insiste no fato de que há um desejo que se mostra, mas não sabemos qual é; é um "desejo que se designa, sem visar mais nada além dessa designação". (SOLER, 2012, p. 70)

Na clínica, nos deparamos cada vez mais com esses fenômenos. Uma analisante entra na sala diz: "Oi, tem faxineira na clínica? Acabei de vomitar tudo o que havia comido e sujei o banheiro da sala de espera"; uma foto enviada pelo WhatsApp com um carro batido, e em seguida uma outra com um rosto muito machucado; moletoms em dias de muito calor para disfarçar ou mostrar inúmeros cortes em um braço; rompimento de um longo tempo de análise via WhatsApp com apenas: "pode liberar meu horário, obrigada pelo tempo de trabalho"; ou ainda através de faltas, atrasos, situações com o pagamento ou com a falta dele. Formas mais explícitas, outras mais discretas. Situações que nos exigem questionar e encontrar formas para manejar, sempre no um a um, às transferências das análises que nos dispomos a conduzir. As atuações, isso que o sujeito mostra e é direcionado a um Outro, nesse caso, a nós analistas. Lacan afirma: "O acting-out pede a interpretação". (LACAN, 1962/1963-2002, p.134) A partir disso, levanto a questão: o que seria esse pedido de interpretação? É sobre os atos, especialmente sobre essas monstrações e a relação que elas possuem com a angústia, que me propus a escrever e trabalhar aqui nesse artigo.

Lacan (1962-63/2002), nesse mesmo seminário, faz uso de dois termos, para falar desses fenômenos: a cena e o mundo. Chama de cena, o espaço do sujeito enquanto historicizado², que se reconhece em sua imagem e pode contar sua verdade em sua estrutura de ficção: a cena do Outro. O mundo é definido por ele como tudo aquilo que não está na cena, o lugar do que é

Esses fenômenos do ato, são respostas do sujeito frente à angústia, dizem de uma forma de não se haver com ela, fazem presente isso que escapa à cena

rejeitado e recusado, “é o lugar onde o real se comprime”, onde não se está na ficção.

O acting-out é direcionado ao Outro. Na medida em que o analista ocupa esse lugar na transferência, é direcionado a ele. O acting-out não é pura expressão da repetição; ele é um apelo feito a um Outro que possui autoridade transferencial sobre o sujeito.

No intuito de ilustrar esse fenômeno, trago resumidamente um caso que Lacan comenta nesse mesmo Seminário, de um paciente atendido por Ernest Kriss, analista da época que trabalhava com a Psicologia do Ego. Um homem de mais ou menos 30 anos, intelectual, que almejava crescer na carreira, e que, para isso era necessário a publicação de investigações realizadas por ele. Uma inibição profissional o impede de publicar suas ideias e o motiva a retornar à análise. Ele conta que quando iria publicar seu texto, se depara com um livro que supostamente corresponderia ao essencial de sua tese. Esse ocorrido o faz questionar se seria ele um plagiador.

Kriss no trabalho com o paciente explora minuciosamente o fato do plágio e chega à conclusão de que o paciente não o havia cometido e sim o colega. Lacan destaca que não é o fato de seu paciente não roubar que importa, que a questão, não é a busca da verdade do fato, e sim a verdade do sujeito.

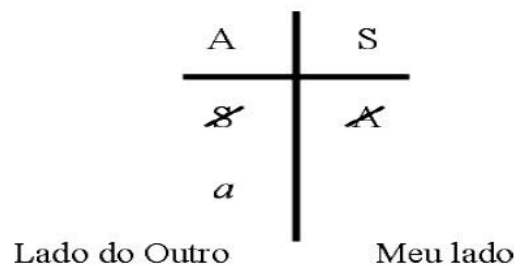
Kriss, em uma sessão, fala ao paciente sobre a sua inclinação a roubar que aparecia disfarçada na adolescência e que escapara desses impulsos censuráveis pela via de uma inibição profissional. Ele afirma que, por essa razão, somente as ideias dos outros eram interessantes. Após escutar essa fala do analista, o paciente fica em silêncio e relata um momento em que ao sair da sessão, ao meio-dia, vai a uma rua com vários restaurantes e lá mesmo come seu prato favorito, miolos frescos.

Essa interpretação do analista porta a pretensão de dizer toda a verdade do sujeito.

Com os miolos frescos o paciente simplesmente faz sinal a Ernest Kriss: “Tudo que você diz é verdadeiro, mas não esclarece a questão; restam os miolos frescos. Para lhe mostrar, vou comê-los ao sair para contar a você na próxima sessão”. (LACAN,1962/63-2002, p.134).

A relação do sujeito com o Outro, possibilita o surgimento de um resto, um resto que é o objeto a^3 , a grande invenção de Lacan que acontece nesse seminário. Ele apresenta o esquema da divisão do sujeito, e marca que a angústia está presente em toda a sua constituição, ela é estrutural. No acting-out, o sujeito apresenta o objeto a , ele mostra esse resto que sobra nessa história com o Outro.

Figura 1 – Fórmula 1 da divisão subjetiva



Fonte: Lacan (1962-1963/2006).

No artigo “Adolescência e acting-out. Uma questão para nosso tempo”, Ângela Valore comenta que é no lugar do $(-\varphi)$, falo imaginário inscrito como ausente, que se dá a coordenação entre a falta no Outro e o objeto a .

“O $i(a)$, imagem narcísica, mascara o real do a , e dá o favor do seu engano, o de uma completude, uma unicidade na qual os pedaços do corpo desorganizado até ali se reúnem. É no olhar do Outro que o sujeito por vir pode ser tomado como um. E através desse espelho chegar a ver-se em $i'(a)$, sua imagem especular. É o $(-\varphi)$, lugar da falta, como suporte de $i(a)$, imagem narcísica, que dá finalmente à imagem o seu prestígio. É, em última análise, a função do $(-\varphi)$ que possibilita o engano.” (Valore, 2011, p.4)

É a necessária falta no Outro, que posiciona o olhar materno e possibilita a ilusão. “Na falta disso, a resposta que alguém poderia dar à questão de que objeto foi para o Outro não seria pronunciável. Seria injuriosa.” (VALORE, 2011, p.3)

“É exatamente o lugar da angústia, ali onde o sujeito busca responder à questão de seu ser, interrogando seu lugar na falta do Outro. (SOLER, 2012, p. 42) Ela é o sinal da ameaça desse lugar de onde se recorta o $(-\varphi)$, lugar que deveria estar vazio, estar habitado. Habitado

O a que se mostra, que aparece na transferência, não está na função de perda, de falta, de causa de desejo. Ele diz da aproximação do sujeito ao objeto e pede por separação, por corte.

pela aspiração de mim para esse lugar de onde eu fui libertado por esse recorte, ou seja, de eu ser o falo para o Outro; eu mesmo reduzido à essa condição. É esse o lugar da angústia, entre o desejo e o gozo. Ela é um afeto que não engana, um sinal de quando esse limite não está bem estabelecido.

Acompanhando Soler (2012), a angústia é quando essa falta, situada na intersecção do sujeito e do Outro, se preenche, por isso a fórmula de Lacan: “a angústia é quando a falta falta”. (SOLER, 2012, p. 43) É quando alguma coisa aparece nesse vazio.

Ainda nesse seminário, Lacan coloca que na inibição é da paralisação do movimento que se trata; “...estar impedido é um sintoma; e inibido é um sintoma posto no museu.” (LACAN, 1962/63-2002, p.18) O acting-out além de mostrar um resto, de escancarar o objeto, de mostrar a aproximação do sujeito à esse objeto podre, objeto de gozo, também é considerado por ele uma tentativa de saída da inibição; saída por uma via que não a da angústia.

Esses fenômenos do ato, são respostas do sujeito frente à angústia, dizem de uma forma de não se haver com ela, fazem presente isso que escapa à cena. Lacan os trabalha no caso da Jovem Homossexual, paciente de Freud, e fala da passagem ao ato como um deixar cair do lado do sujeito. Para ele:

“A passagem ao ato está, no fantasma, do lado do sujeito, na medida em que ele aparece ao máximo apagado pela barra. É no momento de maior embaraço, com a adição comportamental da emoção como desordem do movimento, que o sujeito, precipita-se de lá de onde está, do lugar da cena onde somente como sujeito fundamentalmente historicizado, ele pode manter-se em seu estatuto de sujeito, e que ele bascula essencialmente para fora da cena.” (Lacan, 1962/63-2002, p.124)

O que acontece é a sua identificação absoluta a esse pequeno a, ao qual ela se reduz. É um deixar-se cair, evair-se da cena; identificada e ao mesmo tempo dejetada fora da cena. “É um ato de dignificação ao preço da vida. É um ato desesperado de negativização do corpo como objeto de gozo.” (AMIGO, 2007, p. 67)

Volto agora a uma questão que fiz no início: O que seria esse pedido de interpretação do acting-out? Esse momento em que o sujeito, sem saber que o faz, clama pela interpretação do Outro; clama pela interpretação do analista.

Uma intervenção do analista, um corte, pode resultar em abertura para diversos caminhos, sentidos

e interpretações. Pode ter um efeito de ato analítico, que se comprova sempre em um só depois. Essas atuações que ocorrem dentro ou fora da análise, escancaradas ao analista ou relatadas em sessão, mostra algo que não pode ser dito, mostra o objeto a. Silvia Amigo (2007) afirma que são tentativas de inscrição do $-\phi$. São encenações em busca de tradução de um Outro que possa acolher essa mensagem. Um alerta aos analistas nas palavras de Lacan: “Se ele ocupou este lugar, pior para ele. Ele tem de qualquer forma a responsabilidade que pertence a esse lugar que ele aceitou ocupar.” (LACAN, 1962/63-2002, p.136)

Na lição 9 do Seminário da Angústia, Lacan salienta:

“Interpretá-lo (...) está fadado a fazer pouco efeito, se assim posso dizer, nem que seja porque é para isso que ele é feito, o acting-out. Quando vocês olham as coisas de perto, na maior parte do tempo vocês percebem que o sujeito sabe muito bem o que faz, é para oferecer-se à interpretação de vocês no acting-out. Mas vejam, não é o sentido do que vocês interpretarão que conta, qualquer que seja ele, é o resto. Então, pelo menos por essa vez, sem adição, é o impasse.” (Lacan, 1962/63-2002, p.135)

O lugar do analista requer uma escuta atenta, cautela e prudência nas intervenções e no manejo com a angústia: sinal e indicativo fundamental para o dispositivo analítico. Penso que a partir de um convite a que se fale disso, da instauração de um enigma, de não deixar passar batido o que está sendo mostrado e de intervenções precisas, o que é atuado pode ter um lugar, ser escrito e vir a ser lido. O a que se mostra, que aparece na transferência, não está na função de perda, de falta, de causa de desejo. Ele diz da aproximação do sujeito ao objeto e pede por separação, por corte. Lacan afirma que o que importa é o resto; o que importa é que

“É exatamente o lugar da angústia, ali onde o sujeito busca responder à questão de seu ser, interrogando seu lugar na falta do Outro. (SOLER, 2012, p. 42)

essa intervenção possa cindir.

Na condução do tratamento é essencial acompanhar e respeitar o tempo de cada sujeito. A angústia, motor dele, precisa ser manejada para que uma análise seja suportada, para que ela não se rompa ou então paralise ainda mais quem a procura. O analista em sua função, no lugar de causa, sustentado pelo desejo do analista, deve estar advertido do risco que é vacilar em sua posição. Ele, sustentado por sua própria experiência e formação, em cada caso, na regra da associação livre e sua atenção flutuante vai criar intervenções, escrever e ler com seu analisante o que for construindo ali naquela transferência, respeitando seus limites. As atuações podem compor o funcionamento do sujeito e aparecer no decorrer de uma análise, mas também podem ser provocadas pelo analista, por não escutar ou então intervir de um outro lugar.

Os atos fazem ou podem fazer parte de uma análise: atos dentro ou fora da cena. Ato falho precisa ser escutado e marcado. Ato analítico pode ocorrer, fazer queda do objeto e é comprovado em um só depois. Acting-out é um ato mostrado que clama por interpretação e a passagem ao ato, não demanda mais nada, cai da cena, é a queda da transferência. “Segurá-los pela mão para não deixar cair” (LACAN, 1962/63-2002, p.131) é uma frase que empresto de Lacan para esse último parágrafo de minha escrita: o analista, sustentado pelo desejo do analista, possibilita uma análise. “... só o amor consente ao gozo condescender ao desejo” (LACAN, 1966-1998, p.776) é mais um dos aforismos de Lacan. O amor de transferência, o analista no lugar de semblante de objeto a - causa de desejo, pode sustentar, segurar pela mão, acompanhar o sujeito nessa trajetória. E quem quiser se aventurar e apostar nessa experiência, pode vir a se servir de algo no mínimo mais interessante: viver com mais entusiasmo, gozar e desejar pela lei, construir um saber-fazer com o seu sintoma, se servir da marca do nome do pai, da falta, da castração!

1 1Membro da Associação Livre Psicanálise em Londrina. E-mail: mgcalegari@hotmail.com

2 Hystoricizado é um termo inventado por Lacan que diz respeito à história, essa contada pelo sujeito, sua estrutura de ficção, fantasma.

3 Objeto a é um conceito fundamental e complexo inventado por Lacan que foi desenvolvido a partir do ‘objeto’ freudiano e da própria exploração de ‘alteridade’ por Lacan. O objeto pequeno a representa o objeto de desejo inatingível, objeto causa do desejo. Lacan sempre insistiu que o termo deve permanecer não traduzido “adquirindo assim o status de um sinal algébrico”.

Referências

- 1.AMIGO, S.Clínica dos fracassos da fantasia. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2007.**
- 2.LACAN, J. Escritos. (1966) Rio de Janeiro: Zahar, 1998.**
- 3.LACAN, J. Seminário 10, A angústia. (1962-63) Recife:(publicação não comercial exclusiva para os membros do centro de estudos freudianos do recife), 2002.**
- 4.SOLER, C. Seminário de leitura de texto Ano 2006-2007: Seminário A angústia, de Jacques Lacan. São Paulo: Escuta, 2012.**
- 5.SOLER, C. Declinações da angústia: curso 2000-2001. São Paulo: Escuta, 2012.**
- 6.VALORE, A. Adolescência e acting-out. Uma questão para o nosso tempo. Artigo apresentado no Congresso de psicanálise criança e adolescência. Salvador, 2011.**

Nos SOS Tem pos

Notas sobre a reinvenção da Psicanálise

Leonardo Danziato

Nos últimos 20 à 30 anos a psicanálise vem passando por um processo complexo de renovação e reinvenção, promovido pelo que considero ser uma assimilação de uma série de críticas que ela já havia sofrido durante sua história, mas também pela composição de novas interrogações, interpelações e “intervenções” contundentes, provenientes da emergência de alguns saberes, práticas e discursos, tais como: um nova configuração do feminismo, a difusão e estabelecimento discursivo dos estudos de gênero e a interlocução com os estudos decoloniais.

Essas recentes epistemologias e discursos, tanto se utilizam de categorias e influência da própria psicanálise, como, paradoxalmente, a criticam e postulam algumas ultrapassagens importantes, seja do seu arcabouço teórico, seja através de uma politização e ampliação das suas práticas.

Nessas poucas páginas, não vou entrar no mérito da legitimidade, da validade ou mesmo do rigor epistemológico dessas “interloquções”. Até acho que em várias críticas há realmente um desconhecimento da gênese e posições de alguns fundamentos psicanalíticos. Mas entendo que os bons efeitos de renovação e reinvenção que operam, devem convocar a psicanálise e os psicanalistas a uma posição de escuta, antes do rechaço. Por isso mesmo, não me agrada a ideia de simplesmente recusar as críticas a partir de uma depreciação epistemológica das suas posições, “dando de ombros” e afirmando: “isso não é psicanálise!”. É claro que muita coisa que se auto nomeia psicanálise, não o é. Mas diante desses movimentos, constato que a psicanálise está sendo convocada a revisitar seus alicerces e posições, operando uma reinterpretação conceitual, onde insira uma politização das categorias, uma historicização dos fundamentos, uma ampliação de suas práticas. Acho mesmo que a psicanálise sofreu e sofre uma “intervenção” por parte desses saberes, a partir da qual precisa dar uma resposta que não seja mero repúdio.

De uma maneira geral o campo da psicanálise historicamente reagiu com uma recusa tácita diante dessas interpelações. Desde os embates das feministas com Freud, ou mesmo as repreensões anti “familialistas” e anti-edipianas de Deleuze e Guattari, ou ainda, diante das proposições historicizantes e politizantes de Foucault, observamos uma posição de resistência e repúdio dessas críticas. Os argumentos contrários as consideravam infundadas, ou que não entendiam o caráter estrutural do arcabouço teórico psicanalítico, ou mesmo que a psicanálise não tinha o que dizer sobre a política, já que sua práxis seria eminentemente clínica, ou ainda, que de alguma forma Lacan já teria ultrapassado esses pontos de entrave da teoria.

Preciso deixar claro que todas essas “contra-críticas” podem ser muito apropriadas dependendo da situação. O que estou recomendando, contudo, é uma certa prudência e uma posição de escuta diante do que realmente parece estar se operando, antes de um rechaço reativo. Na minha leitura, não podemos reduzir ou ladear o que está ocorrendo hoje com uma mera deformação, como aconteceu na leitura americana da psicanálise, tão denunciada por Lacan. Naquele caso, o pragmatismo e o neoliberalismo comportamental americano, adaptaram o sujeito a sua condição de consumidor, dissolvendo o caráter subversivo do sintoma. Não vou adentrar nessa seara, mas, não poderíamos afirmar que o pragmatismo e o neoliberalismo triunfaram em nossas sociedades ocidentais? Constatamos cotidianamente a apropriação mercadológica da formação

dos analistas pelos aplicativos de redes sociais, inserindo-a na lógica do mercado do saber.

Nos campos desses novos movimentos discursivos, sociais e epistemológicos não estamos diante de mais uma tentativa de adaptação funcionalista e mercadológica do sujeito. O que observo é uma inflexão à uma leitura genealógica dos conceitos e das práticas. O feminismo convoca a psicanálise a depurar suas vinculações como o patriarcalismo edipiano e a misoginia estrutural. Os estudos de gênero exigem uma consideração radical da lógica da sexualização lacaniana, sem a qual a psicanálise permaneceria paralisada no binarismo dos sexos e na heteronormatividade compulsória. Os estudos decoloniais convidam à um reposicionamento discursivo dos lugares com o saber, que não seja transmitido unicamente pela tradição colonial europeia, assim como, a consideração de outras subjetivações, lógicas e tradições que não se vinculam ao monoteísmo ocidental.

Seria demais assentir com a afirmação de que o pai na tradição freudiana, ou mesmo lacaniana - até determinado momento da teoria - obedece a uma posição típica do monoteísmo ocidental? Quais as consequências para a prática, se considerarmos outras subjetividades para as quais o lugar do pai não seja propriamente “unificado”? Não foi Lacan quem denunciou a religiosidade de Freud, por colocar o pai no lugar do buraco do Real? Deixo em aberto...

Ou seja, essas novas provocações e intervenções dirigidas à psicanálise, convocam-nos a politizar a subversão, e não a dissolver, mesmo que seja crucial o cuidado para não desconsiderar seu caráter clínico e estrutural. Esse cuidado é o grande trabalho ao qual estamos sendo instados.

Pois bem, nesses últimos 20 a 30 anos parece que algumas portas se abriram, especialmente por se entender que o caráter estrutural - e não estruturalista - dos conceitos não se opunha de forma excludente a uma certa historicização genealógica da forma como se apresentavam socialmente. Por outro lado, como disse, avanços tanto no campo psicanalítico como nesses outros saberes, novos parâmetros e lógicas foram propostos para se pensar o saber, os discursos, a verdade, os modos de gozo, entre tantos outros aspectos que implicam o sujeito e a sua subjetivação.

Esses deslocamentos incidiram sobre noções bem estabelecidas para a clínica e para o entendimento estrutural do sujeito. Por mais que não se possa recusar que a linguagem tem um caráter estrutural que transcende os movimentos históricos e geográficos, por outro lado, não podemos desconsiderar que as formas discursivas através das quais os laços sociais se estabelecem via linguagem, alteram-se e alternam-se histórica e socialmente. Se a linguagem é um “aparelho de gozo”, ela funciona interditando ou propondo modos de gozo, de acordo como estejam abalizadas certas formas discursivas numa dada cultura. Por mais que o “phallus” e o “Nome-do-pai” sejam significantes balizadores da estrutura do sujeito, não podemos desconsiderar que, mesmo que eles funcionem como mediadores da relação do sujeito com o sexo e o gozo do corpo, a posição que ocupam nas práticas sexuais ou nos modos de gozo, interditados ou oferecidos pela sociedade, depende também da situação discursiva de um determinado momento histórico e social. Por exemplo: se a anatomia foi o destino para Freud, hoje ela já não funciona mais como um significante absoluto abalizador das sexualidades: ela não é mais um S1 imperativo e soberano.

Como sabemos, a psicanálise emergiu no mundo europeu, moderno e ocidental marcado por uma série de condições históricas e discursivas, entre elas o surgimento da ciência e o seu desenvolvimento a partir do século XVII. Como já nos ensinaram Kant e Foucault, todo saber e toda prática não surge unicamente do gênio de um autor, mas é permitida por determinadas condições históricas e discursivas de possibilidade.

Durante esses quatro séculos, obviamente, essas condições históricas e discursivas se deslocaram. O discurso científico se enraizou no solo na nossa cultura, o mundo europeu se tornou dominante e o capitalismo triunfou e se tornou imperativo.

Não seria razoável pensar que as balizas significantes do sujeito contemporâneo, aquelas que operam uma mediação com o sexo, com o gozo do corpo e com o outro se modificaram, e que os processos de subjetivação também se alteraram? Como diz Lacan, o psicanalista precisa estar atento e tentar dizer algo sobre a subjetividade de sua época. Dar conta da subjetividade de sua época implica em acatar uma leitura também genealógica da psicanálise.

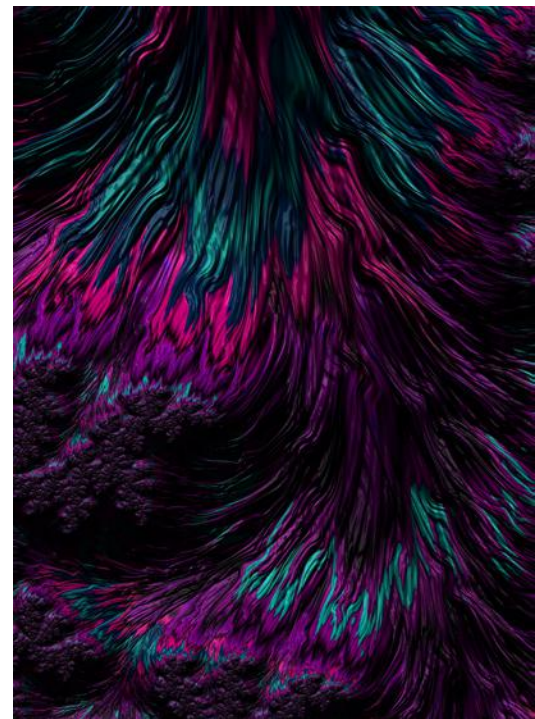
Nesse período histórico vivenciamos um declínio do patriarcalismo e o

deslocamento da dominância da lógica fálica. Foram esses movimentos discursivos e arqueogenealógicos que permitiram uma outra relação com o Real e, conseqüentemente, o surgimento da ciência e da psicanálise, demonstrando o buraco em torno do qual a linguagem e a estrutura do sujeito orbitam.

Não seria demasiado afirmar que a psicanálise nasce no âmbito desse mundo patriarcal, monoteísta e burguês, cujo modelo de família burguesa-patriarcal, influenciou suas proposições teóricas, tal como o famigerado complexo de Édipo. Por outro lado, um dos efeitos do discurso da ciência e do discurso do capitalista, foi fragilizar essa posição soberana do pai e do falo, abrindo possibilidades de novas formas de gozo e outras sexualidades que não estão “totalmente” no campo fálico, permitindo, assim, uma outra posição às sexualidades “não-todas”. Não teria sido Lacan um fenômeno proveniente desses deslocamentos discursivos que operou uma renovação da psicanálise?

Estamos agora diante de uma outra convocação para uma reinvenção da psicanálise. Tanto Freud como Lacan, sabiam e recomendavam que os psicanalistas precisam reinventar a psicanálise que praticam. Diante desse movimento histórico de declínio do patriarcalismo e da dominância fálica, a psicanálise e os psicanalistas não podem permanecer na posição nostálgica e religiosa de buscar ressuscitar o pai. Essa posição só nos leva a um reacionarismo reativo, discursivo e prático. Como propôs Lacan, o sujeito deve poder “dispensar o pai, contanto que possa dele se servir”. Parece que, teoricamente e historicamente, estamos dispostos diante desse impasse.

Que cada psicanalista possa, da sua forma, se autorizar a passar esse passe.



Um Pouco de His tória

Nesta edição comemorativa aos 10 anos da Associação Livre Psicanálise em Londrina – ALPL damos continuidade à seção ‘Um pouco de História’ mantendo a proposta inaugurada na última edição. Logo, homenageamos nomes da psicanálise brasileira e/ou internacional que fazem história e deixam sua marca, contribuindo efetivamente na construção e reinvenção do nosso campo. Para a presente edição, convidamos os psicanalistas Clara Cruglak, Zeila Torezan e Aurélio de Souza. Zeila é fundadora da ALPL. Clara, que já participou da IV Jornada, cujo tema foi Repetição, além de de vários outros trabalhos da Associação, dá-nos o prazer de retornar nessa IX Jornada de 2022. Aurélio também é um antigo colaborador da Associação Livre, tendo participado da II e III Jornadas da Associação Livre, em 2014 e 2015, respectivamente.

A eles foi solicitado que contassem um pouco da sua história e de seu envolvimento com a Psicanálise de orientação Lacaniana. Todos, com vasta experiência clínica e pessoal, oferecem-nos textos primorosos que vão além do rigor técnico, exigido pelo tema que abordaram.

Clara discorre sobre “O Desejo do Analista”, desde o primeiro parágrafo apontando a especificidade que o distingue do conceito de desejo. O desejo do analista, apontando para aqueles que se movem por uma verdade incurável, e para utilizar de suas palavras, “...o incurável como o que corrobora a equívoca relação do sujeito com o saber, o sexo e a morte”. Clara nos instiga, afirmando que o desejo do analista é o que propicia que o sujeito analisante atravessasse o plano da identificação e nos conduz, logicamente, no percurso para discorrer sobre o passe, contando-nos de sua experiência como passante.

Zeila, por sua vez, apresenta-nos sua história familiar e entre o não sentido das histórias contadas por sua mãe e as invenções de palavras feitas por seu pai, irá discorrer sobre alguns dos fundamentos da Psicanálise lacaniana. Vai nos contar de seu (des) encontro com o Psicanálise, para também alcançar o desejo do analista e a questão do passe.

Aurélio nos presenteia com um texto sobre o tema da Jornada desse ano, o objeto da psicanálise, denominado “O Objeto da Psicanálise e seus efeitos na prática psicanalítica”. Aqui encontraremos reflexões sobre o sujeito lacaniano e sua implicação com a linguagem.

Nossos agradecimentos à Clara, Zeila e Aurélio por esses textos primorosos, para brindarmos juntos essa Jornada de 10 anos da Associação Livre – Psicanálise em Londrina. Ao leitor, nossos votos de uma agradável leitura.

El deseo del analista

Clara Cruhlak

El deseo del analista porta una especificidad que lo distingue del deseo. Poder hacer esta distinción posiblemente nos permita decir algo de eso que opera para que alguien, luego de pasar por la experiencia de un análisis, decida dedicarse a la práctica psicoanalítica.

Pienso que aquel que llega al fin del análisis y elige dedicarse a la práctica del psicoanálisis lo hace movido por “lo incurable” en el lugar de la “causa”. Me refiero a lo incurable como eso que constata una desavenencia radical. Incurable como lo que corrobora la equívoca relación del sujeto al saber, al sexo y la muerte. Y esta constatación es alcanzada en la dimensión de una verdad incurable, en distintos tiempos de un análisis cuando —a efecto del acto— se subvierte la insistencia del síntoma y por un momento queda al desnudo la dimensión de verdad que encubría ese síntoma. En la remisión de la significación, en el punto límite de la metáfora, allí donde el sujeto es alcanzado “en acto” en el punto de su verdad, esta desavenencia del sujeto al saber, al sexo y a la muerte se verifica. Y sólo después de un número suficiente de vueltas podría hacerse algo con eso. Algo que no fuera del orden del síntoma.

Ahora bien, desde allí a la incitación de hacer algo con eso ¿qué es lo que se pone en juego para que alguien decida hacerlo operar en la rectificación de esos senderos retorcidos, largos y costosos, de aquel que llega con una demanda de análisis? Aquel que allí se propone sabe de esa desavenencia radical. Porque esa verdad es alcanzada por medio del saber. Una verdad no audible que, sin embargo, puede serlo sólo para quién sepa discernir de ella el lugar, advierte Lacan¹, allí donde algo cojea, anda mal y sorprende al saber. Un saber referenciado a su propia experiencia. Experiencia que el sujeto hizo y

hace de “sí” como “uno”. “Uno” en su singularidad —en el encuentro con esta verdad— pone de manifiesto la imponderabilidad de lo real porque hay simbólico que muestra así su incompletud.

Para ofrecerse en ese lugar, el deseo de analista porta una especificidad que lo distingue del deseo y es precisamente esta **verdad incurable** que opera “en” y “desde” la dirección de una cura. Lacan llama “verdad incurable” a la verdad que es alcanzada en el análisis por medio del saber. Esa verdad es incurable, afirma. “Se es esta verdad”²

Subrayo: “Se es esta verdad”. ¿De qué modo? ¿Cómo? La “incurable verdad” está referida a la falta radical en el origen: a la falta de origen, que podría escribirse con el Unbegriff como concepto de la falta, allí mismo donde no hay concepto. Se trata del mismo lugar desde donde opera el objeto causa del deseo en la estructura.

Lo incurable —enunciado como “verdad incurable”— está indicando una condición esencial. El atributo justo de la dimensión y el estatuto del objeto que está en causa en el deseo del analista: objeto sin envoltura, sin la cobertura que es menester que haya en el fantasma. ¿Qué quiere decir esto? ¿Sin envoltura?

Tal vez x aquí podamos pensar que los tiempos que se conjugan en la gramática pulsional ser- hacer- y hacerse como tiempos verbales que alojan la posición del sujeto (moi) en el fantasma, ya no están activos, podemos decir que no operan en aquello que causa el deseo de analista enlazado a lo incurable. Se propicia entonces que la función presencia del



analista opere. ¿Por qué? Porque desde esa posición que toma la función presencia del analista no hay sujeto que responda a la demanda de Otro. Hay en todo caso un lugar de resonancia de la voz del sufriente de donde proviene la demanda de curación. Quien aloja la voz del sufriente no responde a la demanda de otro. Es de alguna manera por estar advertido de la desavenencia radical de lo que no encaja. Es lo que podemos pensar como condición de posibilidad necesaria a la hora de reconocer que en la función semblant, cuando se está analista, se juega el límite que el goce impone a la verdad. Solemos decir mas livianamente que el analista suspende su fantasma mientras escucha a su paciente. Lacan se refiere al atravesamiento del fantasma luego de haber puesto énfasis en el mantenimiento de la distancia entre I y @ como mecanismo fundamental de la operación analítica. El propósito de situar a la mayor distancia posible el @ del I, llegando a aislarlo es logrado porque el analista esta advertido que es requerido por el analizante para encarnar este lugar de I. El analista debe abandonar esa idealización para servir de soporte al objeto @ separador, en la medida en que su deseo se lo permite. El deseo de analista propicia que el sujeto atraviese el plano de la Identificación.

“Ir más allá del plano de la identificación es posible” asevera Lacan ahí. Y es posible porque lo que está en causa en el deseo de analista es un objeto sin cobertura fantasmática. Es el plano de la identificación el que parece ser atravesado posibilitando ir más allá de la ubicación del sujeto respecto del @. Un sujeto que ha atravesado el fantasma radical despierta en Lacan la pregunta sobre cómo se vive entonces la pulsión al final de un análisis. “Esto es el más allá del análisis y nunca ha sido abordado. Actualmente solo puede ser abordado a nivel del analista, en la medida que se le exige, precisamente, haber recorrido en su totalidad el ciclo de la experiencia analítica”

Si el fantasma resulta de haber pasado por la sujeción a la demanda, porque el sujeto responde con su ser a la demanda del Otro, la respuesta que el sujeto se da frente a la demanda lo sitúa como objeto del Ideal, operar la separación es intervenir en el plano de la identificación. De ahí en mas se puede comenzar en el análisis la deconstrucción del argumento que ligaba la identificación al síntoma mostrado en la frase del fantasma.

Retomo entonces, porque lo incurable está en “causa” es que el analista puede ser el instrumento de la operación analítica. Condición de posibilidad necesaria a la hora de reconocer que en la función semblant se juega el límite que el goce impone a la verdad. Y es desde el lugar de semblant que el goce puede ser interpelado, evocado o —incluso como lo remarca Lacan— elaborado. Y, justamente, por la misma estructura del acto llega a cumplir la función de las especies del objeto. Ni sostenemos, ni somos semblant. Somos en ocasiones lo que puede ocupar su lugar y hacer reinar ahí el objeto a. Es porque el objeto que está en “causa” es un objeto sin envoltura. La atribución, lo que posibilita que se le atribuya esta condición es la función verdad incurable que lo pone en causa.

Porque esa verdad incurable se la “es ahí” es que intento situar allí la causa. Esta causa está regida por una ley que Lacan extrae de la estética trascendental kantiana³. Cito un párrafo de Kant: “Causa

y efecto pueden ser al mismo tiempo, (...) el instante en que el efecto se comienza a producir es coetáneo de la causalidad de su causa”⁴ De aquí me sirvo para decir que lo que está “en causa” y la causa misma en esa coetaneidad que presentifica la hiancia, abertura fundante, es el lugar en el que se sitúa el objeto y su caída.

La verdad incurable es ahí, donde se vacía de evidencia lo metonímico del objeto, presentificando lo real de la estructura localizada en la doble vuelta möebiana. La verdad no se confunde con lo Real, pero si algún pedazo de real pasa, pasa a través de la dimensión de la verdad.

LA INCURABLE VERDAD Y LO IR-REMEDIALE.

La incurable verdad de la que habla Lacan no es la verdad de la que hablan los filósofos ni la que cantan los poetas. ¿O sí?

Es estructural, es una invariante de la estructura del ser hablante ¿por qué no pensar que es la que hace hablar a los filósofos, poetas y trovadores?:

“Uno es sólo lo que es
y anda siempre con lo puesto
nunca es triste la verdad
lo que no tiene es remedio”⁵

Este verso se ofrece sensible para nombrar, al modo del poeta, esto poco y justo de imaginario con que se circula después de haber transitado por el final del análisis. Con los mínimos recursos de lo imaginario conquistado de otra manera. Sirviéndome de estos versos me permito un deslizamiento —de incurable a irremediable— para

decir que la irremediable verdad, la que no tiene remedio, esa que además, porta el valor del farmakon. Es en ella misma que se apoya y se soportan los efectos de curación (guérison) en la dirección de la cura, esos efectos que vendrían por añadidura. Lo incurable —y ahora agregaría lo irremediable— teniendo presente la idea de farmakon.

La idea de farmakon la tomo de Platón, del diálogo de Fedro con Sócrates, cuando este último le refiere lo acontecido en Egipto en la época del dios Teut que, según se dice, inventó los números, el cálculo, la geometría, la astronomía, así como los juegos del ajedrez y de los dados; en fin, es el que inventó la escritura. El dios se presentó al rey Tamus y le manifestó las artes que había creado, explicándole en detalle los usos de cada una. Cuando Teut llega a la escritura, enfático, exclama que esta invención hará a los egipcios más sabios y servirá a su memoria. El rey le responde que ella no producirá sino el olvido en las almas de los que la conozcan, haciéndoles despreciar la memoria. El rey considera que la escritura no es un remedio, sino un veneno, algo nocivo y perjudicial. Porque si las personas ejercitaran la escritura para no olvidar, lo que ocurriría es que lo que tendría que ser recordado lo olvidarían una vez que lo tuvieran escrito.

Farmakon porta esta doble vertiente, como veneno y antídoto. Causante del mismo mal que pretende remediar.

Continuando el diálogo con Fedro, Sócrates subraya el verdadero inconveniente diciendo que: “El que piensa transmitir un arte consignándolo en un

libro y el que cree a su vez tomarlo de este, como si esos caracteres pudiesen darle alguna instrucción clara y sólida, me parece un gran necio (...) Este es el inconveniente tanto de la escritura como de la pintura; interrogadlas y veréis que dignamente guardan silencio”⁶

Este silencio al que se refiere Sócrates lo quiero enfatizar, porque entiendo que no se trata de “callar” o “no decir” con la intención de silenciar. Muy por el contrario, el silencio del cual nos advierte Sócrates, es el de la insuficiencia frente a la incompletud, en relación a lo imposible de ser escrito. Es decir, lo que no se deja escribir y fuerza a la escritura: lo real.

El olvido temido por el rey está referido a una falla de la memoria. Pero no es esto lo que la escritura viene a subsanar. Viene al lugar de la falta de olvido primordial —si se me permite el término— donde no hay memoria posible, nada para recordar. La escritura, en todo caso como efecto y como acto que marca un origen allí donde no lo hay. Lo que origina la escritura —podría decirse— estaría en ese silencio mismo que denuncia Sócrates.

En nuestro campo, la escritura da consistencia a la imposibilidad de escribir la imposibilidad. Contamos con una escritura topológica y nodal, un artificio posible para escribir la imposibilidad de escribir lo real que, pasando en silencio, se deja escuchar. “La escritura es un artificio. Lo Real no aparece más que por un artificio, un artificio al hecho de que hay palabra e, incluso, el decir. Y el decir (le dire) concierne a lo que se llama la verdad. Es, seguramente, por

lo que “digo” que, la verdad, no se puede decir (la dire)”⁷

Los elementos con que escribimos son aquellos elementos legibles que participan de la escritura. Pero en la grafía que se hace “ser”, el elemento escritural cuenta con otro término más. La escritura posible, de lo que cesa de no escribirse, es del orden de lo contingente: el falo. En la dirección de la cura escribimos lo que adquiere consistencia y puede ser escrito, por ejemplo, lo que consideramos como producción del inconsciente: el síntoma, el lapsus, el chiste, y lo que es del orden del goce y de la letra.

Lo que dice el analista participa también de la escritura, él equivoca sobre la ortografía —advierde Lacan⁸— lo que dice es corte y pasa en acto. La grafía con la que eso se escribe es un artificio que muestra la imposibilidad de hacerse escrito, se muestra en abertura. He aquí ese otro término imposible, imponderable que opera en lo escrito. Mostrando ahí donde la verdad “es”.

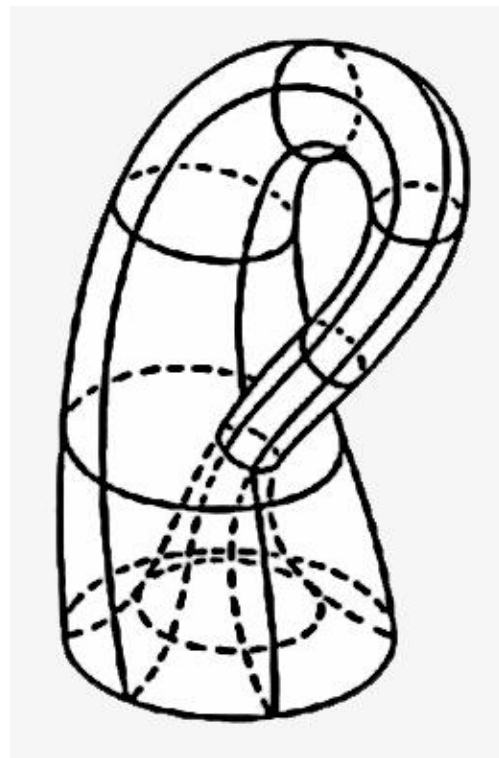
No es que esa sea la verdad, sino que la verdad del sujeto “es ahí”. Cuando subrayo que la verdad “es ahí” intento destacar que también es un lugar. He aquí una razón más para hablar de lo que es menester hacer con la topología de Lacan, ese recurso insólito, inacabado, pero no improvisado de su topología y de la escritura nodal. Esta abertura fundante a la que me refiero para situar la “incurable verdad”, la falta radical que no tiene cura (en el sentido de curación) y que es la razón misma de la cura, esencialmente el psicoanálisis mismo como cura.

Decir del origen, nombrarlo, compromete ya la dimensión del acto. En este sentido, Lacan nos dice que no hay un principio que se pueda fijar para lo real, un ciclo define en todo caso una parte de ese real. ¿Dónde ubicar el comienzo? Un acto está ligado a la determinación del principio y especialmente donde no lo hay⁹.

Se puede situar, entonces, que cada vez, desde el principio al fin de la cura, las vueltas o revoluciones que se pueden dar, cada vuelta, cada giro, va a depender de la posibilidad de la producción de un acto. Cuando Lacan se refiere al fin del análisis,

como algo que se puede definir y, de hecho, lo define diciendo que: “Es cuando se ha girado dos veces en círculo, es decir, se ha reencontrado esto de lo cual se está prisionero. (...) Basta que se vea eso de lo que se está cautivo”¹⁰

Estos circuitos circulares pueden ser pensados en el nudo, pero hay una propuesta anterior en el Seminario XII. Sirviéndose de la Botella de Klein¹¹, ya citada, en la que propone definir topológicamente el deseo del analista, en el punto de reversión del circuito de retorno de la Botella. Punto donde podemos localizar el punto de caída. Punto de disyunción y conjunción, de unión y de frontera que sólo puede ser ocupado por el deseo del analista.



Estamos advertidos que al final del análisis el “sujeto supuesto saber” queda reducido a no ser allí, que es lo característico del inconsciente mismo y que, este descubrimiento, forma parte de la misma operación verdad¹². Reducido a no ser allí. Allí está indicando el lugar de la caída, lugar de eyección. Otra vez me acerco a Heidegger para pensar la cura (sorge). Porque, en ese punto del circuito de reversión, de la botella de Klein, donde el deseo del analista se juega a pura caída, deyecto y surge (como cuidado), se articulan: La cura como surge, cuidado del ser, y deyecto, el ser eyectado conjugados en esta idea: que para poder conducir el circuito de las demandas hasta el punto de reversión de la Botella, el deseo del analista está guiado y soportado en esta causa que intento situar como lo incurable.

Cuando les decía que caída, como deyecto, me acerco a Heidegger para pensar la cura, donde deyecto

y cura se juntan, es porque estoy pensando en una idea de Lacan —idea seguramente inspirada en Heidegger— que en mi lectura aporta una clave importante: esta eyección del a es el desenlace del acto psicoanalítico, autorizado por el analista que soporta, él mismo, esta función del a¹³

El a como yecto es efecto del acto. El acto es autorizado por el analista. Esto nos da la ocasión, una vez más, para decir que el acto no es de su autoría, sino por autorizarse allí a soportar esta función del a, que en eyección —entiendo— se hace yecto. Siguiendo con Heidegger, el estado “deyecto”, es un estado particular, un estado que dice del hombre, en tanto el hombre es uno que consiste en su anhelo de ser. No habría un estado de concreción más elevado —en el sentido de más radical y más sustantivo— que el estado de anhelo, o estado de deseo en el cual él se constituye como “uno” que quiere. “Uno” que quiere y que está lanzado hacia la realización de “eso” que quiere. Los modos de realización del “ser ahí”, en tanto el hombre, es un yecto. Los modos de realización del yecto, son en cada caso el mío, dice Heidegger. “Cada caso el mío”, “el mío” en el sentido —así lo leo— en que el yecto toma la configuración que en cada uno de nosotros toma el deseo.

Desde allí pienso que, la frase de Lacan referida al tiempo en que el sujeto se confronta con la dimensión de esta verdad incurable y devela qué desea, es el momento en el cual el sujeto se interroga si quiere lo que desea. En las formas de la conciencia de esta eyección, el hombre es al unísono la práctica concreta que realiza y la conciencia de insuficiencia de esa práctica.

¿No es acaso lo que nos advertía Freud en Análisis terminable e interminable, el psicoanálisis como una práctica en la que sabemos de la insuficiencia de su resultado? La revelación de la insuficiencia, de la incompletud se manifiesta en la constatación de la desavenencia a la que me referí al principio, para decir de lo incurable.

Pero ¿por qué estar allí? ¿Porque la verdad incurable está en causa? Esa no es una respuesta, es un intento de reflexión acerca de qué es lo que causa esta especie privilegiada del deseo que llamamos deseo del analista.

La pregunta insiste: ¿Por qué alguien querría ser analista? ¿Qué es lo que opera en ese pasaje de analizante a analista? Esta es una pregunta que Lacan no deja de formular de diferentes maneras y en distintos tiempos de su enseñanza.

Pienso que persiste en estado de pregunta porque por un lado el deseo del analista es su enunciación¹⁴ y si hubiera algo del orden de una respuesta, sólo sería alcanzada por aquel que intente dar testimonio desde la singularidad de su decir el deseo que lo causa. Desde donde, si mi conjetura fuera válida, la verdad incurable se dejaría escuchar. Y es por esto que considero propicio seguir investigando

la experiencia del pase, no con la intención de encontrar “una” respuesta, sino porque el problema de la formación del analista requiere que sigamos interrogando el deseo del analista y que no dejemos de insistir en mantener abierta la pregunta.

De mi experiencia

El dispositivo del pase constata, verifica, en la heterotopía generada por el decir de un analista, en el campo de la extensión, su paso por la experiencia del inconsciente.

¿Qué es eso que pasa? ¿qué es eso que Lacan dijo que se la pasó pasando?

“... si hay alguien que se la pasa pasando el pase ese soy yo”¹⁵ Esta declaración, seguramente bien conocida por todos, dice algo de la persistencia de este anhelo: pasar el pase. ¿Desde cuándo Lacan intenta que eso pase? Y cuando pasa, ¿pasa *Panta rei*¹⁶, fluyendo de continuo, haciendo que uno devenga como uno a la manera de Heráclito? ¿O que advenga *Hiatus irrationalis*¹⁷? en abertura irracional, allí donde nada asiste para dar razón de lo que se pone en causa? Tengo la impresión que desde el momento en que intentó el camino de la poesía se internó por ese pasadizo que el mismo describe como “fisura” por la cual —dice— “intenté hacer pasar mi pase”¹⁸

Tomo entonces la idea de fisura. El pase como fisura y práctica de ese espaciamento donde lo relevante es el pasaje mismo, puro e irreductible vacío franqueado. Apuesta de un procedimiento que intenta decir cómo se produce el pasaje de analizante a analista. Encuentra sustento, soporte, en un dispositivo que viabiliza el pasaje del testimonio del pasante a los pasadores, de los pasadores al jurado y del jurado a la escuela. Se trata esencialmente de una cuestión de escuela.

Desde mi experiencia personal, sostenida por el entusiasmo y el com-

promiso de investigar y alentar la experiencia del pase en la escuela pude constatar que el psicoanálisis, ese “Proteo inaprehensible”¹⁹, perturba excéntrico toda norma que pretenda oficializar su ejercicio.

Pienso que la práctica del espaciamiento que se da en la experiencia del pase, a la que me referí en otra ocasión²⁰, puede apreciarse desde la posición del pasador y la del pasante.

La práctica del espaciamiento cobra dimensiones diferentes en cada caso y no se trata de teorizarlo o apresarlos en un saber sino sostenerlos como vacío irreductible, hiato imposible *Hiatus irrationalis*.

En lo que concierne al pasador, el tajo en las telas del reconocido artista plástico argentino Lucio Fontana es lo que mejor ilustra lo que pasa en la experiencia del pase desde el lugar del pasador.

En el transcurso del encuentro con el pasante remolinean imágenes en las escenas que se hacen relato para la escucha del pasador. Se gesta una espacialidad que alberga otro tiempo, aprehendido como la marca del instante en donde termina un movimiento. El relato dispara un tiempo, una puesta en acto del tiempo en la imagen. De mi experiencia como pasadora recobro la imagen del gesto de un pasante arrojando “unos imperdibles al mar”, otro “pateando las patas de la mesa”, otro eleva los hombros y muestra las palmas de las manos diciendo: “no somos nada”

La imagen consiste allí donde el tiempo resiste imperecedero. Es decir que, en lo figurado por un gesto, se concibe un tiempo para esa imagen. Un gesto, quizás un hecho estético, reflejo de la ética que subtiende la experiencia de pase.

La tela, para Fontana, ya no es el marco-ventana a través del cual vemos un espacio figurado, un espacio aludido, sino que, el espacio mismo

acusa una presencia radical, vacía, por vía del tajo que hiere el plano. Sus tajos, sus agujeros tienen el valor expresivo del ademán que les da origen. El gesto está presente en la obra de Fontana porque la evocación del acto que ha transformado la superficie se perpetúa en cada rasgadura. Esa espacialidad que se muestra suspendida en el tajo, en esa abertura imposible, “como el espacio mismo del deseo donde el ser se pone a distancia” se pierde en la hendidura. Muestra también la falta en ser del objeto ya sin remisión alguna de la significación. Es por la misma razón que la metáfora tampoco acude allí como recurso. La marca de ese gesto que se perpetúa en la hendidura ignora la duración. Esto no quiere decir que anote ninguna eternidad, sino solo la eficacia de un acto que perdura, testimonio de la desobjetivación donde pérdida y falta conjugan su eficacia.

Y en el caso de quien pide pasar por la experiencia del pase, a quien llamamos pasante, pienso que es la construcción del relato aquello que lo convierte en pasante. No antes de que eso pase.

Y lo que alcanzo a dilucidar es que en el relato que se va construyendo como testimonio, ese modo de testimoniar da a conocer qué fue aquello que lo decidió, sin que lo sepa. No es que diga el qué, porque él no lo sabe. Se da a conocer sin saber. Hay algo que allí funciona, y se me ocurre relacionarlo con el *punctum* que describe Barthes: “pinchazo, agujerito, pequeña mancha, pequeño corte, y también casualidad. El *punctum* de una foto es ese azar que en ella me despunta, pero que también me lastima, me punza²¹.”

Aquel que está testimoniando, el testimoniante, por momentos podría ser a la vez el fotógrafo y el fotografiado y el espectador. En el momento en que activa el obturador deja de ver, y cuando aparece la imagen captada difiere en milésimas de segundos de aquella que vio e intento apresar. El fulgor del rayo equivalente al tiempo de exposición de la luz que imprime la imagen, la sustrae. La imagen de la foto queda ahora como testimonio. La imagen consiste allí donde el tiempo resiste imperecedero, decía recién.

Concebir un tiempo en la imagen, en lo figurado por un gesto, es intentar situar allí lo simultáneo de lo visible, sustancia innominada entre lo visible y lo invisible (M. Ponty) Y lo contemporáneo de lo audible²², que harían del pasador un diapasón. Un lugar vibrante, el cuerpo del pasador, afinado con la resonancia del relato del testimoniante. El relato se hará testimonio conjugando un entramado de tiempos e imágenes que se tejen en la urdimbre subjetiva del pasador para darle paso. Otro modo, tal vez, de volver a decir que el pasador es el pase. En los encuentros con los pasadores, desde el lugar del pasante, tuve ocasión de percibir que mientras hablaba se generaba una especie de rememoración. Y no. Porque no se trataba solamente de traer a la memoria, algo más se presentó, algo nuevo. Algo así como estar mirando una foto y evocando en

voz alta el momento en que fue tomada, advirtiéndolo desde otro ángulo la escena. ¿Inédito, desconocido, nuevo? Eso cobraba presencia en el relato. Acopio de imágenes, concretas y fugaces que con una mínima fracción dan la escena precisa, para inmediatamente dejar lugar a otra, limitándose asiduamente a la sola mención de la cosa.

Como si hubiese abierto un álbum de fotos recolectadas y organizadas por mí en otro tiempo y ahora venían con un matiz proustiano a mostrar algo íntimo e inenarrable, inadvertido hasta entonces. Vivo o vívido estaba allí a la manera del *punctum* que hiere y hiende, abriéndose paso.

“¿Puede el pase -se pregunta Lacan- poner efectivamente de relieve ante quien se ofrezca a él, como es capaz de hacerlo un relámpago, con una luz totalmente distinta, un cierto sector en sombras de su análisis? Es una cosa que incumbe al pasante²³” Y esto que incumbe conmueve. Porque, tal vez, no se trate de diferenciar esa luz totalmente distinta de cualquier otra, sino simplemente de ofrecerse a la experiencia, estar ahí en el instante del relámpago.

El pasadizo por donde Lacan se interna, para pasar su pase. Ese pasadizo, fisura en el mismo discurso del amo, no hace más que connotar vía la poiesis lo inclasificable e inasible de la práctica del psicoanálisis mismo, ese nuevo Proteo inaprehensible.

Clara Cruglak

- 1 cf. Jacques Lacan. *La lógica del fantasma: Seminario XIV (1966-1967)* —Inédito— Traducción Carlos Ruiz para la Escuela Freudiana de Buenos Aires. Clase Nro. 16 (19 de abril de 1967) “Plantear la cuestión a nivel del inconsciente es otra cosa, lo que ya he hecho, como lo hago siempre y sin dejar lugar a la ambigüedad, como en mi texto *La cosa freudiana...*, hago surgir esta entidad que dice: Yo, la verdad, hablo. La verdad habla, ya que esa verdad no tiene necesidad de decir la verdad. Escuchamos a la verdad, lo que dice no se escucha más que para quien sabe articularlo, lo que dice en el síntoma, es decir, en algo que cojea. Tal es la relación del inconsciente, en tanto que habla, con la verdad”
- 2 Jacques Lacan. *El acto psicoanalítico: Seminario XV (1967-1968)* —Inédito— Traducción y notas: Silvia García Espil para Discurso Freudiano. Clase Nro. 5 (10 de enero de 1968).
- 3 cf. Jacques Lacan. *La angustia: Seminario X (1962-1963)* —Inédito— Versión crítica. Establecimiento, traducción y notas: Ricardo Rodríguez Ponte para la Escuela Freudiana de Buenos Aires. Clase Nro. 22 (12 de junio de 1963).
- 4 Immanuel Kant. *Estética Trascendental: Del esquematismo de los conceptos puros del entendimiento*. En: *Crítica de la Razón Pura*. Buenos Aires: Hyspamérica, 1984. Cap. 2. Pto. B. pág. 333.
- 5 Joan Manuel Serrat. *Sinceramente tuyo*. En: *Cada loco con su tema*. Alemania: Areola Records, 1983.
- 6 Platón. *Fedón*. En: *Diálogos (III)* Madrid: Gredos; 1988.
- 7 Jacques Lacan. *El momento de concluir: Seminario XXV (1977-1978)* —Inédito— Traducción: Pablo G. Kania para la Escuela Freudiana de Buenos Aires. Clase Nro. 4 (10 de enero de 1978).
- 8 cf. Jacques Lacan. *El momento de concluir: Seminario XXV (1977-1978)* —Inédito— Traducción: Pablo G. Kania para la Escuela Freudiana de Buenos Aires. Clase Nro. 3 (20 de diciembre de 1977).
- 9 cf. Jacques Lacan. *El acto psicoanalítico: Seminario XV (1967-1968)* —Inédito— Traducción y notas: Silvia García Espil para Discurso Freudiano. Clase Nro. 5 (10 de enero de 1968)
- 10 Jacques Lacan. *El momento de concluir: Seminario XXV (1977-1978)* —Inédito— Traducción: Pablo G. Kania para la Escuela Freudiana de Buenos Aires. Clase Nro. 4 (10 de enero de 1978).
- 11 cf. Clara Cruglak. *La Topología de Lacan: Un retorno a Freud*. En: *Topología y Psicoanálisis*. Buenos Aires: EFBA, 1994. pág. 43-61.
- 12 Jacques Lacan. *El acto psicoanalítico: Seminario XV (1967-1968)* —Inédito— Traducción y notas: Silvia García Espil para Discurso Freudiano. Clase Nro. 5 (10 de enero de 1968).
- 13 “Ustedes saben que el acto psicoanalítico se produce en este eje, teniendo por desenlace esta eyección del a que, en suma, incumbe, corre a cargo del psicoanalista que ha establecido, ha permitido, ha autorizado las condiciones del acto al precio de llegar él mismo a soportar esta función del objeto a: el acto psicoanalítico es evidentemente lo que da ese soporte, lo que autoriza, lo que va a ser realizado como la tarea psicoanalizante, y es porque el psicoanalista da a este acto su autorización, que el acto psicoanalítico se realiza” Jacques Lacan. *El acto psicoanalítico: Seminario XV (1967-1968)* —Inédito— Traducción y notas: Silvia García Espil para Discurso Freudiano. Clase Nro. 14 (20 de marzo de 1968)
- 14 cf. Jacques Lacan, *Proposición del 9 de octubre 1967*. En: *Ornicar? Nro. 1 (1981)*. págs. 11-30.
- 15 J.Lacac “Sobre la experiencia del pase” junio 1973. Traducción Irene Agoff Biblioteca de la EFBA
- 16 expresión de Heráclito que significa todo fluye
- 17 *Hiatus irrationalis* es una noción que se encuentra en la tesis de Koyre sobre la filosofía de J. Boheme. Aparecida en 1929.
- 18 J.Lacac “Sobre la experiencia del pase” 3/11/73. Revista *Ornicar*. El saber del psicoanálisis.
- 19 J.L.Borges
- 20 Reunion Lacanoamericana de Bahía Blanca “La marca de un gesto”
- 21 R. Barthes “La cámara lúcida. Notas sobre la fotografía” Paidós Comunicación 43
- 22 Jean-Luc Nancy “A la escucha” Amorrortu editores.
- 23 J.Lacac “Sobre la experiencia del pase” 3/11/73

Era uma vez...

Zeila Facci Torezan

Recebi um amável convite desta revista com o pedido para contar *um pouco de história*, um pouco da minha história com a psicanálise e, em seguida, discorrer sobre algum conceito ou recorte teórico que me interessasse. Aceitei porque todo mundo tem alguma história para contar e por acreditar que fazer passar em ato, e ao seu estilo, a sua experiência de reinvenção da psicanálise é o que um analista pode transmitir. Assim, compartilhar como minha trajetória com a psicanálise vem se escrevendo, inexoravelmente atrelada a vivências pessoais e experiências clínicas, grafa o desejo de que este texto possa lhes transmitir algo. Quanto à teoria ou aos conceitos, entendo que fazem parte da trama da história que vou lhes contar e, portanto, vou tecê-los em conjunto, atendendo simultaneamente às duas partes do convite.

Toda história tem um começo. Um, apenas? Não, certamente não. E se o começo ganha plural, bem como o meio e o fim, já não sabemos mais o que é fato ou ficção, fantasia ou realidade. Além do mais, nem sempre o começo da história é o início da narrativa. Seja lá como for e divagações à parte, uma escolha de começo deve ser feita para que a narrativa se inicie. É sempre assim que as coisas acontecem também na transferência, a lógica e o tempo não são cronológicos, a realidade em questão não se diferencia da ficção, não há apenas um começo, um meio e um fim e sempre se produz um ato de escolha na fala. E para esse texto, aí vai a escolha da vez.

Minha mãe era uma exímia contadora de histórias e meu pai inventava palavras.

O repertório de histórias de mamãe não era muito extenso, mas elas jamais se repetiam. Como? Bem, ela levava ao pé da letra a máxima “quem conta um conto au-

menta um ponto” e aí revirava do avesso e dava ares contemporâneos e originais aos contos clássicos, fábulas seculares e lendas folclóricas. João ganhava na loteria e comprava um sobrado e um carro de luxo para os pais que o abandonaram na floresta. Sua irmã, Maria, se casava com um homem rico e ia morar no estrangeiro, enquanto a bruxa, ora ganhava duas cabeças, ora explodia... Versões diferentes para a mesma história, algo que conhecemos bem no trabalho clínico, era uma das especialidades da minha mãe.

Do menu de histórias que me foi apresentado, a preferida não era um clássico e nunca tive notícias dela extra muros de nossa família. Aliás, abro aqui um parêntese: se algum de vocês reconhecê-la, por favor, entre em contato, estou fazendo uma pesquisa sobre a origem dessa história. Ainda que não fosse um clássico, estava mantida a variação de versões e a cada vez que era contada, um ponto era acrescentado, retirado ou mudado de lugar. Mas, em síntese, a estrutura é a seguinte: uma família de camponeses, pobre e de horizontes limitados, vai receber um nobre pretendente a se casar com a filha. Os integrantes da família lavam suas roupas, em uso e únicas, para a fes-

tiva ocasião. Começa uma chuva torrencial e, portanto, as roupas não secam e eles não têm o que vestir. Entretanto, ao invés de desmarcaram o jantar, decidem receber nus o tal pretendente. A mãe da família determina que é de bom tom cada um usar algo para “disfarçar” a nudez: o pai coloca uma peneira na frente do sexo, a mãe um caixote na cabeça, a moça um tamanco de saltos altos... Estarrecido com tamanha bizarrice e outras absurdidades que os membros da família falam e fazem durante a visita, mas muito apaixonado pela beleza da moça, o tal pretendente decide andar pelo mundo e, caso encontrasse três outras esquisitices que se igualassem aos absurdos dessa família, voltaria para casar com sua amada. Aí começa o périplo do rapaz que se depara com pessoas tão ou mais exóticas do que a família de sua musa (como um senhor que estava em cima do telhado para pular dentro das suas calças que a mulher segurava no chão, pois elas estavam apertadas e, assim, iriam lacear). O nobre rapaz conclui que a esquisitice, o absurdo e/ou a loucura são mais comuns no humano do que imaginava, volta e casa com a rapariga. Crazy and happy end.

Isto está soando sem nexos, caro leitor? Pois, de certa forma, é mesmo e aí está o “xis” da questão. Hoje, no só depois, percebo que a graça, o que me capturava nessa história, o que me levava a pedir que ela fosse repetida e repetida, incansavelmente, era exatamente o pas de sens, o passo de sentido no não sentido, um dos fundamentos da práxis psicanalítica. Também no après coup, posso dizer que se somava como atrativo, o avesso de uma moral normativa, a clareza de como a loucura é parte do humano e não uma patologia ou um desvio. Todo mundo é normal em sua estrutura. Essa é a norma que nos interessa como analistas, aquela ditada pela estrutura e não a definida matematicamente por uma curva normal. Temos aí outro fundamento indispensável para a psicanálise.

Passo ao segundo elemento citado como começo dessa história, sobre o qual já contei um pouco em outro texto¹. Meu pai foi autodidata em seu aprendizado de leitura e escrita e viveu como um semianalfabeto bem peculiar, pois lia tudo o que podia. Tinha um hábito muito curioso, que sempre me intrigou: lia o dicionário da língua portuguesa todos os dias, sempre com muita atenção e um vívido interesse. Não sei bem qual seria o propósito dessa prática, talvez quisesse ampliar seu vocabulário ou apenas se divertir com as palavras. O interessante é que ele não recitava as palavras e definições que lá encontrava e nem se esforçava para empregá-las na fala. Acho que a leitura do dicionário lhe servia para inventar outras palavras, de forma marginal e estrangeira, pois fazia isso com frequência e desenvoltura. Assim, uma espécie de língua familiar, um vocabulário particular foi se escrevendo e tomando tamanha dimensão que os agregados da família se referiam ao “dicionário Facci” quando proferíamos aquelas palavras inventadas com a maior naturalidade, mas que só os membros da família compreendiam.

Mais uma vez com o nosso indispensável só depois, identifico nessa recordação familiar a possibilidade de abordar mais alguns elementos cruciais para o trabalho analítico, considerando que esses traços da história compõem, de alguma

maneira, a trajetória aqui em pauta. Um deles é o entrelaçamento dos processos de leitura e de escrita, seja em intensão ou em extensão². Uma análise e a transmissão da psicanálise são trabalhos de leitura e escrita. E, ler e escrever não são tarefas estanques e independentes, ao contrário, participam da mesma estrutura. As seguintes palavras de Foucault numa conferência intitulada “O que é um Autor?”, que contava com Lacan na plateia, são extremamente precisas a esse respeito:

Na escrita, não se trata da manifestação ou da exaltação do gesto de escrever; não se trata da amarração de um sujeito em uma linguagem; trata-se da abertura de um espaço onde o sujeito que escreve não para de desaparecer... a marca do escritor não é mais do que a singularidade de sua ausência; é preciso que ele faça o papel do morto no jogo da escrita.... Por outro lado, esse retorno se dirige ao que está presente no texto, mais precisamente, retorna-se ao próprio texto, ao texto em sua nudez e, ao mesmo tempo, no entanto, retorna-se ao que está marcado pelo vazio, pela ausência, pela lacuna no texto. (Foucault, 1969, p. 6)

No que concerne ao campo psicanalítico, podemos brincar um pouco com a topologia e pensar intensão e extensão também operando em uma mesma estrutura, na estrutura unilateral e de uma só borda da banda de moebius. Vamos da intensão à extensão num continuum e assim também são as funções de leitura e escrita, inclusive no que concerne às referidas vertentes. Leitura e escrita na intensão, leitura e escrita na extensão, leitura e escrita no continuum da intensão à extensão produzindo uma escritura. Assim também se produz uma leitura do analista para escrever a direção da cura em articulação ao trabalho do analisante de ler e escrever as suas ficções, seu sintoma, seu fantasma em transferência até o ponto em que faça as pazes com o incurável do traumatismo, o impossível sempre à espera de ser escrito.

Um outro elemento crucial à nossa práxis, que articulo à essa lembrança, é a condição de êxtimo, de uma paradoxal exterioridade íntima, que vivemos em relação à linguagem. Parlêtres, falasseres, seres de fala, submetidos radicalmente à estrutura da linguagem no desencontro das palavras e das coisas, mas de maneira marginal, estrangeira, intraduzível, reinventada. Lalangue ou lalíngua não se reduz ao léxico, à gramática ou à sintaxe, é composta pelas contingências de cada língua que, ao produzirem cortes, engendram o tecido lalinguageiro. E assim, o inconsciente é estruturado como uma linguagem e inventado na função da fala e no campo da linguagem em transferência.

Esses traços e tantos outros da minha história fazem parte do que vem se escrevendo como um (des)encontro³ com a psicanálise. Sim, aconteceu de me (des)encontrar com a psicanálise. Essa é a melhor resposta que construí até o momento, para a recorrente pergunta (feita por mim ou por ou-

tros) do porquê me dedico à práxis psicanalítica. Sendo melhor em ouvir do que em falar, achei que a graduação em psicologia seria a escolha certa. Por não me imaginar trabalhando numa escola e muito menos numa empresa, confirmei que usaria a tal habilidade em ouvir no trabalho clínico. Achava entediante a comportamental, portanto me inscrevi para o grupo de supervisão em psicanálise. Porque uma amiga disse que tal analista era legal, fui me tratar com ela e depois soube que “era lacaniana”. Considerava ter aprendido pouco de psicanálise na graduação e as ofertas de estudo na cidade eram raríssimas, então passei a frequentar o grupo de estudos que apareceu: uma introdução à Lacan, do qual só ouvira falar pelo suposto título daquela que foi minha primeira analista.

Desculpem pela decepção, nada romântico essa história, não é? Repleta de esbarrões, equívocos e pragmatismo. Bem, talvez, seja um dos motivos desse (des) encontro, aos trancos e barrancos, ter dado tão certo. Afinal, já diz a sabedoria popular que quanto maior a altura, pior é o tombo. Grandes idealizações, imaginário em excesso, nunca é muito bom. Acredito que graças a esse começo marcado e regido por algumas contingências do acaso, nunca vi a psicanálise como a salvadora do mundo nem de ninguém e fui apreendendo-a, bem lentamente, como uma ferramenta de leitura e de escrita capaz de amenizar a dor de existir a partir de uma ética da não acomodação e da não sonolência. Assim, desde o início, pude vivenciar, mesmo sem sabê-lo, o (des)encontro característico

e fundamental desta práxis. O prefixo “des” indica negação, separação ou cessação. Portanto, algo desse encontro resta sempre impossível de se completar, de se realizar. E trabalhar com a psicanálise é assim, uma prática de (des)encontro, do real sempre impossível de suportar, da não proporção sexual.

Bem, claro que não apenas com traços de memória e contingências do acaso venho escrevendo essa história. Tem sido um longo e árduo percurso, com muito estudo, trabalho, prazer e criação. Sempre na busca de desenvolver um GPS próprio para trilhar o infundável caminho de produção de um analista de maneira seriamente divertida ou divertidamente séria. E hoje afirmo, com muita tranquilidade, que todos os passos desse caminho, mesmo que pareçam desviantes da práxis psicanalítica, foram muito importantes para eu chegar até aqui, mais de trinta anos depois.

Dez anos em hospital público escutando os mais diversos tipos de sofrimentos, em um setting nada tradicional e muito menos favorável ao trabalho clínico, foram fundamentais para meu percurso, em especial para a quebra de uma dezena de paradigmas e preconceitos psicológicos, bem como para desenvolver uma habilidade ímpar para a função analista: a criatividade. Cerca de quinze anos como professora em instituições de ensino superior também foi de crucial relevância, tanto pelo contato com jovens que muito favoreceu as interrogações que devemos fazer sobre nossa posição ética e nossa práxis como analistas, bem como pela oportunidade de, em ato, diferenciar o campo do ensino daquele da transmissão em psicanálise e o campo psicológico do campo psicanalítico. Nesta mesma dire-

ção e suplementando-a, minhas pesquisas de mestrado e doutorado e os frutos colhidos nesses tempos e espaços universitários ampliaram os horizontes e a abertura para o diálogo com as diferenças, além de me oportunizarem crescer imensamente nos processos de leitura e escrita, aspectos que me são tão caros como analista.

Por fim, não posso deixar de mencionar os passos considerados não desviantes, embora todos saibamos como são imprescindíveis para a produção de um analista: muitas voltas de análise pessoal e de controle; o trânsito e a participação em algumas instituições de psicanálise; as amizades e laços transferenciais com analistas e pessoas incríveis como Aurélio Souza, Clara Cruglak, Letícia Fonseca e Sandra Pedreira; a fundação e esses dez anos de ALPL com meus colegas de instituição; o trabalho de transmissão da psicanálise das mais variadas maneiras e o caminhar com meus analisantes ao longo de quase todo esse percurso. Só tenho a agradecer pelos efeitos de trabalho que continuam ecoando de todos esses (des)encontros.

Certa vez, após uma apresentação, uma mui querida amiga e analista observou, com sagacidade, que meu texto tinha o que ela denominou de um caráter de passe. Naquele momento, confesso, não entendi muito bem o comentário e me ocupei com uma imaginária dicotomia: caráter de passe, isso seria bom ou ruim? Hoje, muitos passos e alguns anos depois, alcanço melhor o que já estava grafado naquelas letras de 2015 e que pode ser bem lido por minha amiga: a proposta do passe transcende o dispositivo institucional proposto por Lacan. O que está no cerne do dispositivo do passe é a investigação sobre o desejo do analista, sobre como se dá essa aberração de alguém, ao final de uma análise, decidir trabalhar como analista. Assim, ao meu estilo vou passo a passo passando o passe, inclusive com esse texto que hoje lhes escrevo. A esse respeito, cito as palavras de Jean Clavreul, em entrevista a Alain Didier-Weill (2007):

Lacan não hesitava em dizer de seu seminário que ele era o lugar onde ele não cessava de passar o passe. Ele me aprovava vivamente quando eu lhe dizia que certas supervisões eram da mesma ordem do passe. Em suma, Lacan queria, e admitia, que a palavra “passe” se tornasse um significante que só poderia ficar mais rico com um uso ampliado. (p. 27)

É isso, passamos o tempo passando o passe. Damos testemunho e vamos construindo renovadamente a resposta do porquê trabalhamos como analistas e como opera o desejo do analista quando tomamos a palavra em análise, em supervisão ou no ato de transmissão. Assim, depois de passar mais um pouquinho de tempo passan-

do o passe com vocês, me despeço, grata pelo convite à escrita e pela leitura, com a esperança de que esse pouco de história contribua em algo e com os votos de nos reencontrarmos muitas outras vezes nesse caminhar.

Entrei por uma porta e saí pela outra, quem quiser que conte outra.

Torezan, Z.F (2021). Una lectura extranjera. In: Traducir em psicoanálisis. (Des)encuentro de las lenguas. Buenos Aires, Letraducciones, 2021.

²Os desenvolvimentos sobre esse ponto já foram trabalhados pela autora em: É lendo que se escreve. Revista Topos, v.18, 2022, disponível em https://www.espacomoebius.com.br/_files/ugd/3a2ce3_a723ccb0d2c24948b6dd62972e136ddd.pdf

³Agradeço e dou os devidos créditos aos amigos argentinos de Letraducciones, Carlos Marcos, Horacio Gómez e Maria Teresita Pullol, pela criação deste termo em referência ao que resta intraduzível, ao impossível do (des)encontro das línguas.

Referências

1. Didier-Weill, A. Weiss, E. Gravas, F. (2007). Quartier Lacan. Entrevista com Jean Clavreul.

2. Foucault, M. (1969). O que é um autor? Bulletin de la Société Française de Philosophie, 63º ano, no 3, julho-setembro de 1969, ps. 73-104. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/179076/mod_resource/content/1/Foucault%20Michel%20-%20O%20que%20%C3%A9%20um%20autor.pdf

Um Pouco de História

Aurélio de Souza

Um agradecimento ao convite para participar dessa Jornada, que homenageia os dez anos da Associação de Psicanálise, em Londrina.

Para seguir o protocolo do convite, vou relatar alguns dados de minha história com a Psicanálise. Ainda criança, morando numa pequena cidade do interior da Bahia, em Jaguaquara (Toca da Onça) fui despertado por uma vontade de ser médico, para tratar meu pai que começou a ter crises convulsivas de epilepsia. Quando concluí o curso de Ginásio, lá mesmo, em torno dos 14 anos, consegui uma bolsa de estudos e vim para Salvador, estudar interno nos Maristas, onde fiz o Colegial. Levei dois anos no internado e o último ano já morando numa pensão, perto do Colégio.

Em 1962, fiz vestibular e entrei na Universidade Federal da Bahia (UFBA), iniciando o curso de Medicina e continuando com a aposta de ser neurologista. No segundo ano da Faculdade, numa aula sobre farmacologia, conheci uma das pessoas mais importantes de minha vida e de minha formação médica, o professor Álvaro Rubim de Pinho, neuropsiquiatra que participava do departamento de Psiquiatria da Universidade.

Assim que ele encerrou a aula fui procurá-lo, falando do meu interesse pela neurologia e pela psiquiatria e se ele poderia me ajudar em alguma coisa. Ele acolheu meu pedido de ajuda e sugeriu que eu poderia acompanhá-lo, quando possível, a um hospital público de psiquiatria, aqui em Salvador, o Hospital Juliano Moreira, que ele estava frequentando com regularidade, preparando-se para um concurso, para o Departamento de Psiquiatria da UFBA.

O acompanhei algumas vezes até o Hospital e enquanto ele cumpria uma tarefa privada, eu conversava com diversos internos. Na volta, eu falava

sobre os pacientes que tinha “entrevistado” e ele comentava sobre os casos com detalhes, com sugestão diagnóstica e terapêutica. Logo de imediato, escolhi a psiquiatria e, inclusive, ele chegou a me emprestar um caderno com anotações que havia feito, quando ia se preparando para o Concurso. Com isso, eu passava os finais de semana e o período de férias copiando seu caderno e estudando psiquiatria antes do ensino da Faculdade. Isso teve uma consequência em minha relação com os colegas da Faculdade, pois não tinha tempo disponível para participar de muitos encontros da turma.

Outra condição essencial que Rubim de Pinho contribuiu em minha formação médica, foi sugerir que procurasse outro psiquiatra Adilson Sampaio, que além de um trabalho de consultório e universitário, ele tinha um serviço para realizar eletroencefalogramas, que era coordenado pela esposa também médica, Mary Sampaio. Fui aceito como auxiliar de neurologia nessa atividade e fiquei muito próximo do casal, inclusive comecei a ser remunerado por esse trabalho que realizei por muitos anos.

O encontro com Adilson Sampaio proporcionou um duplo caminho em minha história médica e psicanalítica. A primeira direção contemplou a própria prática de consultório, porque logo depois de formado, em 1967, quando finalizava o serviço de eletroencefalografia, passava a fazer atendimentos psiquiátricos e “psicoterapêuticos”, no consultório. Um segunda condição é que fui encaminhado por ele, ainda como estudante para uma entrevista com um outro psiquiatra Gabriel Nery, na época diretor de um Hospital Psiquiátrico aqui em Salvador, a

Casa de Saúde Ana Neri, para dar plantões noturnos. Durante o dia diversos psiquiatras já reconhecidos davam plantões por lá e à noite eram substituídos por outros psiquiatras recém formados e que aceitavam os plantões noturnos e eu fui aceito também a trabalhar como plantonista, no sexto ano de medicina, o único estudante na época. Trabalhei como estudante, depois de formado continuei por lá como psiquiatra e dentro de pouco tempo fui convidado a ser o diretor do Hospital, desempenhando essa função durante alguns anos, até quando resolvi entrar na Psicanálise. Nesse período, as atividades que desenvolvemos por lá, acolhendo estudantes de Medicina, a instituir grupos de estudo e apresentações de trabalhos, foi algo muito importante no funcionamento do Hospital, que realizou uma condição que num misto de reconhecimento e rivalidade, algumas vezes chamavam o Ana Neri, de “Sorbonne”.

Voltando a um momento antes da Medicina, um fato simples, mas essencial determinou minhas aproximação com a Psicanálise. Quando saí do interna-

to e fui morar numa pensão, numa área importante aqui em Salvador, o “Corredor da Vitória”, conheci nessa ocasião um estudante universitário que morava por lá e fazia Filosofia e Artes, na UFBA. Nos tornamos amigos e foi ele que me apresentou Freud, pela primeira vez, emprestando “A Interpretação dos Sonhos”, que foi minha primeira leitura que fiz da Psicanálise. Discutimos muito sobre a obra de Freud.

Nesse período de meu curso de Medicina e em sua continuidade, trabalhava-se aqui e em muitos outros lugares com um tipo de atendimento clínico que se identificava como “Psicoterapia de orientação psicanalítica”, mesmo sem qualquer suporte suficiente da Psicanálise. Um atendimento compartilhado por colegas psiquiatras, psicólogos que trabalhavam no departamento de psiquiatria, na Universidade, e que aos poucos fui adaptando a meu trabalho. No início dos anos setenta, já atendendo como psiquiatra e psicoterapeuta, fui convidado por duas psicólogas e, hoje, psicanalistas, a participar de uma Clínica, a CLAPP (Clínica de atendimentos psicológico e psiquiátrico), pois a colega médica decidiu ir morar em São Paulo. Aceitei o convite e a partir daí foi que me encaminhei para a Psicanálise.

Passamos a estudar Freud e Melanie Klein, a fazer grupos de estudo, a realizar seminários e a convidar psicanalistas de outros Estados para que viessem fundamentar nosso trabalho, como Ivan Corrêa, Durval Checchinato, entre outros. Mantivemos contatos com psicanalistas argentinos e franceses como Juan David Nasio, Clara Kluglak, Moustapha Safouan, Marie M. Chatel, entre outros, que começaram a dar suporte a nosso trabalho e a introduzir o ensino de Lacan. Alguns dos argentinos decidiram morar por aqui, dentre eles uma referência para Emilio Rodrigué e Martha Berlin, que tiveram seus horários de trabalho ocupados, em pouquíssimo tempo. Muito material já foi publicado sobre isso.

Em seguida a esse desenvolvimento da Psicanálise, em nosso Estado, contribuí durante algum tempo com o progresso desse nosso ofício, de uma maneira regular em Fortaleza e aqui, em Londrina, onde quero agradecer aos colegas por essa oportunidade.

O Objeto da Psicanálise e seus efeitos na Prática Analítica

Aurélio de Souza

Vou aproveitar a oportunidade dessa Jornada, para formalizar algumas questões sobre a noção do objeto que opera na Psicanálise e de sua isomorfia com o Sujeito. Não pretendo desenvolver uma cronologia do ensino de Lacan sobre essa noção do objeto, mas apresentar algumas questões que contemplam a prática analítica.

A partir do primeiro período que Lacan foi lendo Freud, ele considerou a importância que a linguagem tem na Psicanálise e procurou tirar as consequências que isso viria determinar, na prática analítica. Assim, sugeriu que o humano teria que pagar um preço alto por essa escolha forçada pela linguagem, sobretudo tendo que abrir mão de uma suposta relação harmoniosa com a natureza.

Essa operação inicial corresponde a um imperativo ético que conduz o Sujeito a escolher sua casa, como essa condição linguageira que se realiza através de uma operação em que ele é incorporado pela linguagem e que veio a ser nomeada por Lacan, de Alienação. Uma condição que vai estar relacionada a uma implantação do significante na superfície do corpo, determinando uma primeira simbolização que irá produzir uma perda irreversível em seu organismo e, ainda, a constituição de um Sujeito marcado por uma falta, como um Sujeito dividido (\$) sob a forma de uma metonímia de um Ser, que perde sua substância e que passa a sofrer os efeitos permanentes da linguagem.

Além disso, para que esse Sujeito (\$) pudesse se movimentar nesse im-mundo de linguagem, desde cedo, ele teria que fazer sua parte, realizando através de um processo ativo, uma segunda operação diferente da anterior e que foi nomeada por Lacan, de Separação. Assim, ele intervém sobre a estrutura da linguagem aonde habita, produzindo a expulsão de um determinado significante denotado por Lacan por (S1), que embora passe a representar o Sujeito para um outro significante (S2), essa simbolização primária jamais possibilitará ao Sujeito encontrar sua identidade nesse significante que o representa e que vai mantê-lo sempre numa posição de heteridade em relação a outros elementos com os quais passa a compartilhar em sua ex-sistência.

Outra consequência ainda a se considerar nestas operações de Alienação e Separação é que elas não só vão redefinir a própria divisão do Sujeito, como também vão determinar que isso que se perde em sua constituição, promove a presença permanente de uma falta e de um buraco na própria estrutura da linguagem, que vai fundar a noção de objeto, na Psicanálise. Com efeito, estas duas operações revelam um “fator letal” da existência do Sujeito, que pode se metaforizar numa “libra de carne perdida”, ou mesmo num sacrifício que ele terá que fazer para se constituir como um Ser-de-linguagem-e-de-sexo. Mais do que isso, esse sacrifício que ele faz a um suposto grande Outro, repete-se toda vez que uma operação simbólica se realiza e, assim, ele vai se manter sempre num estado de “ereção”, é um significante que Lacan utiliza, numa condição de desejo, à procura desse “pedaço” do qual foi mutilado e que nunca

será encontrado.

Esse “pedaço” que o Sujeito perde em sua constituição veio a ser denotado por Lacan, com a letra (a) minúscula, derivada de “autre”, no francês, que ele equivaliu à presença de um “outro”, o semelhante, e que veio a ser nomeado de “objeto pequeno (a)”. Embora em alguns momentos de seu ensino, ele chegasse a considerar que essa noção do objeto, Freud já o havia identificado, em “Luto e Melancolia”, ele não deixou, também, de afirmar por diversas vezes, que se tratava de “sua única invenção”, na Psicanálise. Tratava-se de um “objeto” que veio a ser formalizado através de diferentes aporias, passando a fazer parte de um programa de escrituras em seu ensino.

Essa noção do “objeto pequeno (a)”, portanto, aparece desde o início dos trabalhos de Lacan, quando ele começa a ler Freud e vai tratar do Estádio do Espelho. Na ocasião, presentificava-se através da presença desse “outro”, o semelhante, evocando também uma referência a uma imago do corpo próprio, matemizado por [i (a)] e que ao ser refletida num espelho plano, tenderia a fazer uma transferência de libido para essa imagem especular, que passaria a ser matemizada por [i' (a)], constituindo nessa estrutura da linguagem, essa noção identificada como o Eu (“Moi”).

Essa passagem, no entanto, na constituição do Eu, guarda um limite, desde quando uma parte da libido não chega a ser representada no Imaginário e ficava retida na imago do corpo próprio que, assim, tornava-se uma “reserva operatória” para o Sujeito, realizando a presença dessa falta matemizada por (- φ), que veio a ser designada de “falo imaginário” e que entra em ação para a movimentação do desejo; mais ainda, isso que vai faltar na imagem especular, quando o Eu é constituído, corresponde à noção da castração imaginária. Aqui, também, deve-se estabelecer uma diferença entre o “objeto (a)” e a “função (- φ)”, que vem demonstrar uma não especularização completa de (a), revelando que é através desta falta (“- φ”), que o Eu e a própria representação imaginária do corpo tomam consistência.

A reversibilidade que se mantém en-

tre a libido do corpo próprio e o objeto que é Eu (Moi), ela é regulada através de operações estabelecidas a partir do Ideal do Eu que vem instituir diversas referências imaginárias, presentificando diferentes noções, tais como o transativismo, a agressividade, as lutas de prestígio e, ainda, atuando na “dança sexual”, condições que estiveram sempre presentes no ensino de Lacan.

Embora, de início, esse objeto (a) guardasse uma dimensão do Imaginário, a partir do Seminário sobre “A Relação de Objeto” (Sem. IV), quando Lacan propôs certa equivalência dele, com o “objeto transicional de Winnicott”, ele lhe agregou um valor Simbólico, tornando-o solidário ao “grafo do desejo”, que veio contemplar a relação do Sujeito com a estrutura significante e, ainda, adquirindo outros valores, quando passou a formalizar a noção do “fantasma fundamental” ($\$ \diamond a$) e passando a considerá-lo como um objeto metonímico, que se deslocava de uma maneira permanente na existência do Sujeito. Assim, ao ocupar esse lugar na estrutura fantasmática sustentando um desejo do grande Outro, que nem mesmo existe, ou mesmo como um objeto de gozo do Outro e para o Outro, o objeto pequeno (a) passava a presentificar o Sujeito, em seus apagamentos simbólicos, ou na síncope de sua existência, como um “objeto do desejo” e, em seguida, como “causa do desejo”.

Depois de alguns anos dessa primeira apresentação do “Estádio do Espelho”, no Seminário sobre a Identificação (Sem. IX), para dar um encaminhamento mais rigoroso ao que vinha desenvolvendo com um valor Simbólico, em seu ensino, Lacan anunciou que iria abrir uma “era dos pressentimentos” para introduzir uma leitura analógica, na prática analítica. Nessa época ele o fez a partir dos objetos topológicos de superfície (o Toro, a Fita de Moebius, a Garrafa de Klein e o Cross-Cap), quando buscou resignificar a própria noção desse objeto pequeno (a) e, ainda, veio a conceber o Eu como uma superfície cavada, portanto, contendo uma falta que viria possibilitar a esse suposto grande Outro, com seu amor, mas vou também incluir com seu ódio e ignorância, a vesti-lo com um “robe”, tornando-o um tipo de “imagem-hábito” que passasse a fazer mancha para o olhar, evocando a importância dessa imagem especular, que se de início se mostrava como o Eu [i'(a)], ela pode se converter num duplo, numa figura estrangeira além da imagem que o constituía, trazendo uma estranheza radical e, assim, causadora de angústia.

Como uma consequência desse desdobramento, no ano seguinte, Lacan realizou o Seminário da Angústia

tia (Sem. X), procurando formalizar o objeto pequeno (a) a partir de uma álgebra, como uma letra, como um elemento não verbalizado e de que não se precisava compreender nada sobre ele e que se mostrava como um efeito do Real. E, mais ainda, veio a afirmar que a angústia está ligada a condições em que alguma coisa aparece no Eu, em $i'(a)$, quando o Sujeito encontra algo nesse lugar em que deveria ex-sistir nada ($-\phi$), ou seja, não deveria existir um objeto que pudesse preencher essa imagem da falta, ou na falta. Assim, quando aparece algo que possa determinar que essa falta venha a faltar, aquilo que se percebe é acompanhado de uma estranheza, como algo que passa a ter um efeito do Real e que pode ser identificado como o próprio objeto (a), que passa a representar um estranho, que se mostra de uma maneira topológica no Eu (Moi), passando a afetar o corpo que sustenta o Sujeito e nos pensamentos que chegam até ele, tornando-se um elemento causa da angústia.

Dessa maneira, o objeto (a) sinaliza a única garantia de alteridade em relação a esse outro lugar, a casa do Sujeito e que vai estar relacionado à função desse afeto que é a angústia. Dito de outra maneira, a angústia aparece quando qualquer coisa ocupa o lugar que corresponde ao objeto (a), instituindo uma carência da falta, “uma falta da falta”, que vai velar o desejo e o Sujeito só pode ser identificado, na análise, como “desejado”, nessa posição de objeto como “erômenos”, pois na posição de desejante, como “erastês”, ele não aparece.

O Sujeito, portanto, no curso da análise terá que aprender o que fazer com essa falta, pois trata-se de uma perda que jamais será desfeita e mesmo sob uma condição invariante, ela tende a se apresentar modificada através de diversas manifestações que o afeta. Ela pode aparecer como algo velado, no fantasma neurótico, pode se mostrar de uma forma objetivada, na montagem do perverso e do a-Viciado, e no psicótico quando se presentifica através de seus fenômenos elementares.

Até aqui estive tratando do objeto pequeno (a), como algo que se perde na constituição do Sujeito e que se tornou causa do

desejo e um aperitivo de Gozo para o Sujeito. Todavia, existem dois momentos que a prática e a teoria analítica se modificam de uma maneira fundamental, no ensino de Lacan. Refiro-me ao que ocorreu a partir dos anos setenta, com a inclusão da noção dos Discursos e da topologia da Cadeia Borromeana, na prática analítica.

OS DISCURSOS

Com essa implicação da Psicanálise ao campo da linguagem e obedecendo a uma lógica do ensino de Lacan que esteve muitas vezes relacionada a eventos que o atropelaram em seu trajeto, essa invenção de Freud passou a ser considerada como um tipo de Discurso. Embora esse significante já fizesse parte da linguagem comum, foi preciso a psicanálise ter sido inventada para que ele encontrasse um outro valor e que pudesse produzir o desaparecimento dessa divisão entre o público e o privado. Assim, trata-se de uma montagem que funciona como uma máquina que institui e indica ao analisante e ao analista, seu lugar e sua função, passando a se constituir num fundamento da análise.

Portanto, não se trata do sentido comum que o significante Discurso possa apresentar como discurso das ciências, “discurso de Roma”, discurso médico, filosófico, entre outros, mas é uma noção que define uma passagem que vai da topologia dos objetos de superfície à topologia da cadeia borromeana. Além disso, embora essa noção de Discurso possa produzir efeitos na cena social, ele se formaliza num sistema rígido de lugares e letras que vai funcionar como um laço social que passa a obedecer à injunção de uma Lei, que procura normatizar a prática da análise, em que a relação entre o público e o privado tende a desaparecer a partir do Discurso Analítico.

Essa noção de Discurso, portanto, é um dispositivo que se inaugura a partir de uma “superfície primordial”, que não está relacionada a um espaço cartesiano, mas a um tipo de hiperespaço que passará por uma dupla divisão: uma primeira, imaginariamente vertical que irá instituir dois lugares: um à esquerda que é o lugar do Sujeito e que de início será ocupado pelo significante UM (S1) que o representa e de onde todo Discurso se inicia; o da direita, que deveria ser ocupado pelo objeto (a), aqui ele adquire o estatuto de significante (S2) e passa a se constituir num “outro lugar”, para onde todo Discurso se dirige.

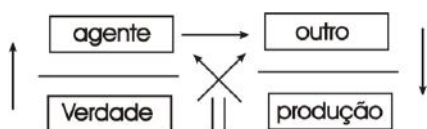
O lugar do UM



O lugar do “outro significante”

Colocadas estas questões, duas condições devem ser consideradas com alguma prudência. A primeira delas diz respeito à própria estrutura da linguagem que está implicada nessa conexão entre estes dois lugares, que não se trata de algo que sirva à comunicação, mas a efeitos da própria função linguageira. Quanto à segunda, essa conexão passa a se constituir num tipo de “laço social” que está além das palavras e de uma condição temporal que venha obedecer à uma cronologia¹. Em seguida, cada um destes dois lugares será dividido de uma maneira horizontal construindo um “quadrípode”, mais um significante inventado por Lacan, que mistura metade latim e metade grego. Portanto, “quadrípode”, em lugar de “quadrípodo” ou “tetrápodo”, convoca uma ideia de que se pode “sentar sobre eles ... como uma topologia rudimentar que repousa sobre quatro pontos chamados mônadas²

A partir destas divisões, estas quatro “casas” foram nomeadas por Lacan - no lado do Sujeito - a que está na parte superior, de “lugar do agente” e na parte inferior, de “lugar da Verdade”. No lado - outro significante - a “casa” que fica acima continuou como “outro significante”, ou ainda como “lugar do trabalho”, ou “lugar do gozo” e a que fica abaixo da barra, de “lugar da produção”:



Estas quatro “casas” manterão relações rígidas entre si e cada uma delas será

ocupada por letras que já faziam parte da álgebra lacaniana - \$, S1, S2 e a - movimentando-se num tipo de permutação cíclica de um quarto de volta, que será determinado por um elemento gerador que ocupará sempre o lugar do agente.

Estes elementos “repartidos no mundo”³ giram nestas casas sempre num quarto de volta, podendo tomar um sentido levogiro, ou dextrogiro. Esse movimento possibilita diversas escrituras que não oferecem qualquer possibilidade de comutação e se mantêm numa relação de “coexistência”, constituindo uma rede que funciona de uma maneira sincrônica para qualquer ato de fala e que vai determinar a maneira como o Sujeito vai estar posicionado nessa estrutura discursiva.

Assim, a combinação destes lugares ocupados sucessivamente por estas quatro letras formalizam quatro estruturas discursivas que se definem e se inscrevem em função da letra que estiver ocupando o lugar de agente e que Lacan os nomeou de Discursos Radicais: o do Mestre, quando se trata de (S1). O Discurso do Analista quando o objeto (a) ocupa o lugar de agente. O Discurso do Histérico quando é (\$), o representante do Sujeito; por último, o Discurso do Universitário quando se trata do Saber, de (S2), no lugar do agente. Mais tarde, ele ainda acrescentou uma outra cena inscrita nesse dispositivo discursivo através do Discurso do Capitalista e, mais recente, procurei acrescentar uma outra cena que pudesse dar conta das adições, dos vícios, através do que nomeei de Discurso do a-viciado⁴.

A partir dessa noção dos Discursos, Lacan veio formalizar diferentes maneiras do Sujeito produzir e se ligar à sua parte maldita, que ele identificou ao próprio obje-

to pequeno (a) e, assim, a Psicanálise deixava de ser uma prática realizada entre dois indivíduos, duas pessoas, ou mesmo entre dois sujeitos que participassem de um espaço comum, para se tornar uma condição que se realiza através de um dispositivo discursivo, esvaziado de qualquer necessidade de grupos para ser reconhecido. Ela passa a se constituir como uma prática singular que desenvolve um trabalho capaz de produzir em ato e como um efeito discursivo a “realidade do inconsciente”, mas que se deve também considerar a partir de uma contribuição do Sujeito, quando toma a palavra na análise.

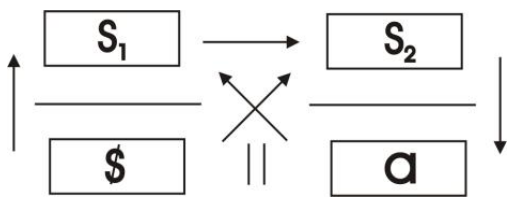
Quando operamos com a prática da análise não se busca estabelecer um acordo com as normas e com as realidades sociais, nem mesmo a procura de um ideal de conduta para o Sujeito, ou de curá-lo de seus sofrimentos. Essa noção de Discurso obedece à uma “pequena etiqueta” que vai possibilitar uma conexão entre um lugar ocupado pelo analista, como representante do objeto (a) e o outro lugar, do analisante, sob a função Sujeito.

Nestes diferentes Discursos, o Sujeito estará sempre representado por um determinado significante (S1), o significante-Mestre, que faz conexão com “outros significantes”, matemizado por (S2). Assim, na prática da análise, esta conexão que se inscreve como (S1 → S2) vem formalizar não só a própria estrutura da linguagem como o lugar que o Sujeito habita, como vai possibilitar a presença do “in-

consciente estruturado como uma linguagem”, como sugeriu Lacan.

Portanto, quando alguém se dirige a um analista demandando uma análise, de início, sem uma condição adequada para que possa falar em seu próprio nome, relata os sofrimentos que afetam o corpo que o sustenta e de muitas ideias que chegam a seu pensamento. Ele guarda uma falta de saber em relação ao gozo e ao desejo, fazendo relatos de uma história oficial e sustentando uma crença de que é portador de uma doença quase sempre com diagnóstico médico já conhecido e às vezes já medicado.

Se essa demanda tem continuidade, ela inaugura um primeiro Discurso, nomeado por Lacan como Discurso do Mestre.



Nessa condição, o significante que representa o Sujeito (S1) ocupa o lugar de agente do Discurso e passa a fazer parte de uma conexão significante (S1 → S2), que a partir de um imperativo ético transforma a fala do Sujeito numa condição que passará a intervir sobre esse “outro lugar”, ocupado por (S2), para onde sua demanda se dirige, produzindo algo como um efeito do Discurso que adquire o estatuto de objeto, denotado por (a).

Assim, o objeto (a) é algo que se produz como um efeito do Discurso do Mestre sob uma condição estranha e heterogênea de mais-gozar, com diversas funções que dependem das posições que ele passará a ocupar nessa estrutura discursiva, numa Análise em Intensão. Por uma questão com o tempo, não vou comentar sobre os Discursos Radicais, mas aproveitar para tratar dessas duas outras condições discursivas: o

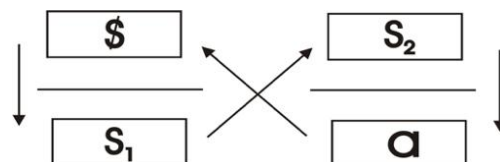
Discurso do Capitalista e o Discurso do a-Viciado.

O Discurso do Capitalista

A tradição filosófica e o desenvolvimento das ciências contribuíram para globalizar o Saber produzido pelo escravo e que seria apropriado pelo mestre, dando-lhe um estatuto de “objeto” e atribuindo-lhe um valor de mercado, quando ele foi universalizado e passou a circular com valores especiais de uso e de troca, adquirindo algo que Marx designou de mais-valia. Esse fato foi uma condição primordial para transmutar “o discurso do mestre antigo naquele do mestre moderno que se chama capitalista”, em que essa função da mais-valia”, mesmo não tendo sido uma invenção de Marx, foi ele que a fez encontrar seu lugar, como afirmava Lacan.

Todavia, Lacan quando propôs o Discurso do Capitalista, ele desenvolveu algo diferente de Marx, chegando a usar a expressão de “fábula hegeliana”, para considerar que esse trabalho do escravo e mais recente do proletário, retornava ao “Mestre” à medida que passava a ser utilizado pela filosofia e as ciências. Ele sugeriu que a mais-valia não deveria corresponder a algo que devesse ser inferida como uma alienação condicionada a uma situação econômica, em que o homem passaria a ser determinado pelo trabalho, ou ainda, que esse a mais do trabalho do escravo, ou do proletário, revelaria essa condição de que aquilo que se produz, paga-se com algo a mais e que tem relação com o gozo. Esse deslocamento do saber fazer do escravo, para um saber de Mestre veio determinar também uma passagem de um saber prático a um saber teórico a ser utilizado pela filosofia, pelas ciências e mais recente pelo Discurso do Universitário.

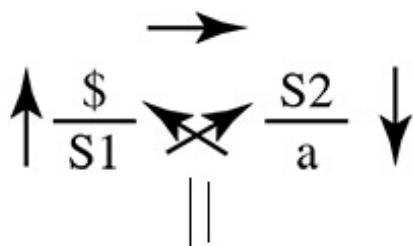
Com efeito, para implicar o Discurso do Capitalista à Psicanálise, Lacan o fez a partir dos Discursos Radicais, utilizando um “pequeno truque” no Discurso do Mestre. Ele o matemizou uma única vez, numa Jornada em Milão (12/05/72), quando sugeriu que o Sujeito (\$) passaria a ocupar o lugar de agente, enquanto que o significante-Mestre (S1) que o representa iria para o lugar da Verdade. Em relação aos outros lugares, eles seriam ocupados da mesma maneira por (S2) e pequeno (a). Em seguida propôs que o Discurso do Capitalista seria construído a partir do Sujeito, no lugar de agente avançando para o lugar da Verdade e podendo alcançar todas as outras casas, numa circularidade completa nestas diferentes posições, pois não haveria mais a impossibilidade que existe entre o lugar da produção e o lugar da Verdade, nos Discursos Radicais. Isso viria possibilitar um acesso ao Real e, ainda, alcançar o próprio objeto (a), sob o estatuto de um bem de consumo.



Lacan nomeou esse “objeto da modernidade” de “lathouse” (“latusa”) e, logo em seguida, jogando com uma homofonia, relacionou esse significante a “ventouse” (“ventosa”), que submetidos às técnicas de sua produção e às próprias leis do mercado são encontrados por todas as partes, “nas esquinas ... atrás das vitrines”, para serem consumidos com promessas de satisfação. Assim, desde que o “objeto” viesse a fazer parte de um mercado onde circulam valores, escolhas e preferências, outras consequências deveriam ser avaliadas. Depois de produzido e adquirido, outras ofertas passariam a acontecer e ele teria sua importância modificada, levando o Sujeito muitas vezes a perder o interesse por ele, procurando substituí-lo por outros mais modernos e poderosos, que passam a serem produzidos e oferecidos para consumo.

Aqui, no entanto, retomando o valor do “objeto (a)”, na condição de uma Análise em Intensão, ele se mantém como algo impossível a ser alcançado, assim, gostaria de sugerir uma outra inclusão do Discurso do Capitalista, na Psicanálise, obedecendo à lógica dos Discursos Radicais, propondo limites e normas a serem implicados nesse dispositivo de Discurso.

O Sujeito tendo seu representante no significante Mestre (S1), ele se manterá sempre impossibilitado de ter acesso a esse objeto causa do desejo e aperitivo de gozo, embora isso não inviabilize a possibilidade de ter acesso a semblantes desse objeto. Ele o faz, inclusive, produzindo um conhecimento (S2), como um argumento que o leva à procura destes objetos de consumo, que de alguma maneira passam a consumi-lo, como mais-gozar, que serve para uma grande consumação. Assim, vou propor essa outra escritura do Discurso do Capitalista:



Discurso do Capitalista

O Sujeito nesse dispositivo discursivo crê que é possível comandar o próprio “obje-

to” mais-de-gozar, através de um saber que está no lugar do “outro significante” (S2), buscando certa homogeneização fálica, que venha normatizar e assegurar a presença de uma demanda e do desejo. Todavia, mesmo que os “objetos” tornem-se de uma maneira ilusória acessíveis aos proletários, aos escravos e aos “outros”, acomodando-os sem desespero, ao serem adquiridos e usados pelo capital, essa é a estratégia com a qual o Mestre os distrai, dando a receita da longevidade do capitalismo. Assim a mídia e, sobretudo, as próprias leis do mercado tendem a proteger por diferentes meios o “consumidor”, que necessita ser preservado para que o “objeto” mantenha seu valor de uso realizado e possa ser consumido. No entanto, desde que o Sujeito passa de objeto a objeto, como de significante a significante, estes “objetos” valem por sua implicação ao próprio campo da linguagem, como “semblantes de objetos” que se tornam causa do desejo e organizam um campo do gozo que o afeta e que o mantém sob essa condição que vem aspirar e consumi-lo.

São “objetos” que passam a ser fabricados em “mutirão”, como uma produção industrial que invade as realidades do Sujeito sob essa condição que estará cada vez mais fora de seu controle e que o torna vítima dessa “ideologia da livre empresa”, lançando-o cada vez mais numa busca de possuí-los com uma expectativa cada vez maior de que eles sejam também melhores que os anteriores, para satisfazerem a um determinado ciclo que passa a obedecer às leis do mercado, estabelecendo nesse espaço-tempo que tem sido nomeado de “pós-modernidade”, uma condição que desperte novas demandas, podendo recolocar o Sujeito como desejante e tendo que suportar uma desigualdade que enfraquece os “laços sociais” e que na análise pode se mostrar como uma condição que desenvolva uma reclamação à própria função paterna.

Lacan após ter produzido os Discursos Radicais, ele deduziu o Discurso do Capitalista e sugeriu na ocasião que cada psicanalista deveria ainda acrescentar algo a este sistema discursivo a partir da Psicanálise que pratica. Assim, obedecendo à essa proposição de que é o Real que vem ordenar não só o funcionamento mental, como vai determinar essa condição impossível da proporção sexual e, ainda, que vem causar a própria diversidade dos laços sociais que estão implicados à textura dos discursos, vou sugerir mais uma possibilidade dis-

cursiva que nomeei de Discurso do a-Viciado.

Se no Discurso do Capitalista o Sujeito aparece no lugar de agente como um consumidor que tem disponibilizado os meios para que o objeto possa ser adquirido, ele fica também com a atenção voltada para o trabalho do outro, que passa a produzir estes objetos, na condição necessária para serem consumidos. Pode-se dizer que essa é a maneira como o mestre distrai o escravo e o proletário em seu trabalho, estimulando uma ilusão de que eles mesmos, os escravos, os proletários e os pequenos outros possam ter também acesso aos objetos que produzem.

Até aqui tenho referido a este Ser de linguagem e de sexo que se presentifica nestes discursos radicais com sua divisão estrutural (\$), sua condição desejante e, sobretudo com seu sintoma que ele inventa, como o melhor para viver, reclamando sempre de algo que lhe falta. Por tanto, pode-se inferir que a Lei, a moral e as normas da cultura tendem a produzir diferentes tipos de interdição aos objetos de sua escolha. Esse fato discursivo não só determina o objeto sob a modalidade de impossível, como vem determinar que ele só é possível para o Sujeito, quando participa da montagem do fantasma fundamental (\$ <> a), que passa a sustentar o desejo e a realizar uma produção de gozo que o coloca sob a condição de um objeto erótico a ser buscado numa condição amorosa, mas que se transmuda para um objeto de repugnância, de asco, de horror, obsceno, mantendo o sujeito numa atitude de pudor e de prudência em relação a ele, na condição do neurótico.

Além disso, a psicanálise tem mostrado que a lei e a moral não são instâncias em si mesmas superiores para a prática analítica, desde quando é preciso instituir limites para “não ceder quanto ao desejo” e, por outro lado, contra essa injunção de gozo na busca desse objeto interdito. Dito de outra maneira, quanto mais se dá um “bom conselho” ao Sujeito, ou se o proíbe de algo, mais ele fica intimado na busca deste objeto interdito e guardando uma culpa por realizar esse encontro de uma maneira fantasmática, desde quando é a única condição possível de fazê-lo, ainda que o deixe sempre culpado.

Daqui em diante gostaria de convidá-los a compartilharem a ideia de que a psicanálise tem mostrado que existem Sujeitos que mesmo sem serem considerados como perversos, estabelecem muitas vezes certos laços sociais e realizam uma economia de gozo próxima a eles. Aqui, refiro-me aos anoréxicos que se alimentam do “nada”, àqueles que comem de uma maneira descontrolada e tendem muitas vezes para a obesidade, aos fascinados pelo acaso dos jogos, àqueles que tendem a uma prática de apropriação compulsiva (cleptomania), às vezes também com violência na busca do objeto, outros que ultrapassam a função fálica como ocorre em certas práticas sexuais também com pessoas de menor idade, como aqueles que se drogam, entre muitas outras condições que ultrapassam as normas, que fogem de certas regras da cultura e se colocam à margem da Lei.

Assim, não é excessivo se perguntar, o que pode causar estes diferentes fenômenos com efeitos que se manifestam algumas vezes de uma maneira mais privada e outras vezes mais pública, nessa colagem entre o objeto que se mostra com uma face imaginariamente real e o Sujeito que passa a idealizar um novo tipo de laço social e, assim, participar de um outro tipo de Discurso?

Para começar a responder essa questão, talvez se possa considerar uma proibição do “menu”, as ofertas de consumo, as alterações da bioquímica no cérebro, ou ainda que possam decorrer da presença de um determinado componente genético. Ainda, que se considere como uma resposta a mídia, por proble-

mas psicológicos, ou que dependam de questões sócio econômicas, a singularidade que qualifica estes diferentes fenômenos que estão implicados ao que do Real, Simbólico e Imaginário comprometem o Corpo que sustenta o Sujeito e ao pensamento, estas manifestações não devem ficar indiferentes a uma olhada atenta da Psicanálise.

Vou sugerir, de início, que embora não se tenha encontrado respostas que sejam satisfatórias para estes fenômenos que se realizam num espaço entre a Lei e a transgressão, eles passam a representar uma vontade de gozo que favorece com uma insistência repetitiva, uma “consumação” do objeto e, em contrapartida, como uma “consumição” para o próprio Sujeito.

Aqui, o neurótico normatizado por essa instância terceira dos-Nomes-do-Pai é submetido a um impedimento em relação ao objeto, mantendo um estado de dependência constitutiva em relação ao significante do phalus [Φ] e a uma face imaginária do objeto (a). Quanto a esse outro Sujeito que vou nomear de a-Viciado, de uma maneira singular, ele rompe com os limites da Lei e ataca o laço social, modificando as características de sua relação com o objeto, que passa a revelar uma exacerbação narcísea em sua função e um valor de ideal para ser “consumido”.

Nestes casos, o Sujeito busca o objeto sem uma intermediação simbólica adequada, procurando introduzi-lo no organismo, consumi-lo, estocá-lo, desconsiderando sua limitação fálica e acrescentando um valor de gozo a mais. Sob essa condição o Sujeito “sem saber” é, muitas vezes, convocado a realizar ações e atos que passam a ter um valor simbólico, testemunhando uma dependência ao que nomeie de face imaginariamente real do objeto. Assim, o objeto perde seu estatuto de semblante - “não é isso de que se trata” - passando a ser visto com uma certa substancialidade e com um valor de “feitiço”, que se presentifica por seus efeitos de Real, isto é, de gozo. Essa transmutação do “objeto (a)” não só altera seus limites em relação ao Sujeito, como lhe produz a possibilidade de uma aquisição ilusória possível.

Assim, esse “a-bjeto” converte-se nessa modalidade de que “é disso de que se trata”: um olhar, um bem do outro, algo a ser ingerido ou destruído, a dor, ou mesmo isso que o dinheiro pode proporcionar. Pode-se considerar, algumas

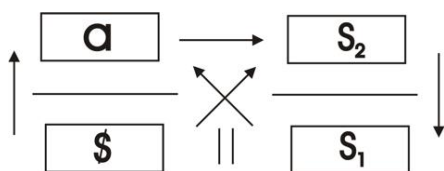
vezes, um objeto com propriedades sadomasoquistas, escopofílica, ou mesmo escatológica. Diante deles, o Sujeito baixa a guarda, deposita suas armas e sem resistência converte-se num usuário com laços de dependência, tornando-se um a-Viciado, ou melhor, um viciado de semblantes do objeto (a).

Com isso, o Sujeito passa a sofrer um outro tipo de gozo, que mesmo se manifestando no corpo que o sustenta, não é mais regulado pela Lei-do-Pai, ou por sua “versão perversa” (père-vers), mas por uma condição que vai do mal ao pior, onde ele é fagocitado pelo objeto. Aqui, o gozo que experimenta para cada tentativa ilusória de encontrar uma satisfação que imaginariamente viesse aliviar a dor de sua ex-sistência, sempre o relança neste buraco que queria evitar, para uma dor maior. Nestes casos, o “a-bjeto” embora possa vir algumas vezes a ser regido por uma moral utilitária⁵, como uma mercadoria⁶ que se converte num bem de consumo, aparecendo transvestido de uma dimensão imaginária ou simbólica, ele conserva sobretudo seu efeito de Real, como mais-gozar e, assim, retira do Sujeito a condição de fazer suas escolhas, mas o torna um “escolhido”, um dependente do objeto, tornando-se mais vulnerável ao afastamento, ou à ausência do “a-bjeto” que se expressa, muitas vezes, sob a condição de que “sem ele não posso viver”.

Eu o nomeei de início de “Um Discurso que não é radical” e, em seguida, de Discurso do a-Viciado⁷, que se constrói “fora de cena” através de uma estrutura discursiva em que é abolido o cenário fantasmático, onde o desejo pagaria a conta e que produz um excesso de gozo que afeta o Sujeito. Nestes fenômenos tão diferenciados, o que os a-Viciados têm em comum? Existe um discurso que possa incluí-los?

Embora não houvesse uma resposta definida sobre estas questões, mais uma vez só resta ir ao trabalho e propor esse outro Discurso, que guarda alguns laços internos com os Discursos Radicais e próximo ao Discurso do Capitalista. Vou propor que no Discurso do a-Viciado, esse “a-bjeto” passa a se constituir numa realidade possível para o Sujeito, transformando-se numa promessa ilusória de felicidade e, assim, através desse “monopólio de uso” que se desenvolve, o a-Viciado torna-se cada vez mais vulnerável à presença desse “a-bjeto”, podendo encontrar outras “adições” conjuntas, sempre crendo do que é bom que ele poderia produzir.

Assim, por estas diferentes funções que esse “a-bjeto” adquire e pelo efeito intrusivo que causa sobre o a-Viciado, sugeri que ele ocupe o lugar de Agente, adquirindo uma outra consistência daquela do Discurso do Analista e operando na determinação dos outros lugares e letras, no Discurso. Essa condição de submissão que o Sujeito experimenta em relação ao a-bjeto, é auxiliada muitas vezes pela química que passa a ter toda sua importância em algumas situações, sobretudo, nos momentos de interrupção, ou de abstinência de seu uso. A experiência de gozo que o objeto determina, mesmo que o a-Viciado possa estar entre outros, trata-se de algo que tende a não ser compartilhado com seus pares e, assim, ele estará sempre por conta própria.



Aqui, é no lugar da Verdade que o Sujeito encontra o preço mais radical de seu exílio, com a falta de um significante que possa representá-lo e passa a sofrer uma condição de Gozo que o “a-bjeto” pode instituir sem limites. Assim, impossibilitado de ter acesso ao significante-Mestre (S1) que o representa, o a-Viciado perde as insígnias transmitidas pelo Pai, destituindo-se de seus valores simbólicos e instituindo uma ruptura com a Lei e a perda de um lugar diante do qual poderia reclamar sua filiação e sua inserção na ordem simbólica. Isso vem determinar uma fragilidade nos laços sociais e a presença de uma odioamorção manifesta entre seus pares, promovendo a perda das coisas do amor e que passam a ter um efeito diferenciado em sua hystória, sem atenção para os ideais, não se importando com a família e até mesmo com a natureza sexual de suas relações. Não mais submetido à função

fálica que o inscreveria numa posição sexuada, com valor Homem, ou valor Mulher, ele passa a participar de uma determinada economia de gozo, onde cada um está por si mesmo na submissão a esse “a-bjeto” que o sequestra e o faz gozar, cada vez mais isolado, pois ele deixa de considerar os “outros”.

No “lugar do outro” inscreve-se a presença de (S2), o Saber sob a forma de um conhecimento que o a-Viciado não poderá recebê-lo como uma dádiva paterna que pudesse convertê-lo em limites a serem obedecidos. Apropriando-se dessa Saber como um usurpador, à margem da Lei e tendo perdido as garantias da função paterna, seu “trabalho” tende a perder seu valor. Desta maneira desencadeia-se um tipo de rivalidade como Pai, buscando destitui-lo de sua função, estendendo cada vez mais seus limites à espera de algo que lhe pudesse assegurar uma posição adequada. Portanto, na falta de uma autorização paterna, o que o a-Viciado encontra do seu trabalho não assegura uma identidade que o qualifique, pois estará sempre desautorizado em relação a Lei.

No lugar da Produção inscreve-se o significante Mestre (S1), com o qual o a-Viciado procura se representar, buscando fundar e legitimar sua heteridade. Todavia, a ruptura com a Lei que o faz perder a referência do lugar de onde poderia reclamar sua filiação, sua autoridade, ou mesmo sua inserção na ordem simbólica, isso impossibilita essa operação simbólica de se realizar. A Lei desde quando não tem sua autoridade sustentada pelos significantes Nomes-do-Pai, o a-Viciado não terá sua identidade assegurada, não terá qualquer reconhecimento na ordem simbólica em seus atos, ou ações. Assim, desde que o significante Mestre deixa de ser um referente da função paterna, o a-Viciado não pode construir por sua própria conta suas insígnias e “emblemas” que venham funcionar como marcas de sua “hystória”. Esse significante que poderia representá-lo “entre outros”, nem mesmo se converte numa tatuagem que poderia buscar uma relação com o desejo do Outro, ainda que este grande Outro nem mesmo exista.

Assim, o Sujeito quando se precipita sob essa condição submissa e alienada em relação ao a-bjeto, realiza uma perda do compromisso de sua escolha e ele passa a ser o escolhido, sendo usado pelo objeto de seu vício que o aliena, deletando a montagem fantasmática do desejo e estabelecendo essa condição excessiva de gozo, em que ele é levado muitas vezes a uma urgência, que o obriga a buscar o “a-bjeto” de uma forma imperativa, perdendo a prudência, rompendo com os limites da Lei e com as normas do convívio social.

A partir da Psicanálise em Intenção define-se uma escritura que realiza um campo de gozo determinado por essa presença imaginariamente Real do “a-objeto” e que, no social, revela a condição em que o Sujeito se movimenta sob o efeito de uma certa “obnubilação” da consciência⁸, eclipsando-se no ato de ser possuído pelo a-bjeto e de achar que pode usá-lo. Por isso mesmo, essa condição de a-Viciado abre uma fran-

ja ampla de manifestações, que pode mesmo incluir, algumas vezes, um Sujeito considerado como perverso.

Aqui, diferente da condição de um representante de objeto, que o a-bjeto mantém no Discurso do Analista, ele vai desempenhar uma outra função, não mais de causa do desejo, mas sob esse estatuto de um objeto que se mantém excluído da função fática e exilado de um sistema de trocas. Não importa a aparência que ele adquira nessa sua disposição proteiforme, se é o nada do anorético, um bem do próximo, a droga, a dor..., pois o que se configura de essencial é a atração e o efeito muitas vezes incontrolável, que ele desencadeia no a-Viciado, sob a natureza de “feito”.

Na análise, se o neurótico detém-se diante do “a-bjeto” com pudor, insatisfação, prudência, reserva e, sobretudo, impossibilidade, o a-Viciado rompe com a intermediação simbólica e é impulsionado a agir através de meios de aquisição que são modificados numa ação que pode se organizar com violência, pelo rapto, pela ingestão compulsiva... entre outras formas, sempre ultrapassando os limites instituídos pela Lei gerida pela função paterna.

Diante dessa condição, o a-Viciado embora tente uma solução para restaurar a heteridade que continuamente lhe escapa, ele passa a franquear desafios e limites cada vez maiores. Portanto, na falta de uma Lei que possa colocar limites a esse gozo causado pelo sequestro que o objeto lhe determina, a solução precária que realiza, fragiliza cada vez mais seus laços sociais.

Não é excessivo se afirmar que estes “novos laços sociais” adquirem para o a-Viciado uma condição próxima ao “sagrado”, de uma maneira equivalente ao que Lacan se referiu para o Sujeito perverso, em que cada um a seu modo, transforma-se num “homem de fé”. Constituem como um ideal encontrar essa condição que se pode considerar alguém ou além dos limites da castração, acreditando que possa fundar uma nova heteridade sem manter uma dívida com o Pai, ou que é pior, procura se posicionar “fora da castração”, afundando-se cada vez mais em seus laços sociais.

Estas condições que afetam o a-Viciado muitas vezes aproximam-se ao que Lacan definiu como uma “forclusão da castração”, uma operação localizada e que traz suas consequências. Ele afirmou que “não é porque a Verwerfung torna louco um sujeito, quando se produz no inconsciente, que ela não reina (...) sobre o mundo como um poder racionalmente justificado”, fazendo coexistir diferentes condições que só se realizam pelos efeitos que produzem.

Dito de outra maneira, na falta de uma referencia simbólica, o a-Viciado não pode desenvolver muitas vezes um argumento que detenha a atração irresistível que o “objeto” lhe causa e para justificar isso, ele busca realizar novos tipos de laço social, formando grupos anônimos, de “famílias”, tribos..., sempre à procura de uma outra lei que possa criar, ga-

rantir e regulamentar seus laços. Na falta dessa função socializadora determinada pela função paterna e pelo phalus, cada um fica por sua própria conta, procurando franquear limites e desafios cada vez maiores determinados pelos efeitos que o “a-bjeto” possa produzir. Aqui, ainda, uma condição essencial dessa condição é que pode ocorrer uma convergência arriscada do gozo com a morte, podendo muitas vezes abolir sua própria existência, como nos casos de uma “over dose”, que não corresponde a um acidente, mas a um fato determinado que está à espera de um momento para se realizar.

No Discurso do a-Viciado, diferente dos outros Discursos, o Sujeito entra no jogo com carta marcada, pela dependência que mantém em relação ao a-bjeto que o sequestra e o consome sem limites, determinando o resultado do jogo antes mesmo de ter começado, pois no ato de sua apropriação o Sujeito já está marcado por uma desrepresentatividade.

Para ir finalizando, gostaria de comentar que Lacan a partir da análise que fez de Kant, com aquilo que “caminha nas profundidades dos gostos” e de Sade, com “o direito de gozar do corpo do outro mesmo sem permissão”, ele veio mostrar que existem coisas, ou objetos que o Sujeito também busca para ir além de seu bem estar. Assim, não se trata de considerar essa “vontade de gozo”, como um desejo perverso, mas de que a relação com esse a-bjeto faz aparecer um “Sujeito bruto do prazer” que tende a realizar uma condição de gozo, que está além ou alguém dos limites instituídos pela função paterna.

Isso leva o Sujeito a desenvolver uma relação que guarda uma pregnância, tanto pela forma, como pela natureza verbal do objeto, desencadeando um tipo relação com uma “subjetivação acéfala”, é uma expressão de Lacan, que vem revelar

uma contingência trágica da própria ex-sistência do Sujeito e com um forte poder de atração do a-bjeto, que pode sequestrar muitos outros que se encontram em sua periferia. Nestes casos, opera-se algo sobre o Sujeito diferente da castração, ou do desmentido, pois cada vez que ele crê tê-lo encontrado e que o acalmaria, que o faria feliz, ele mergulha no pior.

Aqui, não se trata da ilusão do encontro com o objeto mantido nos termos da castração, onde cada vez que o sujeito o encontra, “não é disso que se trata” e o mantém nessa condição de causa do desejo. No Discurso do a-Viciado, o Sujeito passa a fazer parte de uma montagem que se constitui num tipo de em que o objeto o sequestra e o aprisiona. Assim, no momento do ato, ou da ação que realiza, o a-Viciado mantém-se excluído de sua representatividade e o objeto, em contrapartida, adquire uma substancialidade e um valor a mais que lhe é agregado¹⁰ e, assim, muitas vezes como um objeto de paixão, o a-Viciado torna-se incapaz de instituir qualquer dúvida quanto à importância que ele passa a ter em sua ex-sistência. Isso o leva, em cada um destes fenômenos, a procurar soluções diferentes daquelas encontradas por um Sujeito “normatizado” pela função paterna, quer numa condição equivalente ao neurótico, ou mesmo como um consumidor.

Dito de outra maneira, o a-bjeto adquire um poder que se pode dizer mágico, ou mesmo “sagrado”, diante do qual o a-Viciado desenvolve um tipo de “culto” que se organiza num campo de gozo, para seu uso privado. Trata-se de um objeto proteiforme, que toma formas necessárias para despertar a cobiça de seu futuro usuário, fazendo-o como dependente. Portanto, nestes diferentes “fenômenos sociais”, o a-bjeto se realiza para o a-Viciado de uma maneira tal, que lhe desperta uma crença de que só ele poderá satisfazê-lo, de que só ele poderá aplacar suas demandas e aliviar a dor de sua ex-sistência, ou até mesmo de que sem ele não poderá viver.

1 Lacan, J., *L'Étourdit*, em *Scilicet*, nº 4, Seuil, Paris, 1973.

2 Lacan, J., em *Le Savoir du Psychanalyste*, aula de 03/02/72. Documento interno da Association Freudienne Internationale.

3 Lacan, J., Sem. XVIII, *D'un discours qui ne serait pas du semblant*, aula de 13/01/1971. Documento interno da Association freudienne internationale.

4 Souza, A., *Os Discursos na Psicanálise*, Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 2008 (reedição).

5 Nestas condições, o objeto como mercadoria ultrapassa àquele da concorrência imaginária, *i(a)*, ou mesmo esse elemento bizarro que vem se converter num feitiço, ou num ou num valor de moda, como é o *phalus*.

6 Sob esta função que o discurso institui de renúncia ao gozo, o objeto (a) pode definir qualquer objeto do trabalho humano como mercadoria; pelo menos, este é um tratamento que Lacan dá a esta questão em várias aulas do seminário XVI, *De um Outro ao outro*.

7 Souza, A., *O Discurso Que Não É Radical*, em *Nós 1*, Revista do Espaço Moebius, Bahia, Dezembro, 1993.

8 Ver o comentário feito por Lacan em *Fonctions de la psychanalyse en criminologie*, *Écrits*, Seuil, Paris, p. 143, 1966.

9 Lacan, J., Sem. *Le savoir du Psychanalyste*, aula de 01/06/1972. Publicação interna da Association freudienne internationale.

10 Lacan, J., Sem. XVIII, *D'un discours qui ne serait pas du semblant*, aula de 09/06/71. Lacan faz um jogo homofônico com o significante “acéphale”, evocando *acéphalie* (cefalia), “acéphallique” (acefálico) e, ainda, “assez phalle” e “assez phallique” (bastante fático). Publicação interna da Association Lacanienne Internationale.

Entre vista

Entrevista com Ligia Gomes Víctora

Ligia Gomes Víctora é psicanalista e membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA) e Association Lacanienne Internationale-França (ALI). Em 2017 trabalhou conosco aspectos topológicos acerca do conceito de fantasma que, na época, foi tema do eixo de trabalho. Pelo seu longo percurso teórico-clínico, certamente não estivera alheia aos inúmeros impasses e desafios clínicos e formativos que a pandemia do Covid-19 nos colocou, sobretudo no momento em que precisamos fechar nossos consultórios e uma onda on-line se formou tanto para recebermos nossos pacientes quanto para continuarmos nossos trabalhos teóricos, fosse participando ou mesmo coordenando alguma atividade. É nessa esteira que gostaríamos de ouvir seu posicionamento e considerações acerca dos desdobramentos pós-pandemia que abriram tantas possibilidades, quanto questões e desafios para o futuro da psicanálise. Boa leitura!

Revista ALPL: Poderia nos contar como começou a sua relação com a psicanálise?

Ligia Gomes Víctora: P Começou quando eu estava no colégio. Tinha 13 anos, estava no 3º ano do Ginásio, na época morava em Santiago, no interior do Rio Grande do Sul, região da Campanha. A professora deu como tarefa escrever sobre a biografia de alguma pessoa “notável”. Por acaso, na revista semanal que recebíamos em casa havia uma reportagem sobre Freud. Assim, fui pesquisar e descobri a Psicanálise.

Àquele tempo, uma pesquisa requeria uma busca às enciclopédias que tínhamos em casa e a ida à biblioteca da escola. Lá fui eu, e me apaixonei. Depois disso, comecei a ler tudo que tinha a ver com a Psicanálise.

Revista ALPL: Em que momento do seu percurso e por que começou a se dedicar a topologia?

Ligia Gomes Víctora: Sempre gostei muito de matemática e física na escola. Na Universidade, comecei a fazer dois cursos na UFRGS: Psicologia e Filosofia. Em Filosofia, adorava estudar Lógica, então um professor me falou de Lacan (nos anos 70 não se lia seus seminários na faculdade). Segundo ele, Lacan tratava da escrita lógica da Psicanálise. Era uma dificuldade conseguir seus escritos, que geralmente vinham em versões mimeografadas, em versões argentinas. Daí à Topologia foi uma passagem tranquila. Fiz cadeiras do curso de Matemática para tentar compreender as matemáticas de Lacan.

Revista ALPL: O que tem a nos dizer sobre a psicanálise pré e pós pandemia?

Ligia Gomes Víctora: Antes da pandemia, eu criticava o atendimento online – e não pensava que pudesse conseguir fazer isso, ou que funcionasse... A escuta analítica, a transferência, a interpretação – me pareciam, se não impossíveis, muito difíceis de se estabelecer à distância. Mas tive que experimentar para admitir que é possível, sim.

Mecanismos de defesa como resistência, lapsos, atos-falhos, projeção, associação livre, os sonhos – todos são passíveis de escuta e, se for o caso, de interpretação à distância. Para os analisantes que utilizavam o divã antes da pandemia, peço que encontrem em casa um lugar (sofá, cama, poltrona) em que possam se recostar e depositar o celular sem me olhar, para reproduzir o setting do consultório. Claro que a psicanálise à distância é muito mais di-

fícil e exige uma enorme concentração do analista, principalmente quando se escuta várias horas seguidas em um dia.

Revista ALPL: Como a pandemia afetou sua clínica?

Ligia Gomes Víctora: No começo, fiquei 2 meses atendendo de casa, só online, com os pacientes que aceitaram esta modalidade. Mas como alguns não se sentiam à vontade ou não tinham condições de privacidade, resolvi voltar a atender no consultório, com os muitos protocolos recomendados para clínicas médicas (pró-pés, tapete sanitizante, toalhas de papel no lavabo, álcool gel para as mãos, forro descartável no divã, spray desinfetante, janelas abertas, além da máscara). Alguns destes incorporei ao consultório e mantenho até hoje.

Para a minha grande surpresa (mais um mito que caiu) a maioria não quis retornar ao consultório e preferiu continuar online! E – uma vantagem da possibilidade do atendimento online – se os pacientes não conseguem ir presencialmente por qualquer motivo, podemos fazer a modalidade “híbrida”, intercalando consultas online e presenciais.

Revista ALPL: Qual é sua posição com relação à transmissão, supervisão e tratamentos on-line?

Ligia Gomes Víctora: Como nos meus cursos trabalhamos com materiais, como cordões, tecidos, corte e costura – envolvem momentos de ensino em oficinas, além da parte teórica – então é mais difícil trabalhar à distância. Mas estou tentando, e aprendendo muito a cada vez.

Já a transmissão teórica e a supervisão de casos são tranquilas online.

Revista ALPL: Como vê o futuro da psicanálise depois de se tornar popular na internet e nas mídias sociais?

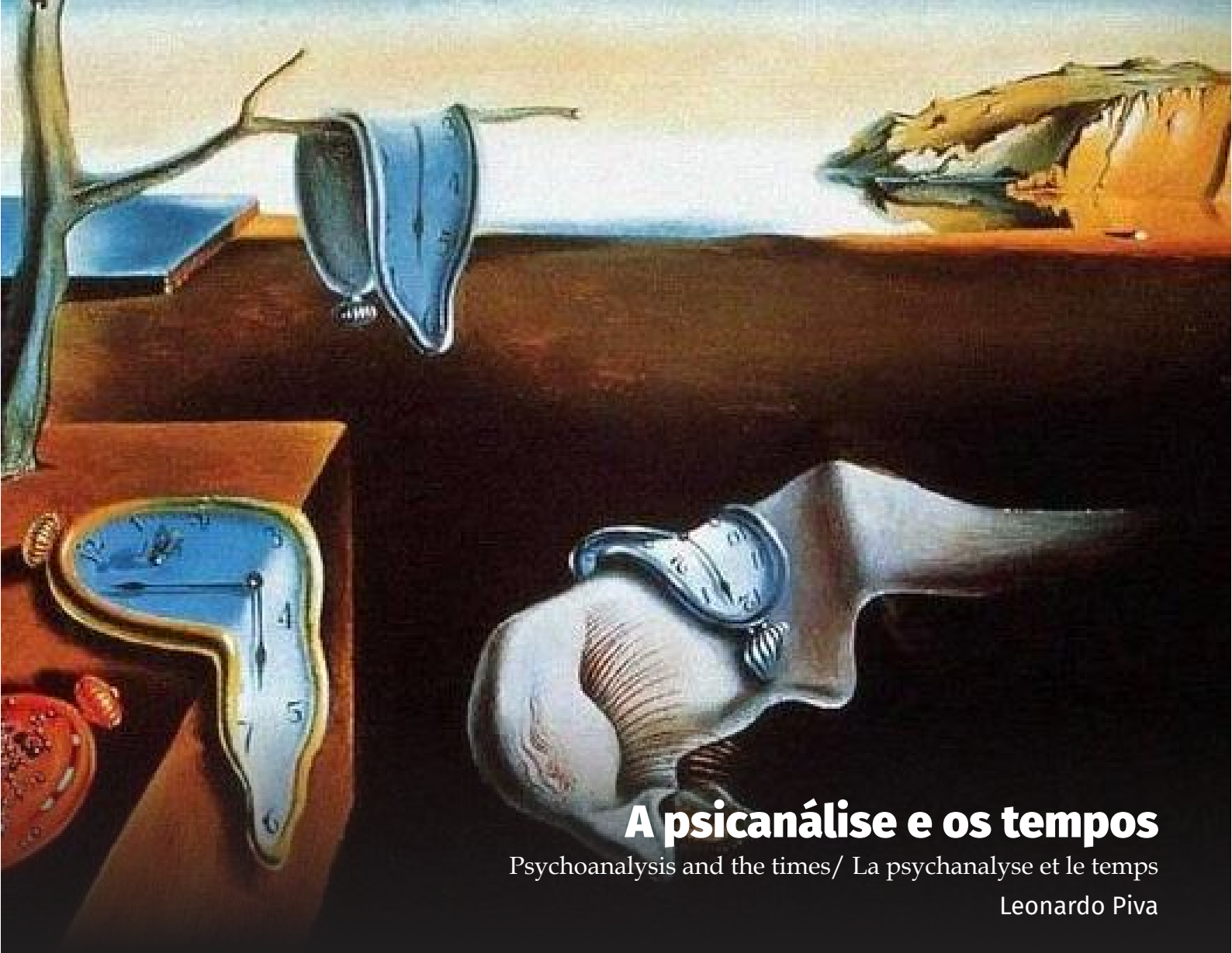
Ligia Gomes Víctora: Apesar de tantas opções de terapias “alternativas” e da medicalização psiquiátrica, que cada vez é mais difundida e oferecida mesmo na rede pública. Abrem-se outros campos de atuação das psicoterapias, mas a clínica psicanalítica é uma boa opção não farmacológica, inclusive em tratamentos para casos de psicoses que não toleram as medicações por quaisquer motivos (físicos – de intolerância a substâncias, ou psicológicos – por se sentirem invadidos).

Então, a Psicanálise está cada vez mais intensa e necessária em nosso tempo.

Jo vens Ana lis tas

Esse ano resolvemos inaugurar mais uma seção em nossa revista.

Abrimos um espaço para jovens analistas poderem trazer um pouco de seu percurso em escrita. Possibilitar e incentivar que a transmissão da psicanálise seja valorizada por quem ainda está começando nos lembra e mantém o alerta de que estamos todos, em qualquer momento de percurso com a psicanálise, começando e recomeçando. Não há um saber completo, já terminado, concluído. A formação em psicanálise se dá com um ato, um começo, mas não sem um fim, no sentido de um termino. Mas sim, sempre com um fim, no sentido de finalidade. E que este fim possa estar sempre renovando nosso desejo de analista fundamental para nossa práxis!



A psicanálise e os tempos

Psychoanalysis and the times/ La psychanalyse et le temps

Leonardo Piva

Resumo

Tempo e psicanálise se entrelaçam em um estranho jogo de desencontros, um se remetendo ao outro somente para mostrar as dissonâncias existentes entre a temporalidade ordinária da consciência e àquela desvelada por Freud, a do inconsciente. Resultado de um convite feito a jovens analistas, esse trabalho percorre brevemente alguns caminhos existentes entre psicanálise e tempo. Numa primeira via, se pretende discorrer sobre aquilo que Freud define como um dos traços do inconsciente, a intemporalidade. Em vários momentos da obra freudiana é possível reconhecer as consequências de se pensar o inconsciente como intemporal, nos quais os elementos recalcados não sofrem alteração pela passagem do tempo e que, portanto, em análise se trata de outra temporalidade. Em segundo, o trabalho se direciona a tratar de uma temporalidade que desemboca na compulsão à repetição e naquilo que ela fundamentalmente revela a partir do texto freudiano "Além do princípio do prazer". Com Lacan, será possível abordar essa repetição a partir de um de seus textos, "Tiquê e Autômaton", e diferenciar de que modo a repetição na psicanálise pode ser lida em duas vertentes: uma atrelada ao princípio do prazer e outra ao real.

Palavras-chave: Temporalidade. Psicanálise. Inconsciente.

Abstract

Time and psychoanalysis intertwine in a strange game of mismatches, one referring to the other only to show the existing dissonances between the ordinary temporality of consciousness and the other one unveiled by Freud, the unconscious. Resulting from an invitation made to young analysts, this work briefly covers some existing paths between psychoanalysis and time. In a first path, it is intended to discuss what Freud defines as one of the traits of the unconscious, timelessness. In several moments of Freud's work, it is possible to recognize the consequences of thinking of the unconscious as timeless, in which the repressed elements do not suffer alteration by the passage of time and which, therefore, demonstrates that, in analysis, it is a matter of another temporality. Second, the work addresses a temporality that leads to the compulsion to repeat and what it fundamentally reveals based on the Freudian text "Beyond the pleasure principle". With Lacan, it will be possible to approach this repetition from one of his texts, "Tiquê e Autômaton", and to differentiate how repetition in psychoanalysis can be read in two aspects: one linked to the principle of pleasure and the other to the real.

Key-words: Temporality. Psychoanalysis. Unconscious.

Résumé

Le temps et la psychanalyse s'entremêlent dans un étrange jeu de décalages, l'un ne renvoyant à l'autre que pour montrer les dissonances existantes entre la temporalité ordinaire de la conscience et celle dévoilée par Freud, celle de l'inconscient. Fruit d'une invitation faite à de jeunes analystes, ce travail retrace brièvement quelques voies existantes entre la psychanalyse et le temps. Dans un premier temps, il s'agit de discuter de ce que Freud définit comme l'un des traits de l'inconscient, l'intemporalité. À plusieurs moments de l'œuvre de Freud, il est possible de reconnaître les conséquences d'une pensée de l'inconscient comme intemporel, dans laquelle les éléments refoulés ne subissent pas d'altération par le passage du temps et qui, par conséquent, démontre que, dans l'analyse, c'est une question d'une autre temporalité. Deuxièmement, le travail aborde une temporalité qui conduit à la compulsion de répétition et ce qu'elle révèle fondamentalement à partir du texte freudien «Au-delà du principe de plaisir». Avec Lacan, il sera possible d'aborder cette répétition à partir d'un de ses textes, "Tiquê e Autômaton", et de différencier comment la répétition en psychanalyse peut être lue sous deux aspects : l'un lié au principe de plaisir et l'autre au réel.

Mot-clés: Temporalité. Psychanalyse. Inconscient.



A ideia para trabalhar com essa temática veio a partir de um convite feito pela Associação Livre de Psicanálise de Londrina a jovens analistas, aos quais eu estava incluso, para falarem sobre o início da clínica mas também sobre a incidência do tempo em que estamos inseridos e como isso afeta a psicanálise e sua transmissão. Um encontro que tinha como mote “O analista no tempo e no espaço” e que, conseqüentemente, dava espaço aos jovens analistas para dialogarem sobre esse tempo inicial do processo em suas formações. Nos levando a pensar sobre o que é relativo ao início da clínica, mas também sobre o que é inerente à estrutura do campo psicanalítico e permanece invariável independentemente do tempo de formação.

A partir dessas discussões, comecei a me interrogar sobre o tempo na psicanálise e de que maneira apreendemos essa temporalidade na clínica. Isto porque a própria clínica nos interroga quanto ao tempo, principalmente a partir da fala de pacientes que nos direcionam veemente, “mas quanto tempo dura o tratamento?” ou ainda “a análise é demorando demais”, “a sessão já acabou, mas eu não disse tudo”, etc. Não há dúvidas de que estamos inseridos num tempo: os pacientes, suas subjetividades, o próprio analista, e a psicanálise mesma. Ainda que estejamos imersos, sabemos que a psicanálise não vai de encontro com esse modo de funcionamento, pois ela (re)existe num movimento contrário à cultura.

Como bem nos lembra Fingermañ (2009, p. 60):

A psicanálise não está mais na moda up-to-date; no entanto, se ela permanece nas agendas das pessoas apressadas é por causa de sua eficácia. Quem se atreve hoje a ficar algumas vezes por semana no consultório do analista, por um tempo às vezes muito menor que o tempo que demorou para chegar lá, espera o que dessa experiência que desafia a “modernidade” nas margens do trânsito exorbitante do progresso?

Sendo assim, essa temporalidade esquisita que se apresenta em uma análise, desde a primeira entrevista, dá provas de que nas falas do sujeito se faz um ritmo diferente do que é dado na cultura e que ali o analista direciona sua escuta. Considerando as várias nuances dessa temática, o artigo dará enfoque em dois movimentos temporais presentes na clínica: um movimento referente à descoberta freudiana do inconsciente e sua atemporalidade, e o tempo da pulsão.

Primeiro, de que tempo falamos em uma psicanálise? Freud já se interrogou sobre esse

Sendo assim, essa temporalidade esquisita que se apresenta em uma análise, desde a primeira entrevista, dá provas de que nas falas do sujeito se faz um ritmo diferente do que é dado na cultura e que ali o analista direciona sua escuta.

assunto em seu texto "O início do tratamento" de 1913, quando diz que podemos falar sobre o tempo de duração do tratamento, o tempo de duração da sessão e também do intervalo entre as sessões. Ao longo da obra freudiana, podemos fazer outros recortes sobre o tempo: o retorno do recalado, a presença de elementos inconscientes inalterados pela passagem do tempo, a compulsão à repetição e o fim de uma análise.

Inúmeras são as perspectivas que podemos abordar sobre a temática temporal, inclusive sobre o dispositivo inserido por Lacan do tempo variado das sessões que produziu um escândalo em sua época por ir na contramão do modelo da IPA. Portanto, essa temática não caiu no esquecimento dos analistas ou se tornou um tópico de pouco interesse para a prática clínica, ainda que Freud tivesse reconhecido que ele mesmo fez poucos avanços sobre o tema:

Sempre tive a impressão de que tiramos pouco proveito, para a nossa teoria, desse indubitável fato da imutabilidade do reprimido através do tempo. Isso parece permitir um acesso aos mais profundos vislumbres. Infelizmente, tampouco fiz maiores progressos nesse ponto (Freud, 1932, p.216).

Contudo, o pilar da descoberta freudiana, o inconsciente, carrega uma característica temporal que a distingue radicalmente do sistema consciente, fundando o campo analítico, desde seu início, sobre as bases de um transcorrer de tempo diferente dos outros campos. Em suas palavras:

Os processos do sistema inconsciente são atemporais, isto é, não são ordenados temporalmente, não são alterados pela passagem do tempo, não tem articulação nenhuma com o tempo. A referência ao tempo também se acha ligada ao trabalho do sistema consciente (Freud, 1915, p.128).

Ou seja, investigar a temporalidade da

psicanálise é investigar os fundamentos que sustentam o campo e seu objeto de estudo: o inconsciente. Se falamos de um tempo, certamente não é de um tempo cronológico e/ou linear, fato esclarecido por Freud (1915) que reconhece a existência de elementos que não sofrem consequência da passagem do tempo. Passado e presente, se é que podemos fazer tal distinção, se confundem no sintoma neurótico e demonstram que na verdade há um passado que se faz presente, bagunçando a linha tipicamente cronológica da consciência.

O que se apreende com a psicanálise através da escuta clínica é que os elementos considerados "infantis" permanecem inalterados e vivos na vida do sujeito. Como podemos fazer tal distinção entre presente e passado se um nunca deixou de ser presente e atuante? Em "Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen", as fantasias do personagem Harold em sua vida adulta são, na verdade, determinadas por impressões infantis que permaneceram recaladas (Freud, 1907, p.49). Nesse mesmo ensaio, é feita a analogia do processo de repressão com o soterramento de Pompeia: "realmente, não há analogia melhor para a repressão, que tornar inacessível e conservar ao mesmo tempo algo na psique, do que o soterramento, tal como o que Pompeia sofreu e do qual pôde ressuscitar mediante o trabalho das pás" (Freud, 1907, p. 57).

Com essa analogia freudiana, ele traz a ideia de um elemento soterrado e inalterado pela passagem do tempo, mas que nem por isso deixa de ser menos atuante na vida psíquica do sujeito neurótico. O sintoma na psicanálise é lido como o retorno do recalado, o retorno dos elementos inconscientes que aparecem, de forma totalmente distorcida, em uma satisfação paradoxal do sintoma. Não somente o sintoma, mas os atos falhos e os sonhos são formas de retorno do recalado, ou seja, formações do inconsciente que aparecem como estranhos ao sujeito. Há um "fora do tempo" relativo ao inconsciente porque ele aparece na cadeia discursiva como um desvio, um fora de lugar e de momento, estranho à fala e à razão consciente.

Durante um grande período de sua obra, para Freud (1904), o trabalho analítico era tido como esse trabalho de escavação para trazer à tona o que fora recalado; quebrar as resistências e tornar consciente o inconsciente.

Resistência porque há uma força oposta ao trabalho analítico que Freud (1904) muito cedo descobre no tratamento com as histéricas. Uma resistência à cura e também ao movimento de certos sintomas, de certos modos de satisfação que apresentam uma fixidez.

A resistência à cura se dá pela satisfação que o sintoma oferece ao neurótico, já que, como Freud definiu, “o sintoma é a atividade sexual do neurótico” (Freud, 1905, p.60). Portanto, mexer de alguma forma com esse sintoma é mexer também com uma maneira pela qual a pulsão encontrou de se satisfazer, ainda que essa satisfação apresente um grau de desprazer para a consciência. A pulsão é um elemento da metapsicologia que altera completamente a relação da psicanálise com o tempo porque assim como o inconsciente, a pulsão nada tem a ver com o tempo consciente.

Qual o tempo da pulsão? Se há um tempo, é o da repetição, do retorno, a *konstante kraft* definida por Freud e reiterada por Lacan.

A constância do impulso proíbe qualquer assimilação da pulsão a uma função biológica, a qual tem sempre um ritmo. A primeira coisa que diz Freud da pulsão é, se posso me exprimir assim, que ela não tem dia nem noite, não tem primavera nem outono, que ela não tem subida nem descida. É uma força constante (Lacan, 1964, p.162).

Diferente das necessidades biológicas que possuem um ritmo articulado a uma função biológica e regulado por ela, a pulsão de maneira alguma se compraz com essa função, indo muitas vezes na direção oposta ao organismo biológico. A pulsão se faz como uma força constante em busca de satisfação e que na medida em que a encontra, retornar novamente ao circuito: “se a pulsão pode ser satisfeita sem ter atingido aquilo que, em relação a uma totalização biológica da função, seria a satisfação ao seu fim de reprodução, é que ela é pulsão parcial, e que seu alvo não é outra coisa senão esse retorno em circuito” (Lacan, 1964, p.176).

A compulsão à repetição que Freud observa na neurose é a expressão desse constante retorno da pulsão. Em seu artigo de 1920, “Mais além do princípio do prazer”, ele se interroga, a partir do relato dos pacientes sobre sonhos de angústia repetitivos que não cessavam, qual a explicação para a repetição de tais elementos psíquicos. Sua teoria versava até o momento que o aparelho psíquico gerenciava as tensões internas em busca de prazer (diminuição da tensão), e evitando o desprazer (aumento de tensão) (Freud, 1920).

Contudo, a partir de sua experiência com

a neurose e a observação geral, se faz necessário uma revisão dessa formulação. As neuroses traumáticas, as brincadeiras infantis, e a neurose de transferência são exemplos analisados por Freud para adentrar esse campo localizado além do princípio do prazer. Ele conclui que “na vida psíquica há realmente uma compulsão à repetição, que sobrepuja o princípio do prazer” (Freud, 1920, p.183).

O que se põe é a existência de uma repetição que ocorre em busca de prazer, mas observa, por outra via, a existência de uma repetição desatrelada desse prazer. Qual a importância dessa diferenciação para o que o trabalho se propõe? Exatamente a nomenclatura de duas formas de repetição, uma orientada pelo prazer, outra pela pulsão de morte.

Tal diferença fica mais clara em Lacan quando ele escreve um texto intitulado “Tiquê e Autômaton” para falar sobre esse conceito presente na análise a fim de definir de qual repetição trata a psicanálise e o que ela se articula com seu conceito de real. Duas palavras retiradas do vocábulo de Aristóteles para falar sobre a causa, tiquê e autômaton, são utilizadas para distinguir duas modalidades da repetição que podemos apreender na obra freudiana e na clínica psicanalítica. A começar pelo autômaton, ele o define: “o real está para além do autômaton, do retorno, da volta, da insistência dos signos aos quais nos vemos comandados pelo princípio do prazer. O real é o que vige sempre por trás do autômaton, e do qual é evidente, em toda a pesquisa de Freud, que é do que ele cuida” (LACAN, 1964, p.56).

O real é aquilo que está para além do autômaton, além de uma mera repetição de signos comandados pelo princípio do prazer, que, como vimos anteriormente, faz consonância com a interrogação freudiana sobre a repetição dos sonhos de angústia. Essa repetição nada tem a ver com o princípio do prazer, está para além deste princípio. Portanto, o autômaton seria essa primeira modalidade de repetição que também encontramos nas análises e que revela uma insistência de um modo de

satisfação orientado pelo princípio do prazer, mas que esconde outra repetição.

Por outro lado, a repetição pela via da tiquê, nada tem a ver com essa mera reprodução, como explica Lacan.

Primeiro a tiquê [...] Nós a traduzimos por encontro do real. [...] O que se repete, com efeito, é sempre algo que se produz - a expressão nos diz bastante sua relação com a tiquê - como por acaso [...] A função da tiquê, do real como encontro - o encontro enquanto que podendo faltar, enquanto que essencialmente é encontro faltoso e se apresenta primeiro, na história da psicanálise, de uma forma que, só por si, já é suficiente para despertar nossa atenção - a do traumatismo (Lacan, 1964, p.56-57)

Assim, da mesma forma que sob a pena de Freud essa repetição aparece sob a insígnia do traumático, daquilo que o aparelho psíquico não liga a nenhuma representação, com Lacan, podemos pensá-la como fora do simbólico, como enquadrada pelo fantasma, mas não totalmente. É algo da ordem de um acaso, sem sentido, uma casualidade. Mas que esconde, como ele mesmo afirma, algo de fundamental na experiência analítica: “Mas, por outro lado, essa realidade não é pouca, pois o que nos desperta é a outra realidade escondida por trás da falta do que tem lugar de representação - é o Trieb, nos diz Freud” (LACAN, 1964, p.61).

O que está por trás dessa repetição enquanto tiquê, enquanto mero encontro faltoso é Trieb, a pulsão. Conceito, como já assinalamos aqui, totalmente distinto do instinto biológico, instinkt. A repetição enquanto tiquê não é unicamente um retorno incessante de um trauma que causa desprazer, mas também a possibilidade de algo a ser feito com essa repetição. Como afirma Lacan, “não se trata em Freud de nenhuma repetição que se assente no natural, de nenhum retorno da necessidade. O retorno da necessidade visa o consumo posto a serviço do apetite. A repetição demanda o novo. Ela se volta para o lúdico que faz, desse novo, sua dimensão” (LACAN, 1964, p.62). Por isso a aposta da análise nessa repetição que pode vir a tornar algo novo para o sujeito em suas vias de retorno, a possibilidade de saber fazer algo com essa repetição pela sua via lúdica.

“Os processos do sistema inconsciente são intemporais, isto é, não são ordenados temporalmente, não são alterados pela passagem do tempo, não tem articulação nenhuma com o tempo. A referência ao tempo também se acha ligada ao trabalho do sistema consciente” (Freud, 1915, p.128).

Até aqui assinalamos alguns dos tempos possíveis encontrados em uma análise, os tempos que marcam algo da estrutura do sujeito e correspondem e sustentam a prática analítica enquanto intervenção. Quinet nos lembra:

As sessões psicanalíticas sem tempo determinado encontram sua lógica em duas definições distintas de estrutura, que implicam dois aspectos do sujeito. A) A estrutura do campo psicanalítico é equivalente à estrutura da linguagem. O sujeito é definido a partir de sua determinação pelo significante, definição essa correlata à formulação do inconsciente estruturado como uma linguagem. B) A estrutura não é apenas definida pela linguagem [...], mas também a partir do objeto a, real, exterior à linguagem e que está fora do significante (Quinet, 2005, p.49).

Ou seja, tratar sobre o tempo, ainda que aqui o recorte do autor tenha sido sobre as sessões de tempo variado, deve levar em consideração dois aspectos distintos da estrutura do sujeito, o inconsciente e o objeto a, aquilo que se encontra fora da linguagem. Um dos caminhos do artigo era verificar essa mesma proposição desde Freud, aquilo que ele define já no início como uma das principais características do inconsciente, sua atemporalidade e o retorno do recalado, mas também sua descoberta posterior sobre a compulsão à repetição e à pulsão de morte.

A partir desses caminhos ressaltados, e considerando também que existem outros aspectos temporais importantes que não foram abordados aqui, como o movimento de retroação próprio ao significante, o après-coup e a possibilidade de ressignificação, os três tempos lógicos do sujeito definido por Lacan a partir do sofisma dos prisioneiros, as sessões de tempo variado, etc. podemos interrogar que temporalidade estranha é essa da psicanálise que desde seu fundamento se mostra contrária à cultura?

Essas várias facetas temporais que se mostram estranhas, na verdade, desvelam outro modo de funcionamento que não o da consciência. Se há algo da descoberta freudiana que permanece até os dias de

hoje, atemporal, é que o ser de linguagem não é dono de sua própria casa e que ali há um movimento temporal que não responde às demandas da cultura. Talvez por isso há ainda pessoas buscando os analistas para falarem desse mal-estar em correr atrás de um tempo que já se faz perdido e que tentam, a partir de uma interjeição cultural, enquadrar algo da estrutura em um modo de produção sem pausa, incessante.

Em uma análise todos esses tempos contam: os vários tempos do inconsciente, a temporalidade da pulsão, da fantasia, do desejo, do supereu com suas interjeições, do tratamento, da neurose (obsessiva e histérica). Se há uma resposta para a pergunta: “mas quanto tempo?”, Freud já nos advertiu:

Respondemos quase como Esopo na fábula, quando o andarilho pergunta pela extensão do caminho e ouve a exortação: ‘Anda!’, que é explicado com a justificativa de que é preciso antes conhecer o passo do andarilho, para poder calcular a duração de sua viagem. Essa experiência nos ajuda nas primeiras dificuldades, mas a comparação não é boa, pois o neurótico pode mudar seu andamento com facilidade e fazer progressos muito lentos às vezes (Freud, 1913, p. 170-171).

No que tange ao tempo, a resposta do analista é “Anda”, sem saber ao certo quando irá chegar, mas com um cálculo que sempre considera as estratégias da neurose e um passar de tempo radicalmente diferente do tempo da consciência.

Referências

1. Fingermann, D. O tempo na experiência da análise. *Revista USP*, São Paulo, nº81, p.58-71, março-maio de 2009.
2. Freud, S. (1904). O método psicanalítico de Freud. In *Obras completas volume 6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905)*. Tradução de Paulo César de Souza, 1ª Edição. São Paulo, Companhia das Letras, 2016.
3. Freud, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Obras completas volume 6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905)*. Tradução de Paulo César de Souza, 1ª Edição. São Paulo, Companhia das Letras, 2016.
4. Freud, S. (1907). Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen. In *Obras completas, volume 8: O delírio e os sonhos na Gradiva de Jensen, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909)*. Tradução de Paulo César de Souza, 1ª Edição. São Paulo, Companhia das Letras, 2015.
5. Freud, S. (1913). O início do tratamento. In *Obras completas, volume 10: observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia: “O caso Schreber”: artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.
6. Lacan, J. (1988). O seminário, livro 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
7. Quinet, A. As 4+1 condições da análise. 10. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
8. Soler, C. Interpretação: as respostas do analista. *Opção Lacaniana*, nº13, p.20-38, 1995.

Normas de submissão e publicação

1. Os artigos submetidos para publicação na Revista ALPL devem ser inéditos, salvo traduções consideradas pertinentes e relevantes pela comissão editorial.
2. A submissão e publicação de artigos em língua estrangeira (inglês, francês ou espanhol) serão aceitas. Caso o autor deseje a publicação em português, a tradução ficará a seu encargo.
3. Resenhas, entrevistas e análises críticas que estejam articuladas à proposta e objetivos desta revista, podem ser enviados para apreciação.
4. Serão aceitos artigos com até 4 autores.
5. Os textos deverão seguir as normas técnicas da REVISTA ALPL aqui definidas:
 - 5.1. Título fonte Arial 14, negrito, centralizado, em português, inglês e francês (ou espanhol) acima de cada resumo.
 - 5.2. Resumo, fonte Arial 11, espaço simples, antecedendo o corpo do artigo, em português, inglês e francês (ou espanhol) composto de 200 a 250 palavras. Três palavras-chave separadas por ponto.
 - 5.3. Documento no formato Word for Windows; fonte Arial 12; Espaço 1,5; justificado; as figuras e tabelas estão inseridas no texto; margens superior e inferior 3cm; esquerda e direita 2cm.
 - 5.4. As citações bibliográficas devem ser inseridas no corpo do texto. Todas as citações devem estar com referência indicada.
 - 5.4.1. Citações com menos de 4 linhas devem ser incorporadas ao texto entre aspas, acompanhadas por referência (nome do autor em caixa alta, ano da obra (opcional)/ ano da publicação da referência, número da página).

Exemplos:

“o que é dito não está noutra lugar senão no que se ouve. É isso a fala” (LACAN, 1971-1972/ 2012, p.221).

“Na fase de organização pré-genital sádico-anal, ainda não cabe falar de masculino e feminino; a oposição entre ativo e passivo é a dominante” (FREUD, 1923/ 2020, p. 242).

“no giro dos discursos é o corte – o espaço que permite o movimento –, e a topologia vem tratar desse espaço. O sentido tem a ver com a orientação, com a direção do tratamento” (RODRIGUES, 2013, p. 18).

5.4.2. Citações a partir de 4 linhas, sem aspas, espaço simples, recuo à esquerda e à direita de 3 centímetros e fonte Arial 11; acompanhadas de referência (nome do autor apenas com a primeira letra em maiúscula, ano da obra (opcional)/ ano da publicação da referência, número da página).

Exemplos:

Lalande é o nome de um conhecido dicionário de filosofia da língua francesa. Lalangue, lalingua, é justamente a língua que escapa do dicionário, na medida em que está para além do campo semântico, para além dos sentidos das palavras. ... é através do sintoma que lalingua faz do corpo um corpo falante (Quinet, 2017, p. 81). Com efeito, é unicamente pelo equívoco que a interpretação opera. É preciso que haja alguma coisa no significante que ressoe. É surpreendente que isso não tenha ocorrido aos filósofos ingleses. Eu os chamo assim porque não são psicanalistas. Acreditam ferreamente que a fala não tem efeito. Estão errados. Imaginam que há pulsões, e isso quando se dispõem a não traduzir Trieb por instinct. Não imaginam que as pulsões são, no corpo, o eco do fato de que há um dizer. Esse dizer, para que ressoe, para que consoe, outra palavra do sintoma masdaquino, é preciso que o corpo lhe seja sensível. É um fato que ele o é. Porque o corpo tem alguns orifícios, dos quais o mais importante é o ouvido, porque ele não pode se tapar, se cerrar, se fechar. É por esse viés que, no corpo, responde o que chamei voz. O embaraçoso é que, certamente, não há apenas o ouvido, e que o olhar lhe faz uma eminente concorrência. (Lacan, 2007, p.18-19)

5.5. As notas devem estar no final do texto (Arial 10, espaço simples), antes das Referências Bibliográficas.

5.6. Os artigos devem ter um mínimo de 7 e um máximo de 10 páginas, incluindo os 3 resumos, figuras, gráficos, quadros, imagens, notas de fim de texto e referências bibliográficas. Resenhas, entrevistas ou outros textos, devem ter até três páginas.

5.7. O número de Referências Bibliográficas não pode exceder a 15. Referências, espaço simples, Arial 12, alinhamento à esquerda, ordenadas por ordem alfabética do nome do(s) autor(es). Nome dos autores em caixa alta, ano ao final da referência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS EXEMPLOS

BISHOP, A. J. O desejo em questão: ética da psicanálise e desejo do analista *Psychê*, v11, n. 21 —p. 183-199, 2016.

BURK, B. *Introdução à Clínica Lacaniana*. São Paulo: Edgard Blücher, 1996.

CASTRO, E. A topologia de Lacan. 2001. Disponível em: <<http://ecastro.com.sapo.pt>>. Acesso em: 05/10/2021.

CUNNINGHAM, S. Desejo e Gozo. In: ZIMMERMANN, W.; CUNNINGHAM, S.(Eds.). *Conceitos Fundamentais da Psicanálise*. Brasília: Editores Associados, p. 67-76, 2020.

DARMON, M. *Ensaio sobre a topologia lacaniana*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

LACAN, J. *L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre (1976-1977)*. Salvador: Edição heReSIa, s/d.

LACAN, J. (SD). *A terceira (1974)*. Disponível em <http://lacanempdf.blogspot.com/2019/04/a-terceira-jacques-lacan-1974.html> Acesso em: 07/03/2021

LACAN, J. *O Seminário Livro 19: ...ou pior (1971-1972)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.6. Os artigos devem ser enviados em identificação. Nome(s) do autor(es), e-mail e afiliação institucional em texto separado. Enviar os arquivos para o e-mail da revista: revistaalpl@gmail.com

6. Os artigos devem ser enviados sem identificação. Nome(s) do autor(es), e-mail e afiliação institucional em texto separado. Enviar os arquivos para o e-mail da revista:

revistaalpl@gmail.com

7. O parecer favorável dos avaliadores não implica a publicação automática dos artigos. As publicações seguirão a ordem de recebimento e aceite para publicação, de acordo com a política editorial da Revista ALPL e com o volume de artigos submetidos e avaliados positivamente. Se o artigo aprovado não for publicado no prazo de um ano, o autor poderá informar sua desistência de publicação junto a esta revista.

8. Os autores de artigos publicados na Revista ALP, conferem à redação da Revista ALPL os direitos de indexação, em redes nacionais e internacionais.

9. Dúvidas podem ser encaminhadas para o e-mail da revista:

revistaalpl@gmail.com.

Revista ALPL

Associação Livre - Psicanálise em Londrina
www.associacaolivrepsicanalise.com.br

LIVRE
 11 Jornada
**Psicopatologias:
 Sujeito e Estrutura**
 21 e 22 de Novembro
 2014

LIVRE
 VIII JORNADA DA ASSOCIAÇÃO LIVRE - PSICANÁLISE EM LONDRES
ANGÚSTIA
 JORNADA ONLINE
 Google Meet
17 E 24.04.21
 DAS 09H AS 12H
 INSCRIÇÕES EM
 WWW.ASSOCIACAO.LIVRE.PSICANALISE.EM.LONDRES
 PARA A JORNADA SEJA ENVIADO APÓS A CONFIRMAÇÃO DA INSCRIÇÃO.

O ATO ANALÍTICO
 COM DURVAL CHECCINATO
 Os dois pressupostos do processo analítico sustentados no Rêus
 foi o modelo de Costa Emília de Faria e o modelo
 de processo analítico de psicanálise estrutural do
 Rêus Centro de Estudos Freudianos (CEF).
23 E 24 DE NOVEMBRO NO AUDITÓRIO DA ACIL
 Associação Comercial e Industrial de Londrina
 Zoológico Velho - Fátima de Godim, 8 - Fátima Garcia, 207 - Centro, Londrina - PR

ASSOCIAÇÃO
LIVRE
 PSICANÁLISE EM LONDRES
I Jornada da
LIVRE
O analista: sua função e
formação
23 DE NOVEMBRO
2013
 Londrina/PR
 www.associacao.livrepsicanalise.br

LIVRE
 VII JORNADA DA ASSOCIAÇÃO LIVRE - PSICANÁLISE
C O R P O
Sintoma
 AS IMPROPRIEDADES DO CORPO
 COM LEONARDO DANZIATO
 PSICANALISTA E ARQUITETA BRASILEIRA FUNDADORA DO INSTITUTO PSICANALÍTICO
 MARIANA FERREIRA - TRANSMISSÃO DA PSICANÁLISE
DE 22 A 23 DE NOVEMBRO, DAS 8H30 AS 18H00

LIVRE
 IX JORNADA
OBJETO DA PSICANÁLISE
 PARTICIPAÇÕES ESPECIAIS:
 Aurélio Souza, Sandra Pedreira
 e Clara Crugliak.
COMEMORAÇÃO DOS 100 ANOS
O FANAL
 24 E 25 DE NOVEMBRO
 2022
 DIAS 02 E 03 DE DEZEMBRO DE 2022
 JORNADA INTEGRAL
 Presencial - auditório da ACIL - Fátima Garcia, 207 - Centro - Londrina - PR
 Ou On-line - através do Google Meet
 INSCRIÇÕES:
 www.livrepsicanalise.br - período de inscrição: 01/10/2022 - 30/10/2022
 PROFISSIONAIS: 180 R\$ (a partir de 14/11/22)
 200 R\$ (a partir de 16/11/22)
 ESTUDANTES: 120 R\$ (a partir de 14/11/22)
 150 R\$ (a partir de 16/11/22)

LIVRE
 IV JORNADA DA ASSOCIAÇÃO LIVRE - PSICANÁLISE EM LONDRES
A Repetição
 PAULO P. CARVALHO
 2013